

TECNODIVERSIDADE

Conexões Entre Ciência, Cultura e Futuro

Jader Silveira (Org.)

v. 1 - 2025

uniatual
EDITORA

TECNODIVERSIDADE

Conexões Entre Ciência, Cultura e Futuro

Jader Silveira (Org.)

v. 1 - 2025

uniatual
EDITORA

© 2025 – Uniatual Editora

www.uniatual.com.br

universidadeatual@gmail.com

Organizador

Jader Luís da Silveira

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Uniatual

Revisão: Respectivos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tecnodiversidade: Conexões Entre Ciência, Cultura e Futuro -
Volume 1
S587t / Jader Luís da Silveira (organizador). – Formiga (MG): Uniatual
Editora, 2025. 161 p.: il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-86013-95-5
DOI: 10.5281/zenodo.16974922

1. Coletânea. 2. Conhecimento. 3. Transformação. 4. Cultura. I.
Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 001.4
CDU: 001

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Uniatual Editora
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.uniatual.com.br
universidadeatual@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:
<https://www.uniatual.com.br/2025/08/tecnodiversidade-conexoes-entre-ciencia.html>



**TECNODIVERSIDADE:
CONEXÕES ENTRE CIÊNCIA, CULTURA E FUTURO**

Volume 1

AUTORES

**Amanda Carichelli Drumond Silva
Ana Claudia Menezes Araujo
Andressa Vitória Rodrigues da Silva
Antônio Pereira Tavares Neto
Fagner Gomes do Nascimento
Fernanda Paula Da Silva
Gabrielly Thereza Oliveira Amorim De Souza
Guilherme Augusto Beserra Araujo
Lizandra dos Santos Almeida
Lucas Bastos Ipi
Lucimar da Silva Pereira Junior
Maria Eduarda de Melo Viana
Maria Eduarda Vidal de Sousa
Maria Luiza Oliveira de Souza
Pedro Henrique Pereira Amaral
Rebeca Lopes Andrade
Renato Paes Rodrigues
Ricardo Nascimento Ferreira
Rosalina Alves Nantes
Sofia Moraes Cutrim
Thales Kroth de Souza**

APRESENTAÇÃO

O presente livro, intitulado *Tecnodiversidade: Conexões Entre Ciência, Cultura e Futuro*, insere-se no campo das reflexões contemporâneas acerca das múltiplas interações entre os saberes científicos, as práticas culturais e as transformações tecnológicas que delineiam o horizonte da humanidade. Sua proposta é tanto ousada quanto necessária: pensar a diversidade tecnológica não apenas como um fenômeno instrumental, mas como um processo vivo, enraizado nas dinâmicas sociais, históricas e simbólicas que moldam o presente e projetam o futuro.

A noção de tecnodiversidade aqui apresentada convida o leitor a ultrapassar as fronteiras tradicionais que segregam ciência, tecnologia e cultura em compartimentos estanques. O texto parte do reconhecimento de que a inovação não se dá no vácuo, mas é resultado de interações complexas, entrelaçadas a valores éticos, identidades coletivas, experiências estéticas e formas plurais de conhecimento. Assim, o livro propõe uma visão ampliada, que integra a ciência em diálogo com os patrimônios culturais, ressignificando a tecnologia como produto e também como vetor de transformação social.

Na contemporaneidade, em que os avanços científicos e tecnológicos sucedem-se com velocidade vertiginosa, surgem também desafios inéditos. Questões éticas sobre inteligência artificial, biotecnologia, mudanças climáticas e inclusão digital revelam a necessidade de um olhar crítico, capaz de compreender tanto os benefícios quanto os riscos daquilo que criamos. Mais do que instrumentos, as tecnologias se tornam linguagens que moldam comportamentos, estruturam economias e definem novas possibilidades de existência. Nesse sentido, a tecnodiversidade, ao articular ciência, cultura e futuro, oferece um campo fértil para o exercício da reflexão crítica e para a elaboração de respostas criativas às demandas do nosso tempo.

Este livro apresenta-se, portanto, como obra de caráter interdisciplinar e transdisciplinar. Sua construção valoriza não apenas a erudição científica, mas também o diálogo com práticas culturais e com a imaginação projetiva. Cada capítulo ilumina, a seu modo, facetas da complexa tessitura entre inovação, diversidade de saberes e desafios

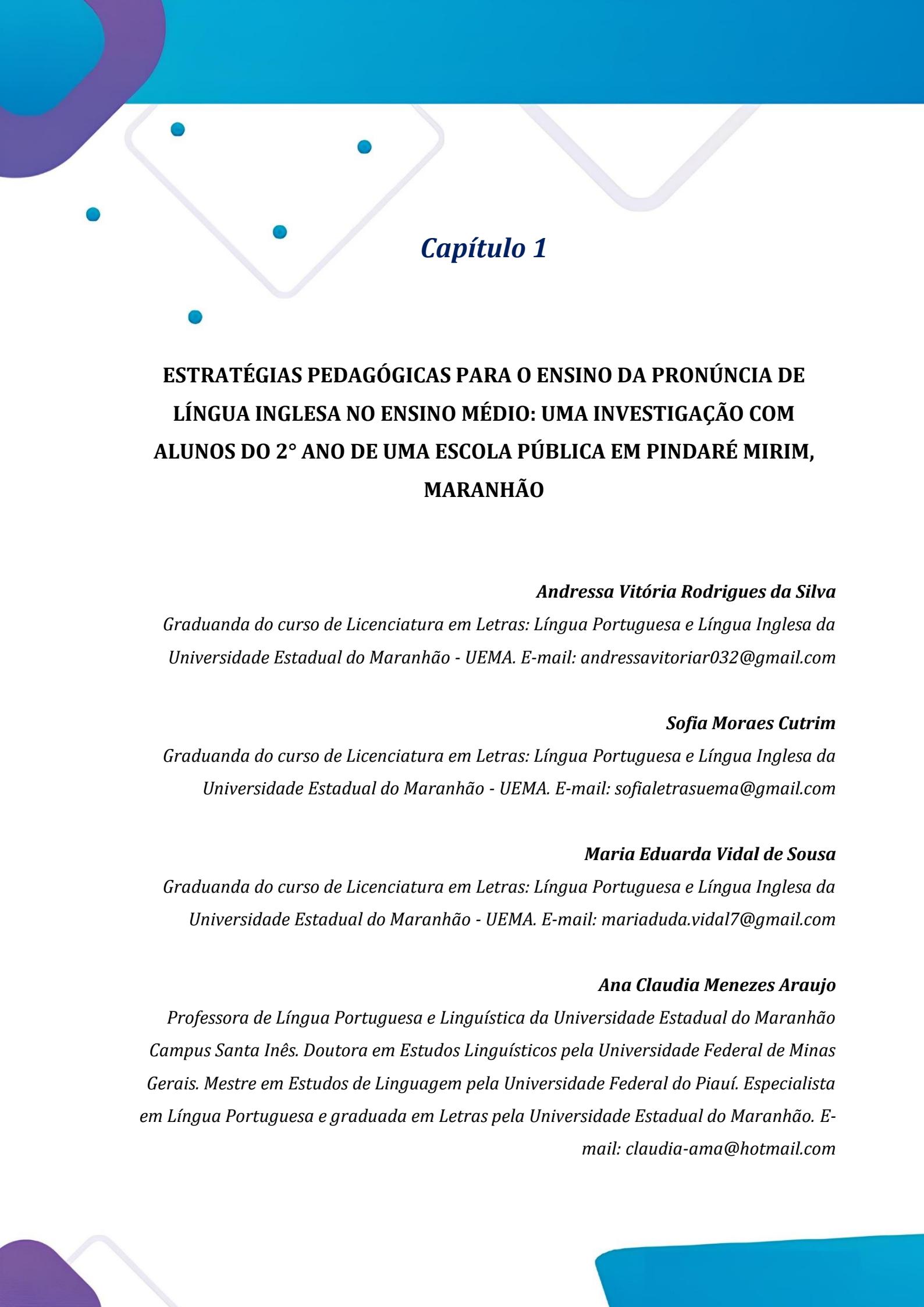
civilizatórios, convidando o leitor a compreender a tecnologia não como destino inexorável, mas como construção humana sujeita a escolhas, responsabilidades e possibilidades.

A leitura que aqui se abre é, ao mesmo tempo, um convite e uma provocação. Convida ao mergulho em reflexões profundas sobre a pluralidade de caminhos possíveis para o futuro tecnológico e cultural da humanidade; provoca, porque desafia o leitor a questionar modelos hegemônicos e a reconhecer a riqueza da diversidade como fonte de criação e de resistência. *Tecnodiversidade: Conexões Entre Ciência, Cultura e Futuro* é, assim, um livro que se inscreve no horizonte das obras que não apenas informam, mas inspiram.

Ao final de cada página, o leitor perceberá que o futuro não é um ponto distante e abstrato, mas uma construção contínua, moldada pelas escolhas que fazemos no presente. Que este livro sirva como guia, inspiração e estímulo para pensarmos a ciência e a tecnologia a partir de uma perspectiva plural, ética e humanizadora, capaz de tecer pontes entre a racionalidade e a sensibilidade, entre o conhecimento e a cultura, entre o presente e o porvir.

SUMÁRIO

Capítulo 1 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA PRONÚNCIA DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO COM ALUNOS DO 2º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM PINDARÉ MIRIM, MARANHÃO	10
Andressa Vitória Rodrigues da Silva; Sofia Moraes Cutrim; Maria Eduarda Vidal de Sousa; Ana Claudia Menezes Araujo; Fagner Gomes do Nascimento	
<hr/>	
Capítulo 2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA FALA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE SANTA INÊS-MA	26
Lucas Bastos Ipi; Fernanda Paula Da Silva; Lizandra dos Santos Almeida; Ana Claudia Menezes Araújo; Fagner Gomes do Nascimento	
<hr/>	
Capítulo 3 EXPLORANDO OS ESTADOS FÍSICOS DA ÁGUA: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	40
Pedro Henrique Pereira Amaral; Maria Luiza Oliveira de Souza; Lucimar da Silva Pereira Junior	
<hr/>	
Capítulo 4 DIFÍCULDADES DE COESÃO E COERÊNCIA: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA CONCEIÇÃO CUNHA MAGALHÃES, EM PINDARÉ MIRIM - MA	55
Rebeca Lopes Andrade; Guilherme Augusto Beserra Araujo; Ana Claudia Menezes Araujo; Fagner Gomes do Nascimento	
<hr/>	
Capítulo 5 DO PALÁCIO AO ASFALTO: A RUPTURA ENTRE O DISCURSO OFICIAL E A INSURGÊNCIA POPULAR NO RECIFE DE 2021	66
Antônio Pereira Tavares Neto; Rosalina Alves Nantes	
<hr/>	
Capítulo 6 SANTA RESISTÊNCIA: IRMÃ MÔNICA, A MILITANTE DO AMOR E A (RE)CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO CRISTÃO SOBRE AS MINORIAS	88
Antônio Pereira Tavares Neto	
<hr/>	
Capítulo 7 A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO E A FORMAÇÃO ÉTICA DO INDIVÍDUO	107
Renato Paes Rodrigues	
<hr/>	
Capítulo 8 VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA HISTÓRIA COLONIAL HISPANO-PORTUGUESA	119
Thales Kroth de Souza	
<hr/>	
Capítulo 9 USO DA BPMN COMO ESTRATÉGIA DE OTIMIZAÇÃO NO PLANEJAMENTO E GESTÃO DE PROJETOS DA EMBIO	148
Amanda Carichelli Drumond Silva; Gabrielly Thereza Oliveira Amorim De Souza; Maria Eduarda de Melo Viana; Ricardo Nascimento Ferreira	



Capítulo 1

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DA PRONÚNCIA DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA INVESTIGAÇÃO COM ALUNOS DO 2º ANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM PINDARÉ MIRIM, MARANHÃO

Andressa Vitória Rodrigues da Silva

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: andressavitoriar032@gmail.com

Sofia Moraes Cutrim

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: sofialetrasuem@gmail.com

Maria Eduarda Vidal de Sousa

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: mariaduda.vidal7@gmail.com

Ana Claudia Menezes Araujo

Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Estadual do Maranhão Campus Santa Inês. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Língua Portuguesa e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: claudia-ama@hotmail.com

Fagner Gomes do Nascimento

Professora do Departamento de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão Campus Santa Inês. Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão.

fagnernascimento01@yahoo.com.br

RESUMO

Pode-se afirmar que o ensino de língua inglesa no brasil enfrenta grandes desafios, principalmente no que se refere a prática da pronúncia. Isso deve-se a problemas como lacunas na formação dos professores e ausência de estratégias de ensino que realmente trabalhem a prática da pronúncia de forma eficiente. Diante disso, o presente estudo visou investigar as estratégias pedagógicas voltadas para o ensino de pronúncia de língua inglesa utilizadas no 2º ano do ensino médio de uma escola pública, localizada na cidade de Pindaré-Mirim, no Maranhão. A pesquisa, de natureza aplicada e exploratória, envolveu 27 alunos e o professor de inglês da turma, além disso, utilizou questionários como principais instrumentos de coleta de dados. Os resultados obtidos indicaram que o professor integra variados recursos ao ensino de pronúncia de língua inglesa, principalmente recursos digitais. Ademais, os alunos que participaram das atividades relataram desenvolver maior autoconfiança e melhorias na pronúncia. Assim, o estudo reforça a importância de metodologias estratégicas de ensino que integrem a pronúncia ao currículo, promovendo um aprendizado mais eficaz.

Palavras-chave: Língua inglesa. Pronúncia. Ensino de línguas. Estratégias pedagógicas.

ABSTRACT

It can be stated that English language teaching in Brazil faces significant challenges, especially regarding the practice of pronunciation. This is due to issues such as gaps in teacher training and the lack of effective teaching strategies that truly address pronunciation practice. In this context, the present study aimed to investigate the pedagogical strategies used for teaching English pronunciation in the 2nd year of high school at a public school located in the city of Pindaré-Mirim, Maranhão. The research, applied and exploratory in nature, involved 27 students and the class's English teacher, and used questionnaires as the main data collection instruments. The results indicated that the teacher incorporates various resources into English pronunciation teaching, especially digital tools. Furthermore, the students who participated in the activities reported increased self-confidence and improvements in their pronunciation. Thus, the study reinforces the importance of strategic teaching methodologies that integrate pronunciation into the curriculum, promoting more effective learning. Língua Inglesa.

Keywords: English language. Pronunciation. Language teaching. Pedagogical strategies.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o ensino de língua inglesa no Brasil tem evoluído consideravelmente. Essa inovação nas metodologias reflete a crescente necessidade de maior proficiência na língua, que com o passar dos anos se consolidou como um idioma requisitado não apenas no mercado de trabalho, mas também no meio social.

Apesar de haver essa inovação metodológica, a prática pedagógica voltada para o ensino de inglês em escolas públicas, principalmente no que tange a prática da pronúncia, ainda enfrenta muitos desafios. Segundo Watkins, Brawerman-Albini e Bertochi (2010, apud Albini; Kluge, 2013, p. 2), “muitos alunos e professores de inglês comentam que a pronúncia é constantemente deixada de lado, sem treinamento específico.” Isso deve-se a problemas como lacunas na formação dos professores, que não se sentem confiantes para trabalhar essa etapa do processo de ensino-aprendizagem, além da escassez de materiais didáticos adequados e da ausência de estratégias de ensino que realmente trabalhem a prática da pronúncia de forma eficiente (Hashimoto; Neto, 2018).

Nessa perspectiva, tais dificuldades acabam por ocasionar um grande foco em gramática e leitura, enquanto as habilidades de fala e pronúncia recebem menos atenção dada as dificuldades que persistem nessa prática. Diante do exposto e da necessidade de se investigar como está o ensino de pronúncia de inglês nas escolas de Pindaré Mirim, cidade localizada no Maranhão, a questão norteadora proposta é: quais são as estratégias pedagógicas utilizadas para o ensino de pronúncia no 2º ano do ensino médio do Instituto Estadual do Maranhão-IEMA Pleno Pindaré-Mirim e como elas impactam o desenvolvimento oral dos alunos? Ademais, o presente artigo tem como objetivo geral: investigar as estratégias pedagógicas de ensino de pronúncia utilizadas nas aulas de língua inglesa no 2º ano do ensino médio do Instituto Estadual do Maranhão -IEMA Pleno Pindaré-Mirim.

O presente artigo está organizado em cinco seções. Inicialmente, abordamos o ensino de línguas e o ensino de pronúncia, em seguida, apresentamos a metodologia empregada para a realização da pesquisa e a análise dos dados obtidos. Como última seção, apresentamos as considerações finais do artigo.

2 O ENSINO DE LÍNGUAS

O ensino de línguas estrangeiras, especialmente o inglês, tem adquirido crescente notoriedade e acessibilidade nas últimas décadas. Esse fenômeno vem sendo impulsionado por diversos fatores, como a globalização e a digitalização, os quais têm transformado as dinâmicas de comunicação e interação global. A globalização, por sua vez, intensificou a necessidade de um idioma comum que facilite trocas econômicas, científicas e culturais entre países (Krieger, 2003, apud Mattos, 2011, p. 159). Nesse contexto, o inglês consolidou-se como língua franca, permitindo a interconexão de pessoas e instituições em uma escala global.

Além disso, a digitalização tem desempenhado um papel essencial no ensino de línguas. Segundo Moran (2000, p. 45), o avanço das tecnologias digitais tornou possível o acesso a uma ampla gama de recursos multimodais, como vídeos, plataformas de aprendizagem online e aplicativos interativos, que enriquecem o processo de aquisição de idiomas. Dessa forma, o aprendizado de línguas deixou de ser restrito a ambientes formais e passou a ser incorporado ao cotidiano por meio de experiências imersivas e contextuais.

Outro aspecto relevante está relacionado às demandas do mercado de trabalho. Estudos apontam que o domínio de um segundo idioma é um dos principais fatores de empregabilidade e mobilidade profissional em um cenário de competitividade global. Crystal (2003, p. 67) argumenta que a proficiência em inglês é um dos fatores que mais influenciam o acesso a oportunidades profissionais em empresas multinacionais, além de abrir portas para publicações científicas e acadêmicas de alto impacto. De forma similar, Graddol (2006, p. 89) destaca que o domínio do inglês é cada vez mais visto como um requisito básico em diversas áreas do conhecimento.

No âmbito educacional, o ensino de línguas não apenas proporciona benefícios práticos, mas também fomenta a ampliação de perspectivas culturais. Brown (2007, p. 123) observa que a aprendizagem de um idioma estrangeiro contribui para o desenvolvimento da empatia e da compreensão intercultural, habilidades essenciais em um mundo cada vez mais interconectado.

Portanto, o ensino de línguas estrangeiras, em especial o inglês, abrange dimensões culturais e sociais que enriquecem a formação dos indivíduos e promovem a integração global. No entanto, para que se alcance essa integração e a proficiência em

língua inglesa, antes se faz necessário possuir uma pronúncia adequada que permita a comunicação nesse idioma.

3 O ENSINO DE PRONÚNCIA

O domínio de uma língua estrangeira, como o inglês, vai além da capacidade de ler ou escrever; envolve também a competência comunicativa. Como afirma Hashimoto e Neto (2018) o ensino de pronúncia, além de possibilitar a atenção e enfoque em pontos específicos de maneira mais mecânica, deve culminar com a prática voltada para o uso autêntico da língua-alvo. Isto é, o ensino de pronúncia deve aprimorar a capacidade do aluno de se comunicar de maneira eficaz em diversas situações utilizando a língua inglesa. Nesse contexto, a pronúncia desempenha um papel essencial na construção dessa competência comunicativa.

Como diz Lima Júnior (2010, p. 750) “o domínio da pronúncia de uma L2 é imprescindível para um bom comando dela”. Isto é, com o foco de ensino na pronúncia, o aluno tem mais facilidade para dominar a língua e consequentemente fazer um bom comando dela, ou seja, utilizá-la com fluência e precisão em diversas situações.

O autor citado, comprova sua afirmação a partir da realização de uma pesquisa que utilizou sessões de instrução a partir do ensino explícito de pronúncia em salas de aula.

Segundo Hashimoto e Neto (2018, p. 188) o ensino explícito de pronúncia tem como objetivo “viabilizar o processamento das diferenças fonético/fonológicas existentes entre a LM e a LA, o que facilita a aquisição.” Desse modo, essa abordagem é utilizada para auxiliar o aluno no processo de identificação e diferenciação dos sons, além de auxiliar no seu proferimento. Então, segundo Lima Júnior (2010, p. 767), em sua pesquisa “foram realizadas apenas 16 sessões de intervenção de 15 minutos cada, dentro de uma carga horária de 35 aulas de 1 hora e 40 minutos cada”.

Após o final das pesquisas foi revelado que, mesmo com intervenções limitadas, os alunos apresentaram melhorias significativas na inteligibilidade da pronúncia:

A explicação proposta é que os alunos da turma com as intervenções, por causa das aulas explícitas de pronúncia que tiveram, foram conscientizados acerca da importância de se aprender a pronúncia da L2. Dessa maneira, esses alunos podem ter ficado mais atentos com relação à sua produção fonético-fonológica e com ouvidos mais aguçados para a percepção dos sons do inglês (Lima Júnior, 2010, p. 765).

Através dessa pesquisa, nota-se que as intervenções com instrução explícita de pronúncia demonstraram efeitos positivos na conscientização dos alunos quanto à importância da pronúncia na L2. Ao se tornarem mais atentos à sua produção fonético-fonológica e com maior sensibilidade auditiva, esses alunos foram capazes de melhorar significativamente sua aprendizagem no inglês.

Diante do exposto, podemos perceber que no contexto de ensino e aprendizagem de língua inglesa, a pronúncia é um componente fundamental do domínio e consequentemente da competência comunicativa desse idioma.

No entanto, a pronúncia é frequentemente marginalizada, tanto na formação de professores quanto nas estratégias pedagógicas aplicadas nas salas de aula. Como afirmam Hashimoto e Neto (2018, p. 177): “o ensino de pronúncia na aprendizagem de um idioma ainda é um tema de muita discussão e, por muitos, é considerada uma habilidade de menor relevância do que as demais, tais como a redação, a leitura ou a compreensão auditiva. Nota-se então como o ensino de pronúncia é muitas vezes considerado secundário em relação a outras habilidades, como leitura e escrita.

Morley (1994, apud Hashimoto; Neto, 2018) confirma essa negligência, apontando que muitas vezes os professores não possuem a formação adequada para ensinar a pronúncia de forma eficaz.

Outro fator que contribui para essa marginalização é o foco excessivo em gramática e nas metodologias de ensino tradicionais, além da escassez de materiais didáticos especificamente voltados para o ensino da pronúncia. Como afirmam Hashimoto e Neto (2018):

O Guia do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático, 2015), contempla critérios para seleção de livros didáticos a serem utilizados em escolas públicas do país. Dentre esses, aparecem pelo menos quatro que, de certa forma, trabalham com a produção oral e a consideram um aspecto importante no momento de selecionar que material utilizar. Mas somente um que se volta para pronúncia, especificamente (Hashimoto e Neto (2018, p. 179).

A citação enfatiza que, entre os livros didáticos que foram analisados, apenas um dedica atenção específica ao ensino de pronúncia. Isso sugere que, embora a produção oral seja considerada, o ensino específico de pronúncia, que é um aspecto fundamental para a comunicação clara, ainda é algo menos prioritário nos materiais didáticos em uso.

Em suma, a falta de atenção ao ensino de pronúncia, a escassez de materiais didáticos adequados, a limitação das estratégias pedagógicas e a insuficiente capacitação

dos professores compromete o aprimoramento da pronúncia dos alunos e consequentemente a sua aquisição de habilidades comunicativas que são processos essenciais no contexto do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

A presente pesquisa consiste em um estudo de natureza aplicada e de cunho exploratório que visou investigar as estratégias pedagógicas de ensino de pronúncia utilizadas nas aulas de língua inglesa dos alunos do 2.^º ano do ensino médio.

3.2 Colaboradores da pesquisa

Os colaboradores da pesquisa foram 27 alunos do 2^º ano do ensino médio e o professor de Língua Inglesa da turma pertencente ao Instituto Estadual do Maranhão - IEMA Pleno Pindaré-Mirim. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido de forma digital, visto que a aplicação ocorreu de forma remota.

3.3 Procedimentos de coleta e análise dos dados

Inicialmente realizamos uma revisão bibliográfica a respeito dos estudos já publicados acerca da temática “ensino de pronúncia de língua inglesa” que serviu como embasamento teórico para a elaboração e fundamentação do artigo. Após essa etapa passamos para a aplicação dos questionários, que ocorreu de forma remota, pois as aulas presenciais dos alunos estavam suspensas. Como procedimento de coleta de dados utilizamos dois questionários que tinham como temática central o ensino de pronúncia.

Os questionários foram disponibilizados através da plataforma *Google Forms*, de modo que aplicamos um ao professor, contendo 8 questões e outro para os alunos, contendo 7 questões. Ambos os questionários possuíam questões de cunho quantitativo e de cunho qualitativo. Eles permaneceram abertos por 40 minutos, tempo suficiente para que o professor e os alunos respondessem as perguntas.

Por fim, a análise dos dados foi feita mediante triangulação. De acordo com Günther (2006, apud Figaro, 2014, p. 4) “A triangulação é a utilização de diferentes

abordagens metodológicas do objeto empírico para prevenir possíveis distorções relativas tanto à aplicação de um único método quanto a uma única teoria ou um pesquisador.” Isto é, a triangulação consiste em um processo que combina dados obtidos de diferentes fontes, dando maior credibilidade e permitindo uma maior compreensão dos resultados. Diante disso, realizamos a análise com base na combinação entre os dados quantitativos e qualitativos dos questionários aplicados.

4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme o descrito na metodologia, foram elaborados dois questionários, um aplicado ao professor de inglês com 8 questões e outro aos alunos do 2º ano do ensino médio, com 7 questões. Do questionário dos alunos, recebemos 27 respostas para cada pergunta, todavia, das 27 respostas advindas das questões qualitativas foram escolhidas entre 3 e 5 respostas de cada questão para serem analisadas.

4.1 Questionário aplicado ao professor

Na primeira questão “**Quais métodos ou técnicas de ensino de pronúncia você costuma utilizar em suas aulas de inglês?**”. Obtivemos a seguinte resposta: “Escuta com áudios como músicas, conversação, uso de aplicativos como o *Duolingo*, *Cake*, dentre outros”. Diante disso, pode-se notar que o professor volta o seu ensino para uma abordagem mais lúdica como a utilização de áudios, músicas, aplicativos e desenvolvimento de conversações.

Na segunda questão “**Quais materiais de apoio (como livros, áudios, aplicativos) você utiliza para auxiliar os alunos na prática de pronúncia?**” Obtivemos a seguinte resposta: “Sites da internet como, *Ello English*. Canais do *YouTube*, caixa de som, microcomputador, dentre outros.” Percebe-se que o professor utiliza materiais diversos para auxiliar na prática da pronúncia. O *Ello English* e o *Youtube* são plataformas que oferecem uma vasta gama de recursos audiovisuais em inglês sobre as mais diversas temáticas e que podem ser consideradas como ferramentas muito eficientes para o aprimoramento da pronúncia de Língua Inglesa. Além de se tornarem uma opção alternativa aos livros didáticos, pois como afirma Hashimoto e Neto (2021, p. 178), muitos

livros didáticos não abordam a prática da pronúncia de forma integrada com as outras habilidades ou, por vezes, nem a abordam de forma alguma, o que prejudica o seu ensino.

Na terceira questão “**Quais são as principais dificuldades que você observa nos alunos em relação à pronúncia de língua inglesa?**” Obtivemos a seguinte resposta: “Falta de contato com a língua, timidez, deficiências advindas das séries anteriores, etc.” Diante do exposto, pode-se destacar que a falta de contato com a língua é uma das dificuldades mais prejudiciais ao ensino, pois sem o contato, os alunos não conseguem colocar em prática o conhecimento que possuem e não conseguem adquirir e melhorar o seu vocabulário de inglês. A timidez é outro obstáculo comum, pois pode influenciar negativamente o proferimento das palavras, principalmente se for feito em público. Além disso, como o professor destaca, há ainda a presença de outras dificuldades que não foram trabalhadas nas séries anteriores e por isso continuam presentes no processo de domínio da pronúncia em Língua Inglesa desses alunos.

Na quarta questão “**Com que frequência você realiza atividades específicas para o desenvolvimento da pronúncia durante as aulas?**”, obtivemos a seguinte resposta: “Frequentemente.” Observa-se que o professor demonstra grande dedicação ao aprimoramento da pronúncia dos alunos, pois trabalha essa prática frequentemente, ou seja, na maioria das aulas.

Na quinta questão “**Com as estratégias adotadas, você percebeu alguma melhora no desempenho oral dos alunos ao longo do ano letivo?**”, a resposta obtida foi: “Sim.” Esse resultado mostra que as estratégias feitas pelo professor foram eficazes no desenvolvimento da pronúncia dos alunos. O resultado de melhora evidencia o impacto positivo de práticas pedagógicas utilizadas, como o uso de recursos tecnológicos (aplicativos, YouTube, sites etc).

Na sexta questão “**Você acha que as atividades de pronúncia contribuíram no desenvolvimento da autoconfiança dos alunos ao falar em inglês?**”, resposta: “Sim.” A resposta do professor destaca que as atividades de pronúncia realizadas ajudam os alunos a se sentirem mais confiantes ao falar em inglês. Isso mostra como práticas voltadas para a pronúncia podem melhorar a autoconfiança dos estudantes na língua.

Na sétima questão “**Durante a aplicação das atividades, você fornece feedbacks a respeito de como está a pronúncia dos alunos?**” Obtivemos a seguinte resposta: “Sim.” Nessa resposta, o professor evidencia que há o retorno para os alunos da qualidade da sua pronúncia e o que eles precisam aprimorar nela.

Na oitava questão “**Todos os alunos participam das atividades práticas voltadas para a pronúncia?**” Foi obtida a seguinte resposta “Sim, mas alguns alunos participam com menor frequência ou hesitação.” Com essa resposta do professor foi possível observar que, embora todos os alunos participem das atividades práticas, o nível de envolvimento varia. Alguns demonstram receio ou participam menos, possivelmente por questões como timidez ou insegurança, o que pode dificultar a interação e o aproveitamento das atividades.

4.2 Questionário aplicado aos alunos:

Na primeira questão “**Quais tipos de atividades voltadas para a prática da pronúncia de língua inglesa o professor mais aplica em sala?**”, foram obtidas as seguintes respostas:

- "Diálogo, para praticar a pronúncia e leitura".
- "A leitura em voz alta".
- "Leitura em voz alta, diálogos, repetição de palavras, escuta".
- "Tradução de música e Diálogo".

Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

As respostas demonstram que assim como o professor respondeu em seu questionário, ele realmente utiliza atividades variadas, como diálogos, leitura em voz alta, repetição de palavras, escuta e até tradução de músicas. Isso sugere que o professor utiliza uma abordagem diversificada para trabalhar a pronúncia, o que é positivo para a aprendizagem do aluno, uma vez que torna o ensino mais ativo e interessante. A leitura em voz alta e os diálogos são atividades que ajudam os alunos a praticarem a pronúncia em contextos reais de comunicação, enquanto a repetição de palavras reforça o aprendizado de sons específicos. Além disso, a tradução de músicas pode ser uma forma envolvente de trabalhar a pronúncia.

Para a segunda questão “**Quais suas maiores dificuldades na prática de pronúncia de língua inglesa?**”. Obtivemos as respostas listadas abaixo:

- “Timidez.”
- “Nativos que unem palavras em uma frase, o que pode ser complicado para quem está

aprendendo. Por exemplo, “*What do you want to do?*” soa como “Whaddaya wanna do?”.

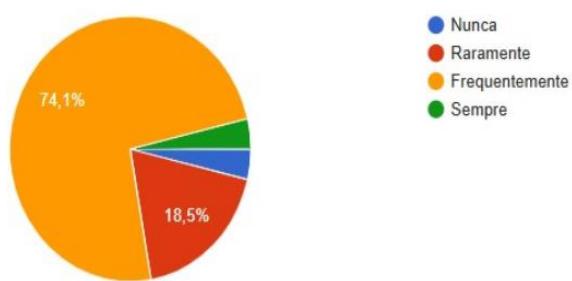
- “Dificuldades fonéticas 1. Sons de “th” (*this, that*); 2. Sons de “v” e “w” (*very, way*); 3. Ditongos (*boy, buy*).”

Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

Pode-se observar que assim como o professor destacou, a timidez é uma das dificuldades presentes no processo de domínio da pronúncia. Os alunos destacaram também a falta de prática, que ocasiona no esquecimento do que foi aprendido. Também citaram a dificuldade de pronunciar palavras como os nativos de língua inglesa, que assim como os nativos de língua portuguesa, realizam processos fonológicos que removem fonemas de diferentes partes das palavras durante o seu proferimento. Além disso evidenciaram a dificuldade em pronunciar os fonemas v e w, os ditongos, como “*boy*” e “*buy*” e os sons de th, que no Alfabeto Fonético Internacional é representado pelo fonema /ð/, e , segundo Hashimoto e Neto (2018, p.184) esse problema ocorre porque falantes do português brasileiro possuem dificuldade em pronunciarem as fricativas dentais /ð/ e /θ/, já que esses sons não existem em sua língua materna.

Na terceira pergunta, “**Com que frequência o professor utiliza atividades voltadas especificamente para a prática da pronúncia de língua inglesa?**” As respostas indicam que 74,1% afirmam que essas atividades são feitas com regularidade; por outro lado, 18,5% declararam que são raras; enquanto os restantes 7,4% se dividem entre sempre ou nunca serem realizadas.

Gráfico 1.



Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

As respostas mostraram que a maioria dos alunos (74,1%) concorda que o professor frequentemente emprega atividades focadas na pronúncia, indicando assim um resultado positivo. Apesar do resultado positivo, uma minoria apontou que o professor nunca foca na prática da pronúncia, evidenciando uma discordância em relação a resposta do professor na quarta pergunta do questionário anterior e a resposta da maioria dos alunos nesta questão.

Na quarta questão “**O professor estimula todos os alunos a participarem das atividades práticas voltadas a pronúncia de língua inglesa?**”, obtivemos o gráfico:

Gráfico 2.



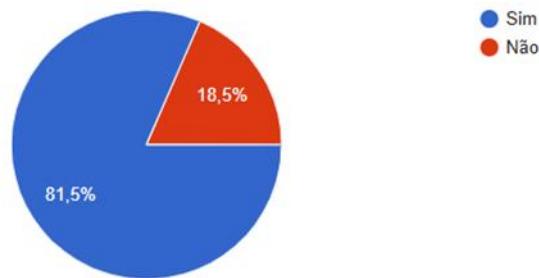
Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

Os dados mostram que 40,7% dos alunos afirmam que o professor incentiva todos a participarem das atividades de pronúncia. Por outro lado, 51,9% percebem que, apesar do incentivo, alguns colegas não se sentem à vontade, indicando a influência de fatores emocionais e sociais na participação. Além disso, 7,4% mencionam que o professor foca mais sua atenção em alguns alunos do que em outros, ressaltando assim a necessidade de estratégias que promovam a igualdade de envolvimento de todos os alunos. Nenhum estudante apontou falta de estímulo por parte do professor.

Na quinta questão “**Durante a aplicação das atividades, o professor fornece feedbacks a respeito de como está a sua pronúncia de língua inglesa?**”. Obtivemos o gráfico:

Gráfico 3.

27 respostas

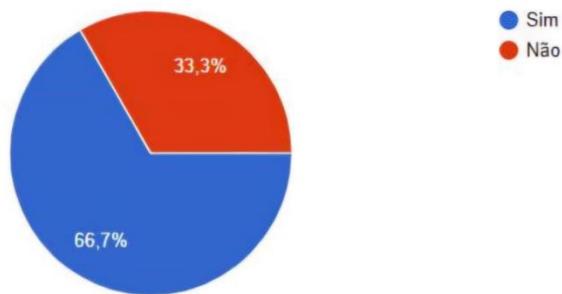


Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

Conforme explicitado na análise das respostas do questionário anterior, o professor respondeu que sim, ele fornece feedback aos alunos. Todavia, apesar da maioria dos alunos concordarem (81,5%), uma minoria (18,5%) relatou não receber esse feedback, evidenciando assim uma discordância entre o que foi relatado pelo professor e pelos alunos.

Na sexta questão “**Você sente que as atividades aumentaram a sua autoconfiança ao falar palavras em inglês?**” Obtivemos o gráfico:

Gráfico 4.

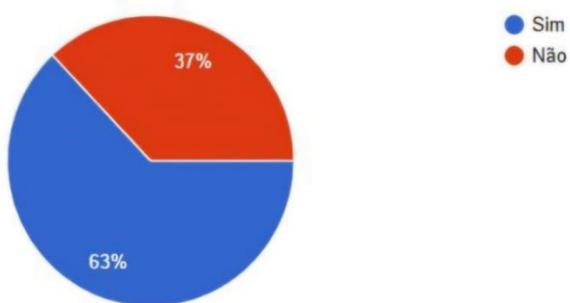


Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

A maioria dos estudantes (66,7%) acredita que as práticas de pronúncia melhoraram sua autoconfiança ao falar palavras em inglês, evidenciando um efeito positivo dessas atividades. No entanto, 33,3% não notaram esse progresso, o que pode refletir dificuldades individuais ou a necessidade de diversificar as estratégias de ensino. Isso ressalta a importância de adaptar as práticas pedagógicas para atender melhor às diferentes necessidades dos alunos.

Na sétima questão “**Você sente que sua pronúncia em inglês melhorou desde o início do semestre até o presente momento?**”, A maioria dos participantes (63%) afirmou que percebeu uma melhora na sua pronúncia em inglês desde o início do semestre, enquanto 37% indicaram que não notaram mudanças significativas.

Gráfico 5.



Fonte: Resultado da pesquisa (2024)

Os resultados mostram que as atividades realizadas ao longo do semestre tiveram um impacto positivo na pronúncia para a maioria dos estudantes. A percepção de avanço por 63% deles indica que as estratégias utilizadas pelo professor estão funcionando. No entanto, 37% afirmaram não perceber progresso, o que aponta para a necessidade de se ajustar as práticas de ensino para que possam auxiliar os alunos que relataram não obter melhora, uma vez que é fundamental que o ensino seja flexível e adaptável para que possa atender às necessidades de todos os alunos, promovendo inclusão e aprendizado efetivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou investigar as estratégias pedagógicas utilizadas no ensino de pronúncia de língua inglesa com os alunos do 2º ano do ensino médio do Instituto Estadual do Maranhão (IEMA) Pleno Pindaré-Mirim, analisando os impactos dessas estratégias no desenvolvimento oral dos estudantes. Os resultados ressaltam a importância de métodos de ensino que utilizam ferramentas tecnológicas e métodos lúdicos, tais como a utilização de aplicativos, músicas, vídeos e atividades de conversação, com o objetivo de promover aprimoramentos consideráveis na pronúncia e autoconfiança dos estudantes. Ademais, ficou claro que, mesmo com os esforços do docente em conduzir

atividades focadas na prática da pronúncia, ainda existem obstáculos a serem vencidos, tais como a timidez dos estudantes, a ausência de prática constante.

Embora os alunos e o professor tenham percebido progressos, notou-se que nem todos os alunos participam de forma equitativa, o que pode ser atribuído a aspectos pessoais e emocionais. Outro aspecto a levar em conta é a divergência entre as percepções do docente e dos estudantes em relação à regularidade das tarefas e à disponibilização de retorno, destacando a necessidade de um alinhamento mais explícito neste processo. Conclui-se que o ensino de pronúncia, embora frequentemente marginalizado em práticas pedagógicas tradicionais, é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa em língua inglesa. Para alcançar resultados ainda mais efetivos, recomenda-se a implementação de estratégias mais inclusivas, a ampliação da formação docente voltada para o ensino de pronúncia e a disponibilização de materiais didáticos mais adequados às necessidades específicas dessa habilidade. Dessa forma, será possível fomentar uma aprendizagem mais sólida e abrangente, contribuindo para o empoderamento linguístico dos estudantes e para sua inserção em um mundo cada vez mais globalizado.

REFERÊNCIAS

- ALBINI, Andressa B.; KLUGE, Denise. Professores de inglês da rede pública paranaense e o ensino da pronúncia. *Revista de Letras*, n. 14, 2013.
- Brown, Harold Douglas. (2007). *Principles of Language Learning and Teaching* (5^a edição). White Plains, Nova York: Pearson Education.
- Crystal, David. (2003). *English as a Global Language* (2^a edição). Cambridge: Cambridge University Press.
- Graddol, David. (2006). *English Next*. Londres: British Council.
- HASHIMOTO, Michelle Rie; NETO, Tufi Neder; A pronúncia no ensino de língua inglesa: uma análise de livros didáticos e implicações para a prática docente. In: **Revista Práticas de Linguagem**, v. 8, n. 1, 2018.
- KRIEGER, Maria. (2003, citado por Mattos, G.). *Perspectivas globais no ensino de línguas*. Em Mattos, Geraldo. (2011). *Educação e globalização* (p. 159). São Paulo: Editora Contexto.
- Lima Júnior, R. M. (2010). Uma investigação dos efeitos do ensino explícito da pronúncia na aula de inglês como língua estrangeira. *Revista Brasileira De Linguística Aplicada*, 10(3), 747–771.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. *O ensino de Inglês como língua estrangeira na escola pública: novos letramentos, globalização e cidadania*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-04042012-153310>. Acesso em: 26 nov. 2024.

MORAN, José Manuel. (2000). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus.



Capítulo 2

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA FALA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE SANTA INÊS-MA

Lucas Bastos Ipi

Graduando do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: ipilucas4@gmail.com

Fernanda Paula Da Silva

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: fernandapauladasilva8@gmail.com

Lizandra dos Santos Almeida

Graduanda do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: Lizandralife10@gmail.com

Ana Claudia Menezes Araújo

Doutora em Estudos e Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Letras Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Piauí. Professora Adjunto 1 de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no Campus de Santa Inês. E-mail: claudia-ama@hotmail.com

Fagner Gomes do Nascimento

Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Professor do Departamento de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão/Campus Santa Inês. E-mail: fagnernascimento01@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar os tipos de variações linguísticas presentes na fala de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental, da escola de rede pública, na cidade de Santa Inês-Ma. Para realização da pesquisa, fizeram-se presentes em sala de aula, 26 alunos, sendo possível a coleta de dados, somente com duas alunas que apresentaram o termo de consentimento assinado pelos pais ou responsável para ser possível a realização da pesquisa por meio de um questionário. O material utilizado para avaliar o nível de variação linguística desses alunos, foi um questionário com perguntas que fazem parte de suas vivências. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter exploratório e qualitativa, tendo como base, textos de autores considerados referência na temática desenvolvida, ou seja, a variação linguística como: Marco Bagno (1999), Tarallo (1986) entre outros. Diante do exposto, conclui-se que os resultados obtidos, demonstram como os diferentes usos da língua portuguesa constituem uma característica marcante do nosso idioma fazendo com que a língua seja cada vez mais rica devido à diferença na pronúncia. A variação linguística está presente na vida de todo cidadão, seja ele escolarizado ou não, independentemente da idade ou região. Ela está presente em todos os estados, nas famílias, nos jargões profissionais, no núcleo social das pessoas.

Palavras-chave: Variação linguística. Pronúncia. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

This article aims to identify the types of linguistic variations present in the speech of 7th grade students from a public school in the city of Santa Inês, Maranhão. To conduct the research, 26 students were present in the classroom, and data collection was only possible with two students who presented the consent form signed by their parents or guardians so that the research could be conducted through a questionnaire. The material used to assess the level of linguistic variation of these students was a questionnaire with questions that are part of their experiences. To this end, we conducted an exploratory and qualitative research, based on texts by authors considered references in the theme developed, that is, linguistic variation, such as: Marco Bagno (1999), Tarallo (1986), among others. In view of the above, it is concluded that the results obtained demonstrate how the different uses of the Portuguese language constitute a striking characteristic of our language, making the language increasingly rich due to the difference in pronunciation. Linguistic variation is present in the lives of every citizen, whether educated or not, regardless of age or region. It is present in all states, in families, in professional jargon, in people's social circles.

Keywords: Linguistic variation. Pronunciation. Linguistic prejudice.

1 INTRODUÇÃO

A língua está em constante transformação, e isso faz com que novas formas de expressão sejam usadas em meio aos sujeitos que pertencem à sociedade. Assim, torna-se claro que as diferenças linguísticas fazem parte de todos os idiomas, formando assim, uma variação linguística presente em determinada língua. Nesse sentido, a língua que será destaque é o Português Brasileiro, que tendo em vista as diversidades de costumes

presentes em cada região do país, faz com que haja várias formas de expressões no momento da fala.

No entanto, apesar dessa riqueza linguística presente no Brasil, tem-se como impasse para a valorização de tal variação linguística, o preconceito linguístico, onde muitas pessoas acabam julgando a fala de uma pessoa ditando o que é certo ou errado baseando-se na gramática normativa que rege a escrita. Sendo assim, o autor Marcos Bagno, torna-se destaque para combater este mal, ou seja, o preconceito linguístico presente na sociedade brasileira, onde faz com que muitas pessoas sejam desrespeitadas pela sua forma de falar, assim, ele dá ênfase da importância e riqueza da variação linguística. Além disso, a variação linguística pode ser apresentada de diversas formas no momento da fala. Mediante a isso, forma-se o seguinte questionamento que guiará o artigo, sendo ele: Quais são os tipos de variação linguística mais presentes na fala de estudantes do Ensino Fundamental?

Dessa forma, tem-se como objetivo geral: identificar os tipos de variação linguística presentes na fala de alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vitorino Freire. Por meio de pesquisas como esta, torna-se necessário um olhar sobre como a variação linguística pode ser um elemento importante na construção da identidade cultural e social, fazendo com que as diversidades sejam valorizadas, agindo como uma proteção contra esse mal (preconceito no momento da fala) presentes no corpo social. Sendo assim, essa pesquisa influenciará de forma positiva a sociedade e os estudantes sobre a relevância da variação linguística, demonstrando que a língua passa por esse processo de variação, mas que não se torna inferior à outra forma de expressão, seja ela devido ao ambiente ao qual pertence, a classe social, o sexo ou a idade, pois todas as expressões linguísticas estão carregadas de valores e costumes que merecem respeito e valorização.

Este artigo está estruturado em 5 (cinco) seções. A seção 2 trata-se da fundamentação teórica, onde é exposto os principais teóricos e conceitos relacionados à pesquisa. A seção 3 trata-se da metodologia, nela é descrito como ocorreu a pesquisa. A seção 4 diz respeito à análise e discussão de dados, onde são analisados os dados obtidos por meio do questionário e a seção 5, trata-se das considerações finais, onde apresenta as considerações sobre a pesquisa realizada.

2 EXPLORANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

2.1 A variação linguística e o ensino

Ao longo dos anos, a educação vem sendo modificada na forma de ensinar as línguas, em especial, a língua portuguesa. Nesse sentido, em 1997, o Ministério da Educação publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais, onde houve algumas mudanças na forma de ensinar todas as disciplinas escolares. Sendo assim, um dos impactos na forma de ensino da língua portuguesa foi o surgimento da Sociolinguística. Assim, dá destaque para a variação linguística que está presente em todas as línguas, levando em consideração que a língua não é imutável, ou seja, passa por diversas mudanças e variações.

No entanto, a variação linguística ainda passa por dificuldades em relação à aceitação por parte de algumas pessoas, uma vez que boa parte do corpo social vem considerando uma forma correta de expressão que é a norma padrão baseada na gramática normativa que rege a escrita. Dessa forma, a maneira de se expressar por meio da fala, por muitas das vezes fica à margem, onde muitos dizem que as outras formas de expressão não são corretas, mas isso não é verdade, pois a língua é heterogênea e não uma só forma de expressão. Dessa forma, para Marcos Bagno (1999 p. 46) "O que acontece é que em toda língua do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico". Além disso, tendo em vista a presença da diversidade de costumes presentes nos diversos estados do país, faz com que haja uma contribuição de forma significativa para o uso de diversos termos e expressões no Português Brasileiro.

A sociedade e a língua estão profundamente interligadas, uma vez que a língua está presente na sociedade por meio da fala de cada indivíduo para comunicarem-se uns com os outros. Mediante a isso, questões como a idade, a classe social, o campo geográfico, o sexo e o nível de escolaridade influenciam na fala das pessoas. Desse modo, expõe que a língua não é algo estático e que a heterogeneidade linguística e social vem ganhando destaque no universo linguístico.

Sob esse pensamento contra uma língua homogênea, Marcos Bagno (1999), na sua obra intitulada “O preconceito linguístico”, destaca alguns mitos presentes na sociedade em relação ao português brasileiro, sendo o primeiro mito: “A língua portuguesa falada no

Brasil apresenta uma unidade surpreendente" (Bagno, 1999, p. 15). Mediante tal citação, o autor vem demonstrando o equívoco em meio a população brasileira sobre o português falado no Brasil que não é uma língua que apresenta homogeneidade na pronúncia.

Evidentemente, com essa mudança no momento da fala, faz com que vários tipos de variação linguística sejam analisados como as seguintes: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical e variação estilístico-pragmática. Sendo assim, diante de diversas formas de variação, Tarallo (1986 p.8) afirma que "Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade".

Desse modo, pode-se perceber como estas variações linguísticas estão tão presentes no dia a dia, como por exemplo, a variação lexical que é o uso de outro termo para o mesmo contexto, isso é notório nas seguintes frases produzidas por duas alunas da escola de rede pública da cidade de Santa Inês-Ma:

Aluna 1:

- Moço, sua carteira caiu.
- Senhor, sua carteira caiu.
- Moça, sua carteira caiu.
- Senhora, sua carteira caiu.

Aluna 2:

- Moço, sua carteira caiu.
- Senhor, sua carteira caiu.
- Tia, sua carteira caiu.
- Senhora, sua carteira caiu.

Nesses exemplos as duas alunas chamam a atenção de algumas pessoas quando sua carteira cai, assim é possível observar que a aluna 2 faz a troca do termo "moça", dito pela aluna 1, e usa o termo "tia" para se referir à uma mulher jovem. Logo, por meio de diversas variações linguísticas, a língua demonstra a sua riqueza e sua característica dinâmica enriquecendo a língua falada na sociedade brasileira. Além disso, o ambiente escolar também contribui de forma significativa para a identificação e valorização das variações linguísticas, onde muitos profissionais trabalham em suas salas de aula, assuntos que dizem respeito à variação linguística, fazendo com que os alunos tenham

conhecimento sobre esse fenômeno linguístico que merece valorização e respeito.

2.2 O preconceito linguístico vigente nas escolas brasileiras.

Quando se estuda uma língua, é comum que de início analisaremos primeiro sua gramática. Nela encontramos os segmentos das palavras, normas e padrões que nela se destacam. Mas, para além dela entendemos que há uma pluralização de pronúncias, diversidade de falas onde ocorre a variação linguística. A língua é um produto social e o seu uso sofre modificações, como observamos nas diversas variações como a variação diatópica, variação diastrática, variação diacrônica, entre outras que enriquecem o léxico de cada indivíduo.

No entanto, o uso comumente das variações linguísticas gera preconceito por não se encaixar na codificação da norma-padrão. Bagno nos apresenta alguns motivos para o preconceito linguístico ocorrer através dos mitos que a sociedade brasileira adere. Ocasionando o ciclo vicioso que ele denomina de “Santíssima Trindade”.

Os mitos que acabamos de examinar são transmitidos e perpetuados em nossa sociedade, cada um deles em grau maior ou menor, por um mecanismo que podemos chamar de círculo vicioso do preconceito linguístico. Esse círculo vicioso se forma pela união de três elementos que, sem desrespeitar meus amigos teólogos, costumo denominar “Santíssima Trindade” do preconceito linguístico. Esses três elementos são a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos. (Bagno, 1999, p.73).



Fonte: Bagno, 1999, p.73

Ainda que tenham passado décadas desde que o livro de Bagno foi publicado, o

assunto presente ainda é muito recorrente nas escolas. O que temos aderido atualmente não difere. O ensino permanece sendo totalmente gramatical e descarta as variações linguísticas da língua portuguesa. Entende-se que ocorreram mudanças, entretanto, pouco significativas ao que enfrentamos. O ensino pode ser seletivo, sendo recorrente a desvalorização quanto a fala, a falta de representatividade nos materiais didáticos, ou até mesmo, a estigmatização dos alunos. Falas que podem ser rotuladas como “pobres”, “marginalizadas”, “burras”, “da ralé”, entre outros.

É importante ressaltar que a língua está interligada com a gramática, entretanto, o intercurso entre as tais não se consuma em uma igualdade. Bagno faz uma analogia sobre a língua e a gramática, onde a língua sofre de percurso contínuo, enquanto a gramática permanece imóvel.

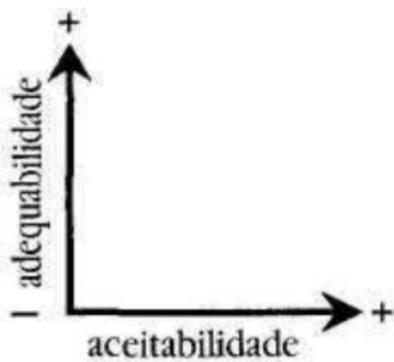
Enquanto a língua é um rio caudaloso, longo e largo, que nunca se detém em seu curso, a gramática normativa é apenas um igapó, uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um terreno alagadiço, à margem da língua. Enquanto a água do rio/língua, por estar em movimento, se renova incessantemente, a água do igapó/gramática normativa envelhece e só se renovará quando vier a próxima cheia. (Bagno, 1999, p.10).

A língua por permanecer em movimento está inteiramente em comum acordo com a sociedade ao qual ela se estabelece. Entender que a língua não trata da mortalidade da fala, mas sim, de sua vivacidade, é impossível distanciá-la da realidade. As variações, dialetos entre outras nomenclaturas que trabalham com pluralidade das falas, são adicionados ao conceito de que a língua se move. O cegamento quanto a essas questões primordiais é, portanto, um combustível para a propagação do preconceito linguístico. A busca incessante das escolas de introduzir ou tornar a gramática como o único meio de ensino da língua, desqualificando as variações sofridas pela língua é que gera o empobrecimento cognitivo.

O uso da língua é situacional. Desempenhamos diferentes formas de interação linguística por dependermos do ambiente/situação a qual nos encontramos. Bagno nos traz o conceito de adequabilidade e aceitabilidade para evocar o uso da língua nessas circunstâncias.

Se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante. Essa nossa tentativa de adequação se baseia naquilo que consideramos ser o grau de aceitabilidade

do que estamos dizendo por parte de nosso interlocutor ou interlocutores. Podemos representar tudo isso graficamente mais ou menos assim:



Fonte: Bagno, 1999, p.73

O ensino deve aderir a esse princípio de adequação, onde os alunos estarão introduzidos na formalidade que a gramática normativa exige, quanto ao uso variável da língua em suas respectivas situações. Não é aceitável o uso coloquial da língua em textos acadêmicos ou em outros parâmetros que exigem tal formalidade. Assim como, não soa bem para o uso excessivo de formalidade em uma mensagem através de chats nas redes midiáticas quando se está conversando com um amigo. Devemos nos adequar ao contexto para que haja a aceitação na comunicação através das sentenças escolhidas para serem empregadas na fala do indivíduo. A despeito dos exemplos de variação na fala de alunos citados no item anterior observamos a diversidade linguística se tratando alguns podem sofrer preconceito.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é do tipo exploratória de cunho qualitativa, onde teve como colaboradores alunos do 7º ano da rede pública do Ensino Fundamental da Escola Municipal Vitorino Freire, com o objetivo de identificar os tipos de variação linguística presentes na fala dos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da cidade de Santa Inês-Ma. Dessa forma, como colaboradores da pesquisa foram os alunos, tendo como instrumento de coleta de dados um questionário com 8 (oito) questões abertas com o

intuito de identificar os tipos de variações presentes na fala dos estudantes.

No primeiro momento, levamos os termos de consentimento esclarecido para que os alunos levassem para seus responsáveis assinarem. Em seguida, retornamos à escola durante quatro dias para coletar os dados, no entanto entre os 26 alunos presentes na sala, só foi possível coletar os dados de duas estudantes que conseguiram levar o termo de consentimento assinado pelos pais ou responsável, ou seja, isso comprometeu a nossa pesquisa devido a quantidade de dados coletados. Mas ainda assim, foi possível fazer a análise desses dados e identificar diversos tipos de variações linguísticas presentes na fala, e a idade desses estudantes variam entre 13 e 14 anos. Sendo assim, após a coleta de dados por meio do questionário, foi realizada a análise detalhada das respostas das aulas. Desse modo, além da pesquisa exploratória, foi realizada a pesquisa bibliográfica em busca de obras e artigos que tinham como temática a variação linguística, isso foi feito por meio do Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES.

4 ANÁLISE DE DADOS

Dando continuidade à pesquisa, passaremos agora para a análise dos dados obtidos por meio do questionário mencionado anteriormente com foco em estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental.

A primeira pergunta aplicada aos alunos foi: "**Se você estivesse em casa, assistindo TV com sua mãe e o controle estivesse próximo à ela, como você falaria?**" Assim, obteve-se as seguintes respostas:

Aluna 1: "Mãe, a senhora pode me passar o controle?"

Aluna 2: 'Mãe, pega o controle pra mim, por favor."

Nessas respostas pôde-se perceber a variação de léxico por parte das alunas, onde a aluna 1, apesar de também usar a palavra "mãe" assim como a aluna 2 , ela em seguida usa o termo "senhora" demonstrando um certo respeito. Isso é muito comum na sociedade brasileira, principalmente, quando não se tem uma certa intimidade com alguém ou até mesmo uma forma de respeito, as pessoas costumam usar o termo "senhora". Além disso, é notório o uso de pronomes variados como "me" e "mim", ou seja, são os mesmos contextos e as respostas possuem o mesmo valor de verdade, no entanto

devido serem sujeitos diferentes e crescerem de forma distintas, isso consequentemente refletirá no momento da fala, mesmo frequentando o mesmo ambiente escolar e morando na mesma cidade, tal resultado mostra o quanto a variação linguística é vivenciada na vida dos cidadãos no momento da comunicação.

A segunda pergunta realizada foi a seguinte: "**Vamos supor que você está andando na rua e um homem jovem deixou a carteira cair e não viu, como você chamaria a atenção dele?**

- **Se fosse um homem idoso?**
- **Se fosse uma mulher bem jovem?**
- **Se fosse uma mulher idosa?"**

As respostas obtidas foram:

Aluna 1:

- "Moço, sua carteira caiu".
- "Senhor, sua carteira caiu".
- "Moça, sua carteira caiu".
- "Senhora, sua carteira caiu".

Aluna 2 :

- "Moço, sua carteira caiu".
- "Senhor, sua carteira caiu".
- "Tia, sua carteira caiu".
- "Senhora, sua carteira caiu".

Pode-se perceber, novamente, a presença da variação lexical, onde na terceira resposta da aluna 1 tem a presença do vocativo "moça", enquanto a aluna 2 responde usando o termo "tia" quando se trata de uma mulher jovem. Assim, percebe-se que há uma maneira distinta de tratar as pessoas de diferentes idades, mesmo em um só contexto como foi citado acima. Desse modo, essas alunas demonstram na sua forma de falar que há uma série de variações presentes na língua.

A terceira pergunta feita aos alunos foi: "**O que você gosta de fazer no final de semana?**" As respostas coletas foram:

Aluna 1: "Eu gosto muito de fazer coisas de lazer como tocar violão ou treinar basquete".

Aluna 2: "Ah, eu saio com minha família pra almoçar ou então, a gente fica em casa mesmo e almoça em casa, em família".

Nessas respostas, pode-se perceber a variação pragmática, onde as duas alunas demonstram suas formas distintas de aproveitarem suas férias. A aluna 1 demonstra gostar mais de atividades como tocar violão e treinar, já a aluna 2 demonstra gostar de atividades familiares. Dessa forma, é possível perceber o quanto as vivências pessoais influenciam na forma de se expressar e o quanto elas são refletidas na nossa fala. Além disso, há uma variação morfológica no uso de pronomes como o "eu" falado pela aluna 1, e o "gente" fazendo referência ao pronome "nós", expresso pela aluna 2.

A quarta pergunta feita aos estudantes foi: "**O que você gosta de fazer nas férias?**" As respostas foram as seguintes:

Aluna 1: "Eu gosto de ficar assistindo séries. Eu gosto de tipo... terror ou fantasia."

Aluna 2: "Ah, brincar bastante. Assim, eu dexo o celular de lado, eu esqueço que tenho celular. Aí a gente vai pro interior que é da minha vó e a gente fica brincando lá com os primo tudim."

É possível notar algumas variações presentes nessas frases como a variação morfológica durante a transformação do gerúndio em -no como na palavra "brincando" falado pela aluna 2. Esse tipo de variação é muito comum em linguagens cotidianas e quando está tendo contato com pessoas mais próximas, ou seja, o ambiente também influencia. Além disso, há variação fonética das palavras "deixo" e "todos" (após passar por uma variação morfológica), como estão apresentadas nas seguintes

transcrições fonéticas:

- dexo: ['de.su]
- tudim: ['tu.dʒim]

A quinta pergunta foi: "**Relate um acontecimento muito marcante na sua vida que lhe traz alegria**" A respostas foram as seguintes:

Aluna 1: Tinha uma vez que eu fui num parque com minhas quatro amigas e a gente se divertiu muito lá. A gente foi na labanda, na roda gigante e em vários outros brinquedos.

Aluna 2: Num sei. Não veio na minha cabeça.

Analizando a resposta da aluna 1, destacarei duas palavras “quatros” e “labanda”. A palavra quatro é um numeral cardinal que sendo empregado do singular para o plural, não sofrerá do acréscimo do “s”, algo presente na resposta da aluna 1. E a segunda palavra “labanda” pode ter sido um equívoco quanto à referência de um brinquedo de parque de diversões, referindo-se a “labamba”.

A sexta pergunta foi: **“Qual sua expectativa para daqui a dez anos?”** A respostas foram as seguintes:

Aluna 1: “Eu adoraria que fosse eu sendo modelo e eu tivesse um cachorro Dobermann. Que tudo fosse tranquilo.”

Aluna 2: “Eu gostaria assim que eu já esteje formada ou tipo... Assim querer me formar ainda, né?! Se tiver estudando ainda e também trabalhano, né?! Para ajudar minha māe.”

Analizando duas palavras utilizadas pela aluna 2 em sua resposta temos “esteje” e “trabalhano” que sofreram alteração. “Esteje” se refere ao verbo na 1^a pessoa do singular, entretanto pronunciada de forma variada de acordo com léxico da aluna, pois na norma-padrão se pronunciará “esteja” no modo presente do subjuntivo. A segunda palavra “trabalhano” sofre uma transformação do gerúndio ndo – no, contendo essa retirada do morfema “d”.

A sétima pergunta foi: **“Como foi sua infância?”** A respostas foram as seguintes:

Aluna 1: “Minha infância foi muito boa. Eu não lembro muito de muita coisa, mas foi boa relativamente”.

Aluna 2: “Foi legal e tá seno ainda muito divertido”.

Analizando a resposta da aluna 2, temos a palavra “seno”. Onde ocorre novamente a transformação do gerúndio -ndo para -no, sofrendo o apagamento do morfema “d”.

A oitava pergunta foi: **“Fale um pouco da escola onde você estuda”**. A respostas foram as seguintes:

Aluna 1: “Na minha escola é climatizado e também tem muitas pessoas de diferentes características, e também os professores são muitos receptivos, lá é muito unido, às vezes. É muito bom, eu gosto”.

Aluna 2: “Ah, o Vitorino é muito legal. Aqui eu conheci várias pessoas, novas

amigas. Fiz muita amizade esse ano, principalmente com a amiga minha que é a Lara. Tipo assim, a gente se dá muito bem, a gente nunca brigô por nada. Aqui no Vitorino é muito legal! As professoras também, a diretora. São todos legais."

Analizando a resposta da segunda aluna 2 com a palavra "brigô". Na norma-padrão pronuncia-se – "brigou" – que é um verbo do pretérito perfeito do indicativo na terceira pessoa do singular. Na fala da aluna 2, o verbo sofre o apagamento do morfema "u".

Assim, mediante a análise das respostas das alunas, pode-se perceber o quanto é possível haver uma comunicação fazendo uso das variações linguísticas, seja elas a lexical, a fonético-fonológica, e morfológica, a pragmática, a semântica ou a sintática. Dessa forma, rompe com o segundo preconceito linguístico destacado por Marcos Bagno (1999) que "brasileiro não sabe português", preconceito este, que ele tenta eliminar em meio ao corpo social, uma vez que qualquer falante do Português Brasileiro comprehende as frases expostas acima e que ambas conseguem formular sentenças para que haja uma comunicação.

5 CONSIDERAÇÕES

Diante dos resultados adquiridos durante a pesquisa de caráter exploratória, pode-se afirmar que qualquer falante nativo de uma língua interage e se comunica com competência, independentemente de tal variante pertencer ou não a determinado padrão de linguagem. Sendo assim, não se pode falar em "erro" de português. O que pode ocorrer, de fato, são variações ou opções de uso em relação à norma apresentada pela Gramática Normativa.

O fato é que essa variedade não é vista como riqueza de pluralidade da língua portuguesa, tornando-se alvo de preconceito contra a fala de determinados grupos ou estratos sociais, fazendo com que sejam alvos constantes de desdém e zombaria de pessoas ignorantes que desconhecem a variabilidade da língua.

É notório que o preconceito linguístico se faz presente e perdura por longos anos na vida das pessoas, principalmente no ambiente escolar, sendo primordial a discussão sobre o assunto entre alunos e professor em sala de aula. Ademais, nota-se que há uma lacuna que precisa ser preenchida quando falamos sobre variação linguística por se tratar de uma área ampla de conhecimento, mas que faz parte da nossa identidade cultural, e precisamos entender que as variações são as marcas registradas da nossa língua,

tornando assim, uma língua rica e cheia de variações.

Além disso, tornou-se evidente que até mesmo a escola, desconhecendo a realidade linguística dos alunos, não reconhece que eles falam a variedade do português utilizada pelo seu meio, e que ela deve ser aceita como forma de comunicação.

A escola deve possibilitar que os alunos não só entendam os fenômenos linguísticos, mas que também possam vir a incorporar variantes que ainda não dominam. Os educandos devem conhecer a sua contribuição na variação presente em gêneros orais e escritos e devem ser capazes de situar-se quanto à heterogeneidade que permeia a língua portuguesa, contemplando a fala e a escrita em situações reais de uso e apropriando-se do conhecimento com uma visão mais global da sua realidade.

O estudo realizado permite-nos concluir que as variações linguísticas é um fenômeno natural de toda língua, não significando inferioridade linguística, mas sim a certeza e a importância que ela tem e a sua capacidade de continuar evoluindo, já que é um organismo vivo imprescindível na comunicação. Nesse contexto, torna-se imprescindível que a escola respeite e admita que os alunos possuem conhecimentos prévios, valorizando o seu conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo, contribuindo, dessa forma, para o seu crescimento como ser humano e para a elevação de sua autoestima.

REFERÊNCIAS

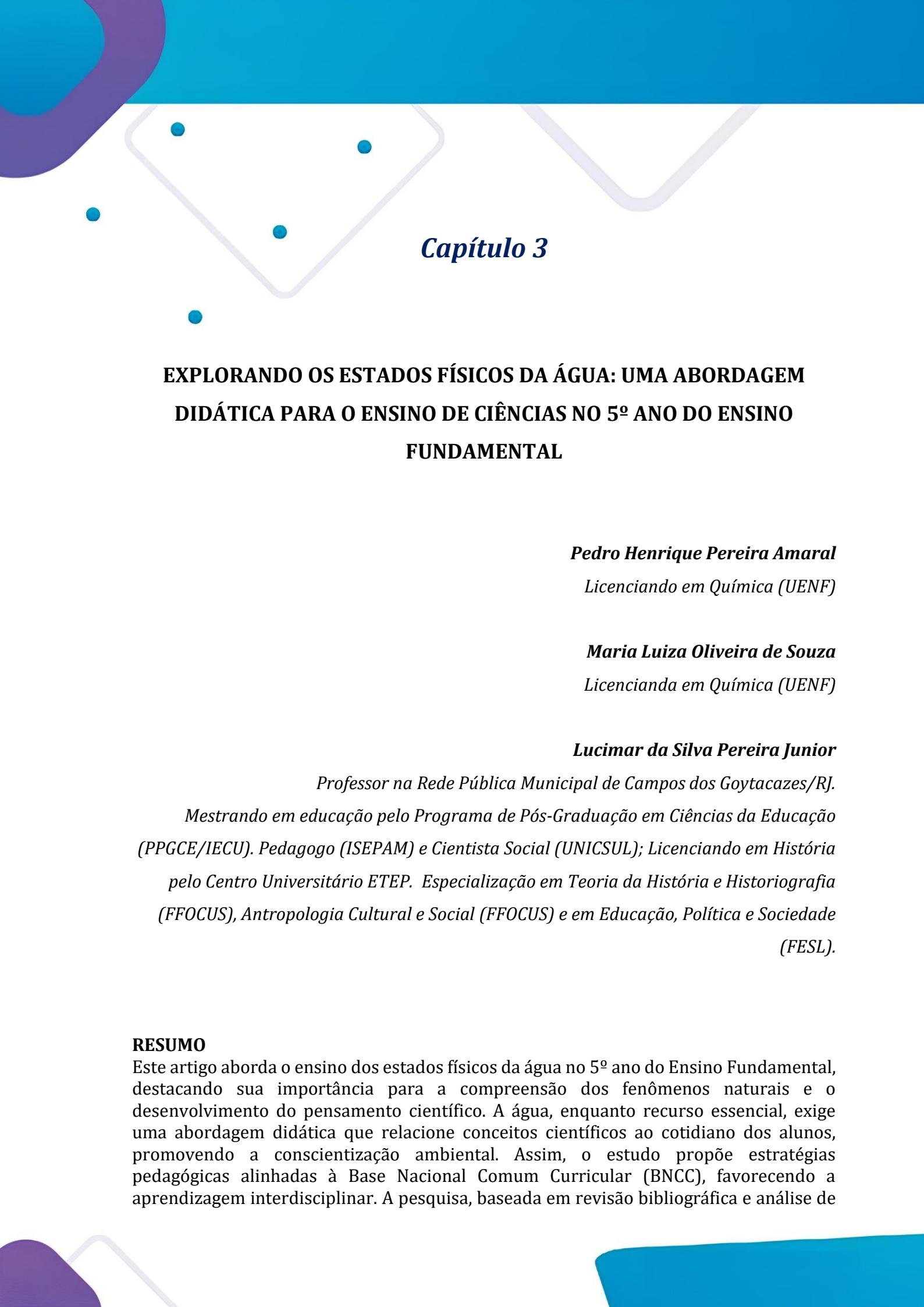
BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é e como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

COSTA, Vera Lúcia Anunciação. **A importância do conhecimento da variação linguística.** Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PAULISTA, Maria Lúcia Loureiro. **Variação linguística:** primórdios do conceito e metodologia. Revista Ecos, vol. 21, n. 2, p. 162, 2016.

SILVA, Thais Cristófaro. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 11 Ed. 3^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2022.



Capítulo 3

EXPLORANDO OS ESTADOS FÍSICOS DA ÁGUA: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pedro Henrique Pereira Amaral
Licenciando em Química (UENF)

Maria Luiza Oliveira de Souza
Licencianda em Química (UENF)

Lucimar da Silva Pereira Junior
*Professor na Rede Pública Municipal de Campos dos Goytacazes/RJ.
Mestrando em educação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação (PPGCE/IECU). Pedagogo (ISEPAM) e Cientista Social (UNICSUL); Licenciando em História pelo Centro Universitário ETEP. Especialização em Teoria da História e Historiografia (FFOCUS), Antropologia Cultural e Social (FFOCUS) e em Educação, Política e Sociedade (FESL).*

RESUMO

Este artigo aborda o ensino dos estados físicos da água no 5º ano do Ensino Fundamental, destacando sua importância para a compreensão dos fenômenos naturais e o desenvolvimento do pensamento científico. A água, enquanto recurso essencial, exige uma abordagem didática que relate conceitos científicos ao cotidiano dos alunos, promovendo a conscientização ambiental. Assim, o estudo propõe estratégias pedagógicas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), favorecendo a aprendizagem interdisciplinar. A pesquisa, baseada em revisão bibliográfica e análise de

práticas pedagógicas, demonstra que metodologias ativas, como experimentação, atividades lúdicas e abordagens interdisciplinares, potencializam o engajamento e a assimilação dos conteúdos. Além disso, a vinculação do tema a questões ambientais contribui para o desenvolvimento de competências críticas e socioambientais. Os resultados reafirmam a importância de práticas reflexivas no ensino de Ciências, preparando os alunos para compreender e enfrentar desafios ambientais e científicos de forma consciente e responsável.

Palavras-chave: Ensino de Ciências. Estados Físicos da Água. Aprendizagem Significativa. Ensino Fundamental. Metodologias Ativas.

INTRODUÇÃO

A água é considerada um recurso essencial para a vida no planeta. “Um elemento da natureza, transparente, sem sabor e odor, composto por dois gases: duas partes de hidrogênio (símbolo: H) e uma parte de oxigênio (Símbolo: O). Sua fórmula química é H₂O” (Garcez; Garcez, 2011, p. 5). As autoras mencionam que a água apresenta uma dinâmica fascinante em seus estados físicos: “líquido, sólido (gelo) e gasoso (vapor-d’água)” (Garcez; Garcez, 2011, p. 6).

No ambiente educacional, compreendermos as transformações da água em seus diferentes estados físicos torna-se necessário para o desenvolvimento do pensamento científico, incentivando os discentes a refletirem sobre os fenômenos naturais que ocorrem em seu cotidiano. No Ensino Fundamental – Anos Iniciais, no 5º ano, o tema “Estados Físicos da Água” proporciona uma oportunidade rica de relacionarmos ciência e prática, promovendo o engajamento dos alunos.

Conforme destacam Silva, Bittencourt e Guzzo (2024, p. 1), “durante a vida acadêmica da criança ela vivencia experiências educacionais diferentes ao longo de todo o processo educacional”. Nesse contexto, o ensino dessa temática possibilitará a integração com outras áreas do conhecimento, como a Matemática e a Geografia. Essa abordagem interdisciplinar permitirá explorarmos aspectos como o ciclo da água, a medição de temperatura e o impacto ambiental relacionado ao uso e à preservação desse recurso essencial.

Isso se justifica pelo fato de que um currículo interdisciplinar viabiliza interações e conexões entre diferentes disciplinas, contribuindo para o pleno desenvolvimento escolar de cada aluno. É importante destacar que um currículo interdisciplinar não se resume à simples combinação de disciplinas em torno de um projeto comum, mas sim à

construção de uma aprendizagem significativa e conectada (Silva; Bittencourt; Guzzo, 2024).

Portanto, ao abordarmos essa temática nas aulas de Ciências da Natureza, por sua vez, proporcionará não apenas a compreensão no aspecto teórico, mas também despertará o estímulo de uma consciência crítica acerca da preservação desse recurso tão importante.

Diante disso, a escolha desse tema justifica-se a partir da relevância da água como elemento primordial na vida humana e ambiental, além de sua presença constante no currículo de Ciências da Natureza do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Dessa forma, trabalhar os estados físicos da água de forma interdisciplinar consequentemente contribuirá significativamente para o desenvolvimento de competências sociais, cognitivas e ambientais dos alunos, alinhando-se às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O objetivo principal deste artigo é propor estratégias e recursos didáticos que auxiliem os professores na abordagem dos estados físicos da água, facilitando a compreensão desse conceito científico e seu impacto no cotidiano dos alunos. Por meio de uma análise didática, busca-se apresentar formas de engajar os estudantes, promovendo uma aprendizagem significativa e integradora.

A metodologia empregada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, com a revisão de literatura especializada em educação e no ensino de Ciências, além da consulta a materiais didáticos alinhados à BNCC. Essa abordagem permite compreender as melhores práticas para a inserção do tema nas aulas de Ciências do 5º ano, considerando os desafios e as possibilidades de aplicação prática.

Portanto, ao abordarmos o tema “Estados Físicos da Água”, este artigo pretende contribuir para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que favoreçam o aprendizado efetivo e a formação de cidadãos conscientes e responsáveis. O aprofundamento nesse tema permitirá o fortalecimento do ensino de Ciências e sua conexão com questões socioambientais relevantes para a atualidade.

A importância do ensino de Ciências no Ensino Fundamental: formando pensadores críticos nos anos iniciais

Para Chassot (2003 *apud* Oliveira; Fireman, 2021), o ambiente escolar configura-se como um espaço privilegiado para a disseminação de informações e a promoção do

conhecimento. Nesse contexto, Silva, Bittencourt e Guzzo (2024, p. 1) em apoio a essa argumentação, destacam que atualmente, a escola se fundamenta na concepção de criança como “um ser pensante e livre”, ou seja, reconhece o estudante como protagonista ativo no processo de aprendizagem. Esse entendimento reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a autonomia, a reflexão crítica e a construção significativa do conhecimento.

Ademais, conforme discutido por Silva, Ferreira e Vieira (2017, p. 286),

a escola é parte importante do contexto social e como tal reflete as mudanças da sociedade, assim há a necessidade de mudanças curriculares que atendam às novas perspectivas, de acordo com o atual momento histórico (Silva; Ferreira; Vieira; 2017, p. 286).

Nesse cenário, Oliveira e Fireman (2021) salientam que a escola deve desempenhar um papel social mais ativo, promovendo a ciência de forma inclusiva e conectada aos saberes do cotidiano, tornando-a acessível e significativa para todos. Essa perspectiva exige que as práticas educacionais estejam alinhadas às demandas sociais contemporâneas, favorecendo a formação de sujeitos críticos e conscientes.

O professor, enquanto agente transformador, desempenhará um papel central nesse processo. Ele deve compreender o ensino como um desestabilizador de verdades estabelecidas, desafiando os estudantes a questionar e reconstruir os saberes historicamente acumulados. Para tanto, é imprescindível que o currículo escolar adote uma abordagem interdisciplinar, promovendo conexões entre as áreas do conhecimento e assegurando práticas pedagógicas que estimulem a contextualização e a aplicabilidade dos conteúdos (Silva; Bittencourt; Guzzo, 2024).

Nesse sentido, a área de Ciências da Natureza, em particular, assume uma posição de destaque na formação básica dos estudantes. Durante o Ensino Fundamental, essa área proporciona uma compreensão integrada dos fenômenos naturais e tecnológicos, conectando o aluno ao mundo que o cerca. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC),

a área deve assegurar por meio de um olhar articulado de diversos campos do saber [...] o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos, práticas e procedimentos da investigação científica (Brasil, 2018, p. 321).

Apropriando-se desse viés, o ensino de Ciências deve fomentar a capacidade de interpretação crítica e atuação responsável no mundo. Delizoicov e Slongo (2011) alertam para o fato de que as crianças são cotidianamente bombardeadas por informações disseminadas pelas mídias, muitas vezes desprovidas de fundamentação científica. Tal realidade reforça a necessidade de uma abordagem educativa que propicie o desenvolvimento do pensamento crítico, auxiliando os alunos a distinguir informações fidedignas e relevantes.

Nos anos iniciais, as aulas de Ciências despertam a curiosidade inata dos estudantes, incentivando-os a observar, questionar e investigar os processos naturais de maneira sistemática. Conforme destaca a BNCC, ao ingressar no Ensino Fundamental, os alunos trazem consigo vivências e saberes prévios sobre o mundo natural e tecnológico, que devem ser valorizados e mobilizados no ambiente escolar (Brasil, 2018).

Nesse contexto, Oliveira e Fireman (2021, p. 17) ressaltam que “aprender ciências da natureza, numa perspectiva de inclusão social, resulta numa melhor qualidade de vida, facilita nossa leitura do mundo natural”. Tal abordagem promove não apenas o domínio de conhecimentos científicos, mas também a formação de cidadãos éticos e socialmente engajados. Portanto, o ensino de Ciências no Ensino Fundamental transcende a simples transmissão de conceitos. Ele envolve a relação entre ciência, sociedade e cultura local, destacando-se por sua relevância multifacetada.

Para Fracalanza, Amaral e Gouveia (1987 *apud* Silva; Ferreira; Vieira, 2017, p. 296), essa área deve viabilizar “o aprendizado dos conceitos básicos das ciências naturais”, bem como “possibilitar a compreensão das relações entre a ciência e a sociedade”, promovendo o entendimento das dinâmicas de produção e apropriação do conhecimento científico.

Além disso, Vieheneski, Lorenzetti e Carletto (2012) enfatizam que o avanço exponencial do conhecimento científico exige uma abordagem educacional que prepare os estudantes para lidar com os impactos e as implicações da ciência na vida cotidiana. Dessa forma, o ensino de Ciências deve ser constantemente adaptado para atender às demandas de um mundo em constante transformação, promovendo uma educação significativa, inclusiva e conectada às realidades sociais.

A compreensão do ensino de Ciências nos anos iniciais transcende a transmissão de conhecimentos técnicos e abrange a formação integral do sujeito, conectando ciência e sociedade de maneira indissociável. Como afirmam Silva, Ferreira e Vieira (2017, p. 298),

“a distância entre ciências e sociedades é inexistente, sendo que a própria ciência é produto histórico das interações e ações humanas”. Tal perspectiva ressalta que o ensino de Ciências deve reconhecer sua interconexão com as demandas sociais, promovendo uma compreensão crítica e reflexiva do mundo.

Nesse contexto, o ensino de Ciências nos primeiros anos escolares não apenas introduz conceitos fundamentais, mas também contribui para a construção de valores essenciais, como o respeito à natureza e a percepção da interdependência entre seres vivos e meio ambiente. Como destacado por Silva, Ferreira e Vieira (2017, p. 296-297)

As ciências naturais são comumente divididas nos conteúdos tradicionais de física, química e biologia, o que pode aparentar uma separação e distanciamento entre os conhecimentos; [no entanto], na prática, esses saberes estão interconectados (Silva, Ferreira e Vieira, 2017, p. 296-297).

Esse princípio de interconexão deve guiar o planejamento pedagógico, assegurando que os alunos percebam a ciência como um campo integrado e dinâmico.

Ao abordar temas como água, energia, clima e biodiversidade, o ensino de Ciências desperta nos estudantes a compreensão sobre a necessidade de preservação ambiental e sustentabilidade. Esses fundamentos, quando trabalhados de forma lúdica e contextualizada, fortalecem a capacidade dos alunos de dialogar com os desafios globais, além de fomentar a formação de cidadãos mais críticos e conscientes. Segundo a Base Nacional Comum Curricular, o ensino de Ciências deve articular saberes históricos com as práticas investigativas, promovendo a reflexão e a ação efetiva no mundo social e natural (Brasil, 2018).

Portanto,

O ensino de ciências, entre outros aspectos, deve contribuir para o domínio das técnicas de leitura e escrita; permitir o aprendizado dos conceitos básicos das ciências naturais e da aplicação dos princípios aprendidos a situações práticas; possibilitar a compreensão das relações entre a ciência e a sociedade e dos mecanismos de produção e apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos; garantir a transmissão e a sistematização dos saberes e da cultura regional e local (Amaral; Gouveia, 1986 *apud* Delizoicov; Slongo, 2011, p. 209).

Assim, a relevância do ensino de Ciências no Ensino Fundamental está diretamente relacionada à sua capacidade de preparar os estudantes para resolverem problemas práticos que impactam o cotidiano. Ademais, as aulas devem fomentar o pensamento investigativo, incentivando o desenvolvimento de competências cognitivas e

socioemocionais. Por meio de estratégias pedagógicas interativas, como investigação científica e experimentação, os alunos exercitam a análise, a interpretação de dados e a resolução de problemas, habilidades essenciais para uma formação crítica e autônoma.

De mais a mais, a abordagem interdisciplinar e contextualizada possibilitará uma compreensão integrada dos fenômenos naturais, permitindo que os estudantes estabeleçam conexões entre os conhecimentos escolares e suas experiências de vida. Ao tratarmos temas como os estados físicos da água, o ciclo do carbono ou a nutrição, os professores não apenas ampliam o repertório científico dos alunos, mas também promovem reflexões críticas sobre questões sociais e ambientais. Ou seja,

[...] Não basta que os conhecimentos científicos sejam apresentados aos alunos. É preciso oferecer oportunidades para que eles, de fato, envolvam-se em processos de aprendizagem nos quais possam vivenciar momentos de investigação que lhes possibilitem exercitar e ampliar sua curiosidade, aperfeiçoar sua capacidade de observação, de raciocínio lógico e de criação, desenvolver posturas mais colaborativas e sistematizar suas primeiras explicações sobre o mundo natural e tecnológico [...] (Brasil, 2018, p. 331).

Por isso, o ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tendem a desempenhar um papel transformador ao contribuir para a formação de indivíduos curiosos, críticos e comprometidos com a sustentabilidade. A promoção de atividades práticas, associada à valorização da cultura local e regional, permite que os estudantes compreendam a ciência como uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e consciente, alinhada aos desafios do mundo contemporâneo.

Desvendando os Estados Físicos da Água: um caminho para a aprendizagem significativa

A água é um dos elementos mais abundantes e essenciais à vida na Terra, desempenhando um papel fundamental nos ciclos naturais e na manutenção dos ecossistemas. No contexto educacional, seu estudo desperta grande interesse nos alunos, pois está diretamente ligado ao cotidiano e às experiências práticas que vivenciam. Compreender os estados físicos da água é uma oportunidade para ampliar o conhecimento sobre os fenômenos naturais e estimular a curiosidade científica desde os primeiros anos escolares.

Os estados físicos da água – sólido, líquido e gasoso – são transformações diretamente influenciadas pelas variações de temperatura e pressão, fenômenos que os estudantes podem observar de forma concreta em diversas situações do dia a dia, como na formação de gelo no congelador, no derretimento de um cubo de gelo à temperatura ambiente, na evaporação da água de uma panela aquecida no fogão, na condensação do vapor d'água em superfícies frias (como no espelho do banheiro após um banho quente) e na formação de geada em noites frias.

No ambiente escolar, podemos perceber as transformações dos estados físicos da água em momentos como o derretimento do gelo utilizado em experimentos durante as aulas de ciências, a evaporação da água deixada em recipientes ao ar livre, a condensação do vapor d'água nas janelas em dias frios, a formação de gotículas em garrafas com bebida gelada e o aquecimento da água em laboratórios para observação da ebulação.

Em consonância com os exemplos mencionados, é possível observarmos que “as transições entre esses estados ocorrem o tempo todo e têm um importante papel na manutenção das condições climáticas e da vida. Os seres vivos, constituídos principalmente de água, interagem e dependem dessas mudanças” (Castro; Orlandi; Schiel, 2009, p. 55).

Ou seja, essas transformações não ocorrem apenas no ambiente escolar ou doméstico, mas também em fenômenos climáticos mais amplos, como a formação de nuvens, a precipitação da chuva e a regulação térmica dos ecossistemas. Compreender essas interações permite aos alunos relacionar os conceitos aprendidos em sala de aula com o funcionamento da natureza, tornando o aprendizado mais significativo.

Para exemplificar, trago ao corpo do artigo um plano de aula retirado do site *Escola Educação* (<https://escolaeducacao.com.br/>), a respeito da temática *Estados físicos da água*, voltado para o 5º ano do Ensino Fundamental. Esse plano busca apresentar aos alunos um entendimento sobre quais são e como acontecem as mudanças de estado físico da água, por meio de uma abordagem prática e investigativa.

Figura 1: Plano de Aula – Ciências da Natureza

Plano de aula – Estados físicos da água

TEMA: Estados físicos da água

TEMPO SUGERIDO: 3 aulas

OBJETIVOS:

- Enxergar a água como componente importante do nosso corpo e do planeta.
- Perceber que sem água os seres vivos não sobreviveriam.
- Reconhecer a água em diferentes estados físicos.
- Entender que as mudanças de temperatura e pressão atmosférica são as responsáveis por mudar o estado físico da água.

MATERIAL NECESSÁRIO:

- Água
- Jarra
- Forma de gelo
- Panela com tampa
- Gelo
- Termômetro (recomenda-se o infravermelho)
- Congelador ou freezer
- Fogão

DESENVOLVIMENTO:

1^a aula

1. Comece a aula perguntando aos alunos onde é possível encontrar água em nosso planeta. As crianças tendem a associar água a líquido e provavelmente irão citar: rio, lago, mar, oceano, piscina, no filtro de casa, na torneira, no chuveiro, etc.
2. Explique a diferença entre os tipos de água: doce e salgada, potável e não potável, por exemplo.
3. Faça perguntas disparadoras como: “Mas e as geleiras, são formadas de que?”, “Qual a composição das nuvens?”, “De onde vem o gelo que você coloca no seu suco?”, “Para onde vai a água da roupa molhada quando é estendida no varal?”, “E se eu colocar minha garrafinha de água no congelador?”, “Do que é composta nossa urina e nosso suor?”. Escute as respostas e tente nomear os estados físicos durante o debate.
4. É importante que os alunos saibam que 70% do planeta e do nosso corpo são feitos de água. Que precisamos de água para todas nossas funções metabólicas, para que nosso corpo funcione.
5. Escreva os três estados físicos da água no quadro (sólido, líquido e gasoso) e explique cada um deles para os alunos.

Fonte: Escola Educação (2020).

2^a e 3^a aulas

1. Explique aos alunos o que é pressão atmosférica e fale sobre mudanças de temperatura. Eles deverão entender que a pressão atmosférica só irá mudar entre regiões diferentes, portanto ela é constante dentro da escola. No entanto, a temperatura pode variar se colocarmos a água no congelador ou em uma panela no fogão.
2. Se a escola tiver uma cozinha disponível, faça algumas experiências com os alunos. Se não tiver, faça as experiências em casa e filme para mostrar a eles.
3. Coloque água em uma jarra, meça a temperatura dela com auxílio do termômetro.
4. Coloque metade dessa água em uma forminha de gelo (não coloque muita para que congele mais rápido) e a outra metade em uma panela que possua tampa.
5. Leve a forminha de gelo para o congelador e a panela ao fogo, lembre-se que crianças não devem manusear o fogão, essa etapa deve ser realizada por um adulto e as crianças apenas observam de uma distância segura.
6. Meçam a temperatura da água no congelador de 20 em 20 minutos.
7. Espera a água que está na panela ferver, observe que agora existe uma névoa saindo da panela, pergunte aos alunos o que significa isso.
8. Tampe a panela mostrando aos alunos que a tampa está seca, espere alguns minutos, retire a tampa e questione por que a tampa está molhada agora.
9. Coloque o gelo, a água natural e a água recém fervida (que ainda esteja com vapor) em cima da mesa. Mostre aos alunos que apenas mudando as temperaturas agora vocês têm água em 3 estados físicos: o líquido, o sólido e o gasoso.

AVALIAÇÃO:

Dê situações diferentes para que as crianças resolvam por escrito e entreguem:

1. Uma família fará um suco e precisa de água, alguém vai comprar, mas traz apenas gelo. O que fazer para obter água para o suco?
2. Um rapaz resolve fazer um chá de hortelã, ele coloca água e as folhas na panela e leva ao fogo. Enquanto ferve, ele resolve dar uma volta no quintal e encontra um vizinho. A conversa se alonga e quando ele volta pra cozinha, toda a água do chá secou. Pra onde foi a água?
3. Dois irmãos costumam brincar e se alimentar juntos, um toma bastante água e o outro prefere tomar refrigerante quando sente sede. O que pode acontecer com cada um deles?

Nele, podemos notar que a metodologia proposta estimula a observação e a experimentação, incentivando os alunos a perceberem as transformações da água em diferentes condições. Entre as atividades sugeridas, estão a realização de experimentos simples, como congelamento e fusão do gelo, evaporação da água em recipientes expostos ao sol e a condensação do vapor d'água em superfícies frias. Essas práticas auxiliam na construção do conhecimento, pois possibilitam que os estudantes visualizem e compreendam os fenômenos de forma concreta, tornando a aprendizagem mais dinâmica e interativa.

Além disso, o plano de aula propõe discussões e questionamentos que promovem o pensamento crítico dos alunos, levando-os a refletir sobre a importância da água para a vida e sua presença no cotidiano. Dessa forma, a abordagem adotada reforça a ideia de que a ciência pode ser ensinada de maneira acessível e estimulante, despertando nos estudantes o interesse pela investigação científica e pelo meio ambiente.

Além desse material apresentado, o site *Tudo Sala de Aula* (<https://www.tudosaladeaula.com/>), uma plataforma voltada para todas as áreas do

conhecimento e que disponibiliza atividades gratuitas e formativas para professores, publicou em 2021 uma atividade sobre o ciclo da água para turmas do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Além das atividades, o site forneceu um planejamento detalhado para auxiliar o professor no ensino da temática.

De acordo com esse planejamento, o Objeto do Conhecimento abordado é o Ciclo da Água, e o Objetivo da Aula consiste em fazer com que os alunos conheçam o ciclo da água no planeta Terra, compreendendo as transformações dos estados físicos pelos quais a água passa. Além disso, as habilidades contempladas seguem as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente:

- (EF04CI03) – Concluir que algumas mudanças causadas por aquecimento ou resfriamento são reversíveis (como as mudanças de estado físico da água) e outras não (como o cozimento do ovo, a queima do papel etc.) (Brasil, 2018).
- (EF05CI03) – Selecionar argumentos que justifiquem a importância da cobertura vegetal para a manutenção do ciclo da água, a conservação dos solos, dos cursos de água e da qualidade do ar atmosférico (Brasil, 2018).

Esses elementos do planejamento são essenciais para garantir que o ensino sobre os estados físicos da água seja estruturado, alinhado às diretrizes educacionais e adequado ao nível de compreensão dos alunos.

Figura 2: Aula - Estados Físicos da Água

ATIVIDADE DE CIÊNCIAS		Tudo Sala de Aula
ESTUDANTE:		
PROFESSOR (A):		DATA: ___/___/___
ESCOLA:		TURMA: _____
<p>1. Na natureza, os estados físicos da água mudam com a variação da temperatura do ambiente.</p> <p>Observe a imagem:</p> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;">    </div> <p>Os blocos que formam a água (que chamamos molécula) reagem à mudança de temperatura se transformando em: a) fusão; plasma ou líquido. b) gasoso, sólido ou fusão. c) líquido, gasoso ou plasma. d) sólido, líquido ou gasoso.</p> <p>2. Rafaela acabou esquecendo o gelo fora do congelador e ele derreteu. Isso aconteceu porque o gelo passou do estado: a) sólido para o gasoso. b) sólido para o líquido. c) gasoso para o líquido. d) líquido para o gasoso.</p> <p>3. As mudanças do estado físico da água podem ser notadas em muitas situações do nosso dia a dia. Qual mudança de estado físico acontece quando as roupas estão secando no varal da sua casa? a) Vaporização. b) Condensação. c) Solidificação. d) Fusão.</p> <p>4. Daiane colocou água numa chaleira para ferver com a intenção de fazer um pouco de café. Ela se distraiu checando suas mensagens no telefone até que se lembrou da chaleira no fogão. Quando apagou o fogo, ficou assustada, pois não havia nenhuma água no recipiente. O processo que ocorreu com a água é chamado de: a) Condensação. b) Calefação. c) Evaporação. d) Solidificação.</p> <p>5. Às vezes, o fenômeno da precipitação acontece na forma de pedaços de gelo que caem do céu. Esses devastam telhas de casas, amassam veículos e podem machucar pessoas. Essa forma de precipitação é chamada de: a) Granizo. b) Chuva. c) Neve. d) Gêiser.</p> <p>6. Bruno colocou água numa vasilha e levou ao congelador. Duas horas depois, ele viu que a água congelara completamente. Nesse caso, a água passou do estado _____ para o estado _____.</p> <p>A alternativa que completa o texto é: a) Sólido e líquido. b) Líquido e sólido. c) Gasoso e sólido. d) Gasoso e líquido.</p> <p>7. Luana preparou um suco de maracujá e colocou bastante gelo, pois estava muito calor.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>Entretanto, com o passar do tempo, o gelo derreteu. No processo de derretimento do gelo do suco de Luana ocorreu a: a) Condensação. b) Solidificação. c) Liquefação. d) Fusão.</p> <p>8. Observe os trechos abaixo e depois resolva à questão:</p> <p>Quanto mais frio o ambiente, mais juntos os blocos de água estarão, nesse caso, teremos o estado _____ da água.</p> <p>A água em seu estado _____ não possui forma própria, ela assume o formato do recipiente na qual estiver contida.</p>		

Fonte: Tudo Sala de Aula (2021).

A partir das atividades e abordagens sugeridas, é possível tornar o aprendizado mais dinâmico e contextualizado, permitindo que os alunos compreendam não apenas as transformações da água, mas também a relevância desse conhecimento para a preservação do meio ambiente e a sustentabilidade. Ao integrar teoria e prática, o ensino dos estados físicos da água torna-se uma experiência enriquecedora, contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da curiosidade científica e da conscientização ambiental nos alunos.

Esses conceitos não só possibilitam a introdução de princípios básicos da física e da química, mas também fortalecem a percepção dos alunos sobre a relação entre ciência, natureza e sustentabilidade. A abordagem desse tema no 5º ano do Ensino Fundamental contribui para a construção de um repertório científico que será expandido em etapas posteriores da educação básica.

O estado _____ ocorre quando uma substância no estado líquido é aquecida. Isso causa aumento na agitação molecular e as moléculas separam-seumas das outras.

Marque a alternativa que completa corretamente e respectivamente os trechos acima:

- a) líquido, fusão e gasoso.
- b) gasoso, sólido e líquido.
- c) sólido, líquido e gasoso.
- d) líquido, gasoso e sólido.

9. Sabemos que a água é uma substância formada por 2 átomos de hidrogênio e 1 átomo de oxigênio.

A fórmula química que representa a água é:

- a) O_2H_1
- b) OH^2
- c) H^3O^2
- d) H_2O

10. Podemos dizer que a água que sai pela torneira está no estado:

- a) Plasma.
- b) Líquido.
- c) Gasoso.
- d) Sólido.

Estudar a água e seus estados físicos também oferece uma conexão direta com questões ambientais, como a escassez de recursos hídricos e o impacto do aquecimento global nos ciclos naturais. Ao explorarmos esses temas, as aulas de Ciências podem ir além da abordagem teórica, promovendo uma conscientização socioambiental nos alunos. Assim, o estudo da água se torna não apenas um tema de interesse acadêmico, mas também uma ferramenta para formar cidadãos mais conscientes e engajados.

Os estados físicos da água são apresentados de maneira prática e envolvente quando os alunos observam fenômenos como a fusão do gelo, a evaporação da água ao ferver ou a condensação em superfícies frias. O estado sólido ocorre quando a água é exposta a temperaturas inferiores a 0 °C, formando gelo ou neve. Já no estado líquido, a água assume sua forma mais conhecida, fluindo livremente e adaptando-se aos recipientes. No estado gasoso, a água se transforma em vapor, tornando-se invisível ao olho humano, mas perceptível em fenômenos como a formação de nuvens e a umidade do ar (Nova Escola, 2017).

Essas transições entre os estados físicos, conhecidas como mudanças de estado, como fusão, solidificação, vaporização e condensação, são regidas por princípios científicos que podem ser explorados em sala de aula por meio de experimentos simples. Essas atividades possibilitam que os estudantes observem, de forma prática, as transformações da matéria e compreendam a relação entre temperatura e estado físico, facilitando a assimilação de conceitos muitas vezes abstratos.

Além disso, a água em seus diferentes estados é essencial para a vida no planeta. Por exemplo, o estado líquido é crucial para a sobrevivência dos seres vivos, o estado sólido contribui para a formação de habitats específicos, como geleiras, e o estado gasoso desempenha um papel importante no ciclo hidrológico. Ao explorar essas características, os alunos podem entender como as propriedades da água são indispensáveis para a manutenção da vida e para o equilíbrio ambiental.

Para garantir uma aprendizagem significativa sobre os estados físicos da água, é necessário adotar metodologias que promovam a participação ativa dos alunos. Experimentos práticos, como o congelamento e a evaporação da água, despertam o interesse e facilitam a compreensão dos conceitos. Além disso, o uso de recursos visuais, jogos e atividades lúdicas reforça a retenção do conteúdo, tornando o aprendizado mais envolvente e eficaz.

O uso da interdisciplinaridade também contribui para o aprofundamento do tema. Por exemplo, na Matemática, os alunos podem explorar gráficos que relacionam temperatura e tempo para entender os processos de fusão e ebulição. Na Geografia, é possível discutir o ciclo da água e sua importância para os ecossistemas. Essas conexões permitem que os estudantes percebam a ciência como uma área integrada ao cotidiano e relevante para diversas disciplinas.

Para promover a interdisciplinaridade realmente é preciso a colaboração e a parceria entre as disciplinas do currículo para que ela se efetive na prática e isso para os estudantes significa promover um ensino capaz de produzir conhecimento (Silva; Bittencourt; Guzzo, 2024, p. 1).

Outro caminho é fomentar a conscientização ambiental, promovendo debates sobre o uso responsável da água e sua preservação. Trabalhar esses temas nas aulas ajuda os alunos a compreenderem os impactos das ações humanas nos recursos hídricos e a importância de atitudes sustentáveis. Ao relacionarmos os estados físicos da água com questões ambientais, o aprendizado transcende a sala de aula e ganha uma dimensão prática e cidadã.

Por fim, a abordagem dos estados físicos da água no Ensino Fundamental é uma oportunidade para estimular o pensamento crítico e o engajamento dos alunos com a ciência. Ao explorar conceitos científicos de forma prática, interdisciplinar e contextualizada, os estudantes não apenas ampliam seu conhecimento sobre o mundo natural, mas também desenvolvem competências importantes para a formação integral. Dessa maneira, o ensino de Ciências se consolida como uma ferramenta poderosa para a construção de um aprendizado significativo e transformador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática central deste texto levou a uma discussão em torno da importância do ensino dos estados físicos da água no 5º ano do Ensino Fundamental, destacando seu papel no desenvolvimento do pensamento científico e na compreensão dos fenômenos naturais. A fim de trabalhar com essa indagação, tomou-se como ponto de partida a análise de práticas pedagógicas e estratégias didáticas que favorecem uma abordagem interdisciplinar, alinhada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para tornar o aprendizado mais significativo e engajante. Voltando à ideia de conscientização

ambiental, pressupõe-se que a compreensão dos estados físicos da água, suas transformações e o ciclo da água, contribuem para a formação de cidadãos mais críticos, responsáveis e conscientes dos desafios socioambientais contemporâneos.

Por fim, é possível, como fruto desta análise, concluir que o ensino dos estados físicos da água, quando realizado de forma prática e integrada com outras disciplinas, favorece não apenas o desenvolvimento das competências científicas dos alunos, mas também sua formação cidadã. A integração de atividades experimentais e a discussão sobre a importância da água e sua preservação no cotidiano contribuem para uma aprendizagem significativa, que vai além da sala de aula e se conecta com questões ambientais globais. Assim, o estudo dos estados físicos da água emerge como uma ferramenta poderosa para a formação de alunos críticos, preparados para enfrentar os desafios da sociedade e colaborar com a sustentabilidade do planeta.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 Fev. 2025.

CASTRO, Antônio Carlos de. ORLANDI, Angelina Sofia. SCHIEL, Dietrich. Estados Físicos da Água. In: SCHIEL, Dietrich; ORLANDI, Angelina Sofia. **Ensino de Ciências por Investigação**. Universidade de São Paulo. Centro de Divulgação Científica e Cultural, 2009. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivros/USP/catalog/book/1292. Acesso em: 25 Jan. 2025.

DELIZOICOV, Nadir Castilho; SLONGO, Iône Inês Pinsson. O ensino de Ciências nos anos iniciais do Ensino Fundamental: elementos para uma reflexão sobre a prática pedagógica. **Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, 2011.

GARCEZ, Lucília; GARCEZ, Cristina. **Água**. 1. ed. São Paulo: Callis Ed., 2011.

NOVA ESCOLA. **Os estados físicos da água**. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/>. Acesso em: 24 Jan. 2025.

OLIVEIRA, Rosemeire da Silva Dantas; FIREMAN, Elton Casado. Alfabetização científica e a Base Nacional Comum Curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: LIRA, Tatiane Hilário de; FIREMAN, Elton Casado (Org.). **Ensino de Ciências para os Anos Iniciais: Teorias e Práticas**. Maceió, AL: Editora Olyver, 2021.

SILVA, Cristiane Pacheco Pires; BITTENCOURT, Oraide Suzana Antunes; GUZZO, Guilherme Brambatti. Água e seus estados físicos: uma proposta de ação interdisciplinar. **Scientia cum Industria**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e231217, 2024.

VIECHENESKI, Juliana Pinto; LORENZETTI, Leonir; CARLETTTO, Marcia Regina. Desafios e práticas para o ensino de Ciências e alfabetização científica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 853-876, 2012.

Capítulo 4

DIFICULDADES DE COESÃO E COERÊNCIA: UMA ANÁLISE DE PRODUÇÕES TEXTUAIS DE ALUNOS DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA CONCEIÇÃO CUNHA MAGALHÃES, EM PINDARÉ MIRIM - MA

Rebeca Lopes Andrade

*Graduanda do curso de licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.
E-mail: llarebecaandrade.22@gmail.com*

Guilherme Augusto Beserra Araujo,

*Graduanda do curso de licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.
E-mail: dmsssgg4@gmail.com*

Ana Claudia Menezes Araujo

Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Estadual do Maranhão Campus Santa Inês. Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal do Piauí. Especialista em Língua Portuguesa e graduada em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão.

Fagner Gomes do Nascimento

Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão. Professor do Departamento de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão/Campus Santa Inês.

RESUMO

O artigo aborda o processo de aquisição da linguagem escrita, analisando as interações entre fala e escrita e destacando as dificuldades dos alunos em relação à coesão e coerência textuais. A coesão e a coerência são aspectos fundamentais para garantir a conectividade e a construção de sentido nos textos, especialmente no contexto escolar. Para entender melhor essas dificuldades, a pesquisa se baseia em teóricos como Koch (1997), Soares (1999), Widdowson (1978), Halliday e Hasan (1976). A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada com alunos do ensino fundamental da Escola Maria Conceição Cunha Magalhães, localizada em Pindaré Mirim, Maranhão. Os alunos, de 12 a 14 anos, foram analisados por meio de suas produções textuais, identificando suas estratégias de escrita e as dificuldades encontradas ao elaborar textos coesos e coerentes. Os resultados ressaltam a importância de práticas pedagógicas que integrem esses conceitos, promovendo o desenvolvimento da escrita e a superação das barreiras linguísticas enfrentadas pelos estudantes.

Palavras-chave: Coerência. Coesão. Produção textual.

ABSTRACT

The article addresses the process of acquiring written language, analyzing the interactions between speech and writing, and highlighting students' difficulties regarding textual cohesion and coherence. Cohesion and coherence are essential aspects for ensuring connectivity and meaning construction in texts, especially in the school context. To better understand these difficulties, the research is based on theorists such as Koch (1997), Soares (1999), Widdowson (1978), Halliday and Hasan (1976). The research, of a qualitative nature, was conducted with elementary school students from Escola Maria Conceição Cunha Magalhães, located in Pindaré Mirim, Maranhão. The students, aged 12 to 14, were analyzed through their written productions, identifying their writing strategies and the difficulties encountered when producing cohesive and coherent texts. The results emphasize the importance of pedagogical practices that integrate these concepts, promoting the development of writing and overcoming the linguistic barriers faced by students..

Keywords: Coherence. Cohesion. Text Production.

1 INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como objetivo principal analisar as dificuldades enfrentadas por estudantes do ensino fundamental na construção de textos coesos e coerentes. Para tanto,

foi realizada uma pesquisa qualitativa com 6 alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Maria Conceição Cunha Magalhães, em Pindaré Mirim - MA. A pesquisa busca compreender os processos cognitivos envolvidos na produção textual e analisar os principais desafios enfrentados pelos alunos ao escrever, com foco em aspectos como a coesão e a coerência. Ao analisar as produções textuais desse grupo de estudantes, pretende-se contribuir para o conhecimento sobre o desenvolvimento da escrita e para a elaboração de estratégias pedagógicas mais eficazes para o ensino da língua portuguesa.

O universo e a amostra da pesquisa foram constituídos pelos artigos e livros e por redações produzidas pelos alunos. A partir desses materiais elaborou-se modos de avaliar como ocorre o processo da escrita desses alunos, afim de identificar suas dificuldades mais comuns, e no panorama das bases teórico metodológicas de análises segue-se os postulados de Koch (1995), Soares (1999), Val (2002), Halliday e Hasan (1976).

A partir dos resultados obtidos, foram discutidas as implicações para a prática pedagógica que podem contribuir para o desenvolvimento da competência escritora dos alunos.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: COMPETÊNCIA NA ESCRITA

Ao abordarmos o ensino da aquisição da linguagem escrita, devemos traçar diferenças entre a língua falada, ambas possuem suas modalidades, conforme Koch “a escrita não constitui mera transcrição da fala. Embora se utilizem, evidentemente, do mesmo sistema linguístico, elas possuem características próprias.” (1997, p.31) nesse sentido percebemos que o processo que leva os alunos a escreverem, não é meramente uma forma copiosa daquilo que eles falam cotidianamente, apesar de ter relações com a fala, a escrita é um mundo próprio com suas ferramentas particulares, toda via, não podemos tomar uma posição dicotômica ao tratarmos das duas, não há uma superioridade de uma sobre a outra, elas fazem interações e possuem suas formas de simbolização que hora se unem, ora se afastam. No entanto, a língua escrita é uma grande dificuldade na vida daqueles que estão iniciando o seu processo de aprendizagem, dificuldade essa que quando não é trabalhada no início tende a se estender ao demais anos de aprendizagem dos indivíduos.

Segundo Koch, na oralidade, conforme foi dito acima, é comum serem os referentes recuperáveis na própria situação discursiva: basta, assim, apontar para eles, dirigir o

olhar em sua direção ou fazer um outro gesto qualquer que permita ao parceiro saber de quem ou do que se está falando (KOCH,1997, p.34-35).

Os alunos estão acostumados com essa facilidade que o mundo falado lhes garante, pois conforme visto acima, esse mundo da fala permite várias possibilidade 1.de referência, coisa que na escrita é um tanto trabalhoso pois faz com que o indivíduo tenha um esforço cognitivo maior, e até mesmo tente e tenda a reproduzir o falado, como é o caso das repetições que são dado comum em textos produzidos nos anos iniciais em que se trabalha com as competências na escrita, “a criança continua a empregar em suas produções os recursos próprios da oralidade” (Koch,1995, P.117)

4 Um objetivo do ensino de LP sobre a escrita

Para Soares, as crianças conseguem aprender e desenvolver sua escrita da seguinte forma: “experimentando escrever, ousando escrever, fazendo o uso de seus conhecimentos prévios sobre a escrita, levando e testando hipóteses sobre as correspondências entre o oral e o escrito” (1999, p. 61).

A escrita, então, pode ser entendida como uma grande oficina, em que as ferramentas são levadas pelos próprios alunos e nesse lugar de interação, eles vão moldando o texto e a si próprios, em um trabalho em conjunto de seus colegas e os professores, tirando o peso sobre eles e os deixando a vontade, “Portanto, a produção de texto é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, especialmente para compreender a função social que a escrita possui” (Eulália, 2020, p.16).

No contexto escolar são colocadas em pauta a importância da escrita e o pouco interesse dos alunos pelo aprendizado da expressão escrita. No entanto, escrever trata-se de um conjunto de processos complexos, que deve ser estimulado através do ambiente adequado criado pelo professor que orienta, traz feedbacks necessários para o bom desenvolvimento da escrita e sobretudo, faz com que a escrita seja aplicável a realidade do aluno. Ou seja, os alunos devem compreender que ato de escrever é mais do que ter domínio sobre as estruturas linguísticas para que os resultados sejam efetivos.

Dentre o complexo processo de escrita, encontramos atividades de operação como a planificação, que diz respeito a delimitação das intenções da escrita; a textualização, considerada como uma atividade operatória de “alto nível”; e a revisão, atividade essa que muitas vezes passa despercebida na produção escrita, e que tem impacto direto no

produto final. Essas operações não acontecem necessariamente seguindo uma ordem pré-estabelecida. Por isso, daremos destaque para a explanação dos aspectos da textualização que corresponde ao processo em que o escritor reconstrói o planejamento que aconteceu no campo das ideias, através das possibilidades linguísticas.

Para compreender as complexidades da produção textual, inicialmente é necessário compreender os conceitos que caracterizam o texto, tendo em vista que a comunicação se dá por meio de textos.

3 Coesão e coerência textuais

Segundo Val (2002:3), pode-se definir texto ou discurso como ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Estas três propriedades são essenciais para a sua caracterização, na medida em que sendo o texto uma unidade de linguagem em uso, há fatores, de natureza pragmática, semântica e formal, determinantes na construção de sentido, tanto na produção, como na recepção. (KOCH,1997, p.34-35).

Partindo do pressuposto estabelecido por Val (2002:3), adentramos na linguística textual que se mostra presente no contexto escolar a medida que é buscado a compreensão do que é um texto e como ele deve ser redigido. Dentro desse campo de estudo existem debates que buscam a melhor conceituação do que seria um texto, um desses principais conceitos sobre o assunto é concebido por Halliday & Hasan (1976:4), para eles a coesão é mais do que um atributo textual, e trata-se do fator que determina o que é ou não um texto. Logo, se eu não tenho coesão, eu não tenho um texto.

No entanto, a coesão não deve ser pensada como único pilar na construção da textualidade, mas como um atributo que se relaciona com outros, em especial a coerência. O autor Widdowson (1978) esclarece que a coesão é designada por meio da estrutura gramatical, do sistema linguístico formal. Já a pragmática, é ressaltada na coerência por estar relacionada as situações de uso entre os usuários da língua. É consenso entre os autores que a coesão e coerência presentes no texto são como recursos que habilitam que os objetivos comunicacionais dos interlocutores sejam alcançados.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

Nossas análises partem da pesquisa de campo e bibliográfica. Essas análises são desenvolvidas com base em materiais já elaborados, constituídos de livros e artigos científicos e, principalmente, de redações produzidas pelos alunos possibilitando uma interpretação mais profunda das estratégias utilizadas pelos alunos e das dificuldades enfrentadas. Em nossas análises, adota-se a abordagem exploratória de caráter qualitativo, a escolha dessa abordagem se justifica pela necessidade de compreender os processos cognitivos envolvidos na produção textual e de identificar os fatores que influenciam o desempenho dos alunos. A abordagem qualitativa ocorreu no contexto teórico da aquisição da escrita e das discussões propostas a partir dos textos analisados.

5.2 Colaboradores da pesquisa

A presente pesquisa contou com a participação de 6 estudantes com idades entre 12 e 14 anos, matriculados no ensino fundamental da Escola Municipal Maria Conceição Cunha Magalhães de Pindaré Mirim, Maranhão. A amostra foi composta por um grupo de meninos e meninas, representando aproximadamente um quarto da turma. A decisão de não realizar distinção entre os sexos nas análises visa a uma análise mais ampla e abrangente das produções textuais dos participantes.

5.3 Instrumento de pesquisa

Os dados foram coletados por meio da produção de textos escritos pelos próprios alunos, na qual sugerimos o tema: “Se você pudesse escolher uma nova matéria para aprender na escola, qual seria e por quê?”. Essa metodologia permitiu uma análise aprofundada das habilidades de escrita, do repertório linguístico e das ideias desenvolvidas pelos participantes. É importante ressaltar que todos os participantes e seus responsáveis foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa e as implicações de sua participação. Os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foram entregues aos responsáveis e devidamente assinados, garantindo assim o cumprimento dos princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos.

6 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos textos dos alunos foi realizada com base nas quatro "meta-regras" para a coerência textual propostas por Charolles (1978). Essas regras são essenciais para avaliar como a coerência se mantém ao longo do desenvolvimento do texto.

- a) Repetição: Foi observado como os alunos utilizam recursos como pronomes, artigos e sinônimos para retomar e conectar as ideias ao longo do texto. A análise focou em identificar quando há uma repetição excessiva ou inadequada, que pode prejudicar a fluidez da leitura, ou quando a repetição é usada corretamente para manter a continuidade das ideias.
- b) Progressão Temática: Avaliou-se a forma como os alunos introduzem novos temas ou desenvolvem os já apresentados. A progressão temática foi considerada fundamental para garantir que o texto avançasse de forma lógica, sem perder o foco no tema principal.
- c) Não-contradição: A análise verificou se havia contradições entre as ideias expostas pelos alunos, ou se o desenvolvimento do texto estava em harmonia, sem introduzir elementos que contradissem o que havia sido previamente afirmado.
- d) Relação: A coerência também foi analisada em relação à conexão entre os fatos apresentados no texto. Foi verificado se os fatos e suas relações eram compatíveis entre si e com o mundo representado, sem desviar-sede uma narrativa coerente.

Texto do aluno 1 (13 anos)

"Eu queria que existisse uma matéria que falasse sobre jogos para rolar competição entre escola para concorrer a prémios ou contaria em dinheiro, e para ensinar os que um dia sonha em ser instaplay ou ter seu próprio canal de jogos em algum tipo de plataforma."

QUADRO 1

Critérios de análise	Insuficiente/ Inadequado	Razoável	Bom	Excelente	Exemplos no Texto
Repetição			X		"...uma matéria que falace sobre jogos...", "...ou ter seu próprio canal de jogos em algum tipo de plataforma.".
Progressão Temática				X	"...para rolar competição entre escola...".
Não-Contradição					Não há ideias contraditórias no texto.
Relação (uso de conectivos)	X			X	"Que"; "para"; "e"; "ou".
			X		

Fonte:Charolles (1978)

O texto tem um bom foco no tema, com repetição e progressão temática claras. Contudo, o uso de conectivos é insuficiente, o que impacta a coesão geral. Um maior desenvolvimento das relações entre as ideias poderia melhorar a qualidade do texto.

Texto do aluno 2 (13 anos)

“COMPUTAÇÃO, Por que eu sou formada em informática e seria excelente eu botar tudo isso em prática e seria excelente ter a computação nas escolas publicas e particulares. Serio um desempenho em tanto ,pois no futuro iamos saber mexer com isso com mais pratica e é uma otima matéria e é otima para o desempenho futuro e eu amo a computação principalmente fazer slides e digitar, fazer resumos , ter um desempenho melhor no escrito e rapidez , essa computação ajuda quando eu for trabalhar e eu vou poder fazer pesquisas e fazer outras diversas coisas , assim eu irei ter mais experiência na computação e com isso irei ser muito experiência”.

QUADRO 2

Critérios de análise	Insuficiente/ Inadequado X	Razoável	Bom	Excelente	Exemplos no Texto.
Progressão Temática					"e seria excelente... e seria excelente"; "e é ótima... e é ótima".
Não-Contradição			X		"...computação ajuda quando eu for trabalhar e eu vou poder fazer pesquisas e fazer outras diversas coisas..." .
Relação (uso de conectivos)			X		Não há ideias contraditórias no texto. "Por que"; "e"; "pois"; "com"; "assim".
			X		

Fonte: Charolles (1978)

O “Por que” (incorrecto ortograficamente) é usado como conectivo para introduzir uma justificativa.

O texto tem um bom desenvolvimento temático e apresenta ideias coerentes, mas sofre com repetição excessiva de frases e expressões. O uso de conectivos é funcional, mas poderia ser mais variado para enriquecer o discurso. No geral, é um texto razoavelmente estruturado, com potencial de melhoria em aspectos estilísticos e de coesão.

Texto do aluno 3 (13 anos)

“Françs por que e uma materia diferente eu acharia otímo estuda frances e sempre bom aprender uma matéria nova o Françs e uma língua universal como o Ingles, espanhol, japones eo coreano e importante aprender frances no caso de um intercambio nós já sabriamos falar fraçs e uma língua como as outras faria bem tanto para a escola e para nós alunos que estudaríamos na prímeira Escola do município a encinar frances.”

Critérios de análise	Insuficiente/ Inadequado	Razoável	Bom	Excelente	Exemplos no Texto.	
Repetição	X				"Francês porque é uma matéria diferente..."; "...eu acharia ótimo estudar francês..."; "...o francês é uma língua universal..."; "...faria bem tanto para a escola e para nós alunos que estudaríamos na primeira escola do município a ensinar francês".	
Progressão Temática			X		Não há ideias contraditórias no texto.	
Não-Contradição				X	"porque"; "e"; "como"; "no caso de"; "tanto... quanto".	
Relação (uso de conectivos)				X		

Fonte: Charolles (1978)

O texto tem uma progressão temática sólida e ideias coerentes, com bom uso de conectivos. Contudo, a repetição excessiva de termos relacionados ao francês limita a fluidez do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo destacou as dificuldades dos estudantes do ensino fundamental na construção de textos coesos e coerentes, evidenciando os desafios cognitivos enfrentados ao transitar da oralidade para a escrita. A pesquisa mostrou que os alunos ainda

apresentam dificuldades na organização das ideias e no uso adequado dos recursos linguísticos, como coesão e coerência.

As dificuldades indicam que os textos apresentam dificuldades básicas com a norma culta da língua portuguesa, o que afeta a clareza, a coesão e a qualidade geral da escrita. Trabalhar nessas áreas ajudaria a produzir textos mais compreensíveis e bem estruturados. Áreas para melhorias, especialmente em relação à repetição excessiva de termos, uso simples de conectivos e erros ortográficos.

Percebe-se que o ensino da escrita deve ser mais focado na prática constante, com a orientação do professor para promover a reflexão sobre as especificidades da língua escrita. A adoção de estratégias pedagógicas eficazes é essencial para melhorar as habilidades de escrita dos alunos, tornando-a uma ferramenta de comunicação mais eficiente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eulalia Cristina Coelho. Dificuldades na produção textual da turma do 6º ano: fatores causadores. 2020.

CHAROLLES, M. Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. Paris: Armand Colin, 1978.

MATEUS, M. H. M. et al. Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.

KOCH, Ingredore G. Villaça. Interferências da oralidade na aquisição da escrita. Trabalhos em Linguística aplicada, v. 30, 1997.

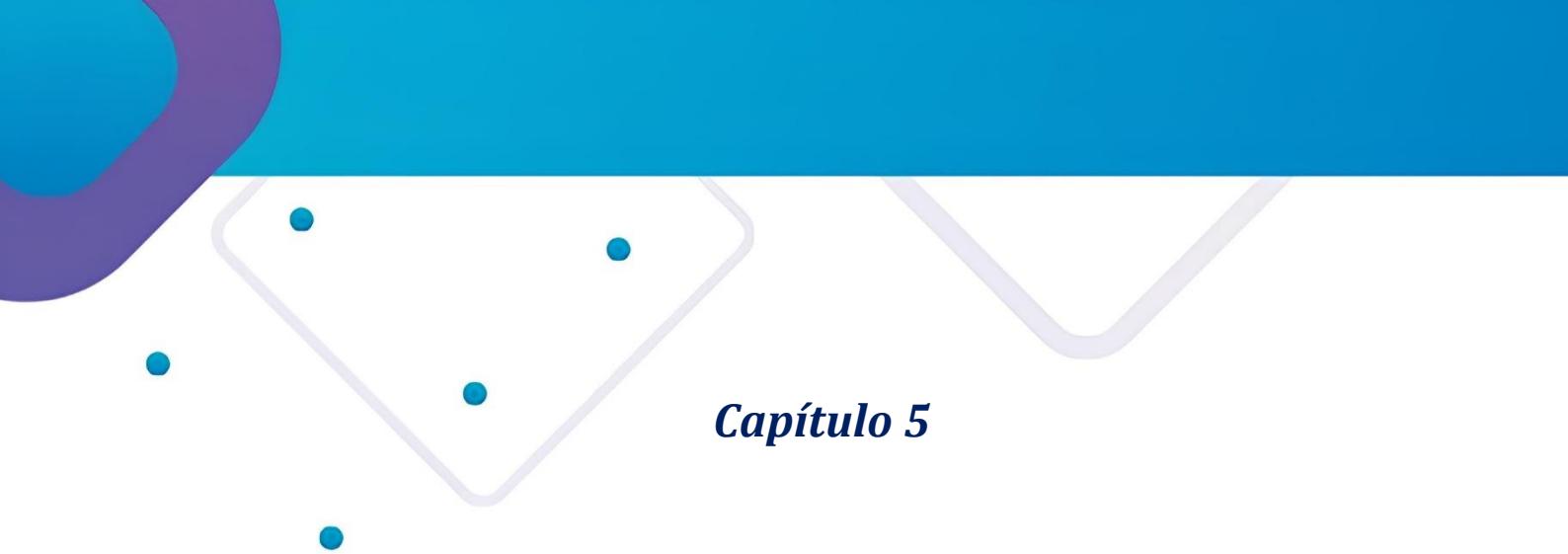
KOCH, Ingredore Grünfield Villaça. Aquisição da escrita e textualidade. Cadernos de estudos linguísticos, v. 29, 1995.

SOARES, Magda Becker. Aprender a escrever, ensinar a escrever. A magia da linguagem 2 (1999).

VAL, M. G. C. Redação e textualidade. São Paulo: Martins Fontes, 2002

WIDDOWSON, H. G. Une approche communicative de l'enseignement des langues. Paris: Hatier-Crédif, 1986.

WIDDOWSON, H. G. (1978). Teaching language as communication Oxford: Oxford University Press.



Capítulo 5

DO PALÁCIO AO ASFALTO: A RUPTURA ENTRE O DISCURSO OFICIAL E A INSURGÊNCIA POPULAR NO RECIFE DE 2021

Antônio Pereira Tavares Neto

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife-PE. Bolsista da CAPES/PROSUC, califaantonio@gmail.com

Rosalina Alves Nantes

Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Mestre em Administração pela Universidade Federal de Rondônia, Doutora em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia, rnantes@unir.br

RESUMO

Este artigo tem por finalidade descrever os efeitos políticos acerca dos protestos ocorridos no dia 29/05/2021 contra o Presidente da República Federativa do Brasil Jair Messias Bolsonaro (Sem Partido) no Recife, à época, capital do Estado de Pernambuco (PE). Assim sendo, utilizar-se-á a Análise do Discurso como percurso didático as interpretações dos fatos e das constelações semânticas as quais jazem na autoridade do povo enquanto fomento a legitimidade da representação e da emancipação político-social a partir dela. O objetivo dessa escrita, portanto, é apresentar reflexões sobre o cenário político brasileiro ao mesmo tempo em que se amplia o olhar acerca dos movimentos populares os quais visam “restaurar” a ordem e estancar o autoritarismo emanado do Palácio do Planalto/Brasília. Como metodologia usa-se o Acervo Teórico Bibliográfico da Análise do Discurso, embora fazendo uma ponte com outras reflexões. Assim sendo, convidam-se alguns teóricos para ampliar a discussão e contribuir com o arcabouço das ideias como Lippmann, (2010), Orlandi (2000), Platin, (2008), Platão, (2017) Inácio, (2007) e outros.

Palavras-chave: Política. Representação. Manifestação. O Povo. Ordem e Discurso.

ABSTRACT

This article aims to describe the political effects of the protests that took place on May 29, 2021, against the President of the Federative Republic of Brazil, Jair Messias Bolsonaro (Independent), in Recife, at the time, the capital of the State of Pernambuco (PE). Thus, Discourse Analysis will be used as a didactic path for interpreting the facts and the semantic constellations that lie within the authority of the people as a driving force for the legitimacy of representation and political-social emancipation stemming from it. Therefore, the objective of this writing is to present reflections on the Brazilian political scenario while broadening the perspective on popular movements aimed at "restoring" order and halting the authoritarianism emanating from the Palácio do Planalto/Brasília. The methodology employed is the Theoretical Bibliographic Collection of Discourse Analysis, although making connections with other reflections. Accordingly, several theorists are invited to broaden the discussion and contribute to the conceptual framework of ideas, such as Lippmann (2010), Orlandi (2000), Platin (2008), Plato (2017), Inácio (2007), among others.

Keywords: Politics. Representation. Protest. The People. Order and Discourse.

O ETHOS INTENCIONAL É DUVIDOSO: “É MELHOR JAIR SE ACOSTUMANDO”

A intenção é fruto de uma experiência simbólica, um meio rarefeito de conduzir o efeito das vontades e tomar para si a “ambrosia” a qual lega para a representação o direito de conduzir ideias pouco consensuais. De posse desse artifício muitos representantes do povo veem o momento certo para mover a multidão possível a seu favor. Diz-se, pois, estar-se diante de um “ethos operandi”.

De acordo com a Análise do Discurso de Linha Francesa o sujeito, durante sua produção discursiva, assume de modo amplo, sua posição sócio-histórica no mundo, o que o posiciona na direção de uma ideologia. Assim sendo, ocorrem as seleções daquilo que é ou pode ser dito, propondo uma “revisão” de si mesmo mediante valores e formas linguísticas para a chamada formação discursiva. Em face disso, o sujeito é redirecionado para o que chamamos de “intenções prévias”, ou seja, o que pode ser dito e como ser dito está para um ajuste nos processos de comunicação entre pares já que o eu, político, e o adversário, também político, batalham por, nem sempre, interesses coletivos, mas visivelmente partidários, individuais, seletivos etc. ao passo que a imagem é a barganha maior de todo discurso, o fio condutor do convencimento.

Linguisticamente podemos dizer que o termo Ethos (em grego antigo ἔθος) corresponde a duas palavras gregas as quais significam: 1º - “a morada habitual de um animal”; 2º - o “caráter, o costume, o uso” e 3º - por extensão, os “costumes” (ῆθος -

'caráter, disposição, costume, hábito'). Vê-se, portanto que “[...] os substantivos etologia, ética (filosofia moral) são da mesma família; o adjetivo ético também pode ser utilizado como derivado do substantivo do ethos” (PLATIN, 2008, p.112).

A partir desse ponto temos uma dimensão maior sobre os alicerces que embasam a vontade política em dado ponto histórico. Essa vontade é quem “delimita” a persona, o caráter moral do indivíduo, pode-se dizer. Aristóteles, citado por Platin (Ibidem), considera que “é o caráter [ethos] que podemos dizer, constitui quase a mais eficaz das provas” (Retórica, I, 77), ele age por empatia, por identificação e transferência.

Diz-se, ainda, que essa dimensão evocada acerca da imagem é por si só um discurso plural. Jair Messias Bolsonaro, Presidente da República Federativa do Brasil, (Sem Partido), à época, quem nos diga! Sua imagem tanto do ponto de vista político quanto pessoal é um plural de intensões e de discursos, pois como bem diz Orlandi (2000): “Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo de memória (...)” (p.10), ou seja, de um lado a memória institucional, aquela amparada pela cristalização do tempo, de outro, a constituída pelo esquecimento, o que nos permite sondar as imagens da mente na direção do outro, perceber a ruptura, o diferente.

Bem, se reflete sobre o “peso carismático” da imagem política, ou seja, até que ponto essa imagem é, por si só, um discurso intencional e de que modo toca o outro, o diferente ou não, partidário ou não em um processo de interação verbal (?). De que forma o então presidente Jair Bolsonaro (Sem Partido), numa tentativa de ser carismático influencia posturas e opiniões numa dada situação comunicativa? Será que a figura do orador e o carisma do representado contribuem para uma realidade interativa, cuja argumentação reitera a persuasão como causa e efeito de seu representante? Essas questões nos permitem colocar à mesa da discussão o ethos como parte de um recurso persuasivo, cujas opiniões, de certo modo, postulam concepções sociodiscursiva atreladas a recursos persuasivos utilizados pelo enunciador. Esse tom persuasivo coloca o representado diante das intenções do representante ao passo que a imagem “lapidada” pela representação reforça a imagem discursiva do ponto de vista histórico e social já que todo sujeito é histórico por natureza.

Em face disso, Maingueneau (2005) nos permite refletir sobre dois tipos de imagens: o ethos discursivo e o etos prévio. O primeiro ethos está para a imagem criada de si mesmo durante uma interação comunicativa movida pela linguagem, já o segundo é o meio quem alimenta o imaginário social do enunciador, ou seja, busca reconhecer o

ambiente social, seus valores, suas narrativas isso tudo previamente na tentativa de anteceder aos fatos e aos atos, o que de certa maneira reforça a hipótese de que o Ethos, desde sua concepção serve como um sustentáculo complementar acerca da enunciação, não sendo apenas um parâmetro ou um elemento persuasivo em si mesmo.

Nesse sentido a imagem social, política, redentora, pois, serve de âncora para locar e deslocar máscaras que se opõe ao opositor (político) em dada situação enunciativa. Noutras palavras, a imagem pode sofrer modificações mediante a ação de um opositor no tocante as interpretações acerca da imagem adversária, isto é, um jogo eufêmico, cujo discurso é “neutralizar” o outro em detrimento dos interesses já politizados.

Jair Messias Bolsonaro, à época “sem partido”, é um personagem accidentado da história política brasileira, ao nosso olhar, donde a regra ética é o próprio desregramento do ofício. Ainda em campanha eleitoral para presidente, em 2018, pertencente ao então PSL (Partido Social Liberal), Jair Bolsonaro “vende” uma campanha baseada na “aniquilação” ideológica em todo país. Propunha, então, uma reorganização da política brasileira bem como de suas estruturas, isso em todas as pastas governamentais (Segurança Pública, Saúde, Educação, Direitos Humanos, Economia e outras) do ponto de vista da administração pública. Em face desse intento “altruista” dispõe para a população seu carisma, suas intenções ‘revolucionárias’ e sua utopia, cuja visão seria reordenar o Brasil para transformá-lo no “éden” do século XXI, um imaginário fantasioso, cujos habitantes pudesse viver conforme as leis dos homens, mas sob as “rédeas de Deus”, controladas pelo Palácio do Planalto.

Articulado e bem (ou mal) intencionado chegou à vitória. O capitão reformado do Exército, Jair Messias Bolsonaro, foi eleito presidente da República. Com 99,97% das urnas apuradas, em 28/10/18, liderou a apuração dos votos, com 55,13% (57.790.455 dos votos), enquanto Fernando Haddad, do PT, apareceu com 44,87% (47.025.716). No primeiro turno, Jair Bolsonaro contou com 48.247.371 votos, o que correspondeu a 46,58% dos votos, contra 28,54% dos votos (29.565.693 votos) de Fernando Haddad, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Diante do exposto, o sortilégio como máquina discursiva. Um “novo” Brasil desperta! Mas, desperta para que? De certo sua eleição, fruto da representatividade popular, passa a ressignificar a realidade, ou melhor, as realidades, isto é, aquilo que, pluralmente, faz surgir às necessidades de um líder carismático. A maioria, na votação, comunga das mesmas ideias, do mesmo cenário utópico, do mesmo campo ideológico ao

passo que se vislumbra enterrar ideologias contrárias, conflitantes, partidárias o que não se pode afirmar que estar-se-á diante de um exposto democrático, mas antidemocrático por se tratar de uma representatividade, cujas razões de ser interferem nas bases da própria Democracia. Todavia, outro questionamento é viável fazer: Como seus discursos tornaram-se possíveis? Como o ethos reitera o tom político de “letalidade” sistêmica?

Como se sabe o perfil de um líder é moldado conforme a realidade que lhe apresente bem quanto se apresenta do ponto de vista da ideologia que defende ou que passa a admitir como parte de seu projeto visionário. Para isso, precisa saber sobre as questões que envolvem o povo, já que é dele, em seu coletivo, de onde emana o poder da representação e a manutenção (ou não) das políticas administrativas. Pode-se afirmar que há uma tensão constante entre a manutenção da representação, as ações deliberativas as quais asseguram o direito e a vontade do povo bem como a vontade inversa do líder.

Sempre é bom lembrar que o benefício da dúvida é a ambrosia que atormenta a “virtú” dos poderosos; a acidez da intolerância! A partir de 2019, já presidente do País, Jair Messias Bolsonaro mantém sua postura e ideologias ácidas desde quando na época da campanha eleitoral, sobretudo, visando dizimar a ideologia dita “esquerdista” de maneira a tornar utopia suas próprias utopias. Conquanto, os 57.790.455 dos votos os quais o elegeram autoridade máxima da nação brasileira “compraram” sua imagem, seu discurso e sua utopia de modo a “rachar” simbolicamente o Brasil em dois grandes blocos: Bolsonaristas x Petistas, diminuindo, timidamente as outras siglas da federação. Essa divisão revela o que podemos chamar de “antiethos”, o espelho contrário de si mesmo mediante uma imagem, por vias de regras, fraudada, construída no e pelo discurso apelativo.

Por outro lado, vemos a midiatização ou o projeto midiático por traz da palavra, do discurso, da imagem, essa que reflete a utopia e o privilégio de quem representa. Noutras palavras, questionar a razão pela qual a realidade é tecida, tanto do ponto de vista ideológico quanto do ponto de vista da representação simbólica, ainda mais, na direção das narratividades as quais assinalam o “antiethos” como contra imagem daquilo que deveria ser e não é põe em risco a opinião pública e a certificação da razão coletiva. Lippmann (2010) chama-nos a atenção para um ponto importante:

Questionar sobre definições claras e cêndidas serve aos altos propósitos conhecidos do homem, exceto a conservação fácil de um desejo comum. O questionamento, como todo líder responsável suspeita, tende a quebrar a transferência da emoção de uma mente individual ao símbolo

institucional. E o primeiro resultado daquilo é, como se diz com razão, um caos de individualismo e seitas em conflito. (LIPPmann, 2010, p. 208)

Até que ponto o símbolo é uma utopia no discurso e na representatividade? Não obstante da realidade a representação usa-se dos símbolos do seu povo (memórias, tradições, referências religiosas etc.) para reiterar a lealdade como parâmetro figurativo e histórico rememorando uma sociedade antiga e estereotipada. Diante disso, a bondade do representante parece carecer da certificação de seus representados, o que faz com que eles, os símbolos, evoquem os sentimentos de cada sujeito em relação a um cenário ideal; “[...] a mobília, as faces, as memórias que são as suas primeiras; numa sociedade estática e sua única realidade. Aquele conjunto de imagens e devoções sem a qual a nacionalidade é impensável” (p.209). Essa esfera depreende questionamentos acerca da utopia dos grandes símbolos, melhor dizendo, da razão de ser na representação e no representado. Há, nitidamente, um jogo de interesses que advogam entre si! Lippmann (2010) também advoga que:

Os grandes símbolos tomam conta destas devoções e podem despertá-las sem invocar as imagens primitivas. Quanto menos símbolos de debate público, mais causal será o que diz político, que é sempre referido a estes protossímbolos, e se possível associados a eles. [...] Devido ao seu poder de remover a emoção de ideias distintas, o símbolo é ao mesmo tempo um mecanismo de solidariedade e de exploração. (LIPPmann, 2010, p.209)

Isso significa dizer que o símbolo permite que às pessoas usem a força de trabalho para um bem comum, isso em detrimento da ação de poucos que se posicionam de maneira estratégica no jogo de interesses, cujos objetivos se apresentam de forma concreta. Além de que “[...] o símbolo é também um instrumento através do qual uns poucos podem modificar os muitos, impedir a crítica, e seduzir os homens a enfrentarem a agonia por objetos que eles não compreendem” (Ibidem). O símbolo, pois, conforme as “pistas” dadas pelo autor são, na verdade, um ponto de vista, um referencial doutrinário capaz de elencar narrativas as quais se possam manusear conforme as leis que regem a vontade política. Na ótica da vontade representativa, crê-se que a ação é mais imperativa que o entendimento. Todavia, a verdade, até certo alcance, pode até falhar se todos chegarem ao mesmo entendimento.

Usando-se do benefício da dúvida, com certeza, se perguntar não ofende: Existe um déspota “bonzinho”? Um intolerante bacana? Ainda mais, tolerar a intolerância é um sinal de respeito a todas as opiniões, faz parte do jogo democrático ou é uma armadilha? Essas

questões retomam a razão de ser desse primeiro ponto de vista, isto é, de que o então Presidente do Brasil, à época, Jair Messias Bolsonaro, usa do discurso político para projetar-se institucionalmente e garantir sua popularidade, buscando caracterizar-se como “popular”, ou melhor, se apresenta num ethos coletivo, donde os adjetivos ignorante, intolerante etc. não constituem seu perfil social e político.

A representatividade tem suas faces. De um jeito ou de outro, no noticiário televisivo, no jornal impresso ou não, Jair Messias Bolsonaro busca o consenso de sua imagem institucional, pregando a ideia de valores, caráter, credibilidade, responsabilidade para fins tanto pessoais, aos nossos olhos, quanto do parlamento. Qual a razão dessa postura? Acredita-se que o que está à mesa da discussão é o julgamento do povo, da sociedade que com olhos de águia e agilidade de um falcão evoca o debate como forma de revalidar a credibilidade e honestidade daquele que os representa. Lembremos que a imagem não é uma ausência em si mesma, pelo contrário é um símbolo pulsante, um arquivo vivo, uma memória imorredoura, uma intenção comunicativa.

DO LOGOS NÃO CONVICENTE ÀS RUAS DO RECIFE: A INSURREIÇÃO DO DIA 29 E SEUS DESDOBRAMENTOS

A justiça é uma arte. Às vezes parece uma arte de roubar, talvez para benefício de amigos em detrimento dos inimigos. Buscando um carisma, uma atenção até mesmo midiática o governo federal se vê diante de protestos e gritos de ordem em todo país, mais pontualmente em Recife, ponto fulcral desta escrita. Sem convencer nem mesmo seu eleitorado, salvas exceções, a administração de Jair Messias Bolsonaro, agora, acumula escândalos e outras narrativas que não caberiam numa escrita como essa, mas o intento é usar da referência para uma reflexão sobre a política enquanto ação e não meramente um “contrato de troca e venda”. A realidade é uma narrativa por si só: faltou coerência e planejamento sério na direção do Brasil e de seus representados, o Povo, principalmente, durante a Pandemia da Covid-19. Ninguém tem mais dúvidas de que o Brasil ultrapassou a marca de meio milhão de óbitos naquele contexto. O noticiário não registrava mais o quantitativo inferior a mil mortes por dia, pelo contrário, por vezes o dobro ao passo que o triplo em dados momentos, um avanço violento do vírus que não escolhe cor, gênero, partido político, classe social; simplesmente mata e amplia as desigualdades!

Lembremo-nos que no dia 26/11/2020, em uma das suas lives, numa Quinta-feira, o Presidente Jair Messias Bolsonaro afirmou que nunca chamou a Covid-19 de “gripezinha”. Ainda mais, que não existe nada que mostre o contrário. Dizia o Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Messias Bolsonaro: “A grande mídia falando que eu chamei de gripezinha a questão do covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma”. Lembremo-nos que no dia 20/03/2020 usa-se da expressão “gripezinha” pelo menos duas vezes em situações distintas: primeiro, em uma coletiva para a imprensa, no dia 20 de março de 2020: “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?”; no dia 24, quatro dias depois, em um pronunciamento nacional em rádio e TV evoca o termo mais uma vez: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”.

A referência está para uma fala do médico Drauzio Varella que subestimara o vírus da Covid-19 em dado momento histórico, considerando-o algo “meramente acidental” e que não teria grandes repercussões no Brasil. Tanto o Brasil quanto o mundo inteiro, em especial a China, país de onde surgira o vírus, estavam em busca de respostas e de uma explicação para o novo fenômeno viral. Claro que a posição do médico Drauzio Varella contrastava, naquele momento, com a comunidade científica de modo geral no sentido de não terem informações precisas para combater o que, mais tarde, viria a ser considerada uma pandemia de ordem global pela OMS (Organização Mundial de Saúde).

Do ponto de vista social, a nível global, o vírus da Covid 19, escancarou as distâncias abruptas entre o Ser Humano e ele mesmo, com um detalhe: separado pelo dinheiro. Então, qual é o discurso que visa convencer os brasileiros e legar a eles, de alguma forma, parte, também, da responsabilidade que cabe ao Governo Federal de cuidar e agir, respeitando as medidas sanitárias, conforme instruções da OMS (Organização Mundial da Saúde)?

Como exigir dos brasileiros que o “dever de casa” seja cumprido se o próprio governo não cumpriu com o básico (manutenção das medidas sanitárias adequadas, prevenção à Vida, sobretudo, dos brasileiros?) Se o presidente não convence o Brasil em seu todo, o povo luta pelo direito de protestar. Entendamos o protesto (protestari) como uma manifestação pública acerca do não consentimento de alguma ou mais ideias em detrimento da coletividade, mesmo durante a pandemia da Covid-19. Mais que um

protesto, a sinalização do não pertencimento simbólico em relação a algum ou mais “discursos” os quais possam contrariar a vontade soberana do Povo; por sua vez, o Povo é o todo e não a parte representada!

O que se observa é que o Brasil está ou foi condicionado a uma divisão nada democrática, muito pelo contrário. Ao que parece o povo ora vê-se diante da figura pública do Presidente Jair Messias Bolsonaro, ora se vê diante de um bolsonarismo exacerbado, letal, multifacetado. É que, como bem diz Platão (2017): “Ha vícios e erros que contrapõe virtudes, qualidades e a maneira ideal de agir, de comportar, de conduzir, de guerrear, de governar em seu Estado ideal, ou em sua república utópica” (p.08), isto é, a utopia bolsonarista em meio a erros ou acertos, conforme a natureza de vossas interpretações segue a liturgia daquele que guia ainda mediante a lei dos contrários.

Por falar em contrários, ao que parece tanto às verdades quanto o logos, no sentido de uma mudança acerca das coisas nos seus contrários, reverberam um discurso em si contraditório, noutras linhas, se aposta numa identidade mutável oposta à universalidade das aparências, pois elas enganam.

Isso, de certa forma, não torna o oposto de si mesmo uma eliminação de sua própria natureza, logo, tornando-se nada? Talvez, esse “contrário dogmático”, utópico, seja uma aposta do Presidente Jair Messias Bolsonaro, em seus discursos, no sentido de corresponder “aos seus” acerca da diegese sobre a concepção de verdade e de dever civil. Se entendermos que a verdade é um pressuposto de mudanças é preciso, então, concebê-la como parte de uma razão e não vê-la como a razão em si.

Diante do exposto, as opiniões (doxai) se multiplicam e vão às ruas do Recife/PE no dia 29 de maio de 2021. A insurreição é uma resposta às políticas, em várias áreas, do governo de Jair Messias Bolsonaro pelo Brasil. A caminhada, articula-se para acontecer às 09 h, saindo da Praça do Derby/Recife.

Os manifestantes em punho de faixas, bandeiras, cartazes protestavam contra o governo do presidente então presidente e contra a política sanitária adotada durante a pandemia. Pediu-se, também, vacinação em massa, a volta do auxílio emergencial de 600 reais e reivindicavam causas relativas ao Meio Ambiente e privatizações.

Em seguida, saíram em caminhada pelas ruas do centro do Recife, ocupando quase toda extensão da Avenida Conde da Boa Vista. Os manifestantes pernambucanos só não esperavam que a Polícia Militar de Pernambuco os interceptasse e deflagrassem um confronto, até agora irreparável, pois houve vítimas as quais feridas não só na carne, mas

no espírito – duas pessoas perderam a visão de um dos olhos! Observemos a sequência das imagens abaixo:

Figura 01: Os manifestantes e seus apelos



Fonte: <https://www.google.com>, 2021

Na ponte Duarte Coelho, os manifestantes foram interceptados pela Tropa de Choque da Polícia Militar que atiraram balas de borracha, spray de pimenta e bombas de efeito moral. A justificativa, dentre várias, é que estavam dispersando a multidão por conta da pandemia da Covid-19. Mas, os desdobramentos mostram outras esferas do discurso hierárquico. A pergunta crucial a partir de então foi: De quem partiu a ordem para que os policiais abrissem fogo contra os manifestantes? A quem se atribui a responsabilidade acerca da ação truculenta, violenta da Polícia Militar de Pernambuco? Indagações que a sociedade brasileira, sobretudo, pernambucana, se fez durante dias, levando a imagem do governo Paulo Câmara (In Memoriam) a estampar as principais notícias nos jornais impressos e televisivos do Brasil e no mundo. Vejamos a imagem abaixo:

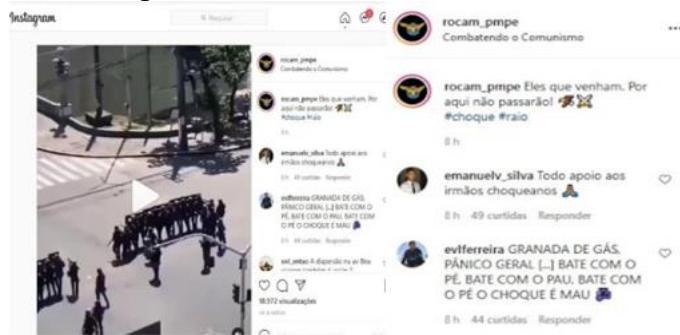
Imagen 01: Repressão da PM/PE



Fonte: <https://www.google.com>, 2021

A ordem, do ponto de vista simbólico, como bem aponta Orlandi (2000), só se estabelece quando há sentido. Afinal, é no entrelaçamento da língua – esse sistema sintático permeado por jogos, equívocos e inevitáveis deslizes – que a história se inscreve. Mas, afinal, de que “língua” estamos falando? Seria aquela que brota do fluxo disciplinador do discurso em comando? Aquela que ecoa imperativos como: Faça! Obedeça! Atire! O que se viu naquele 29 de maio, no Recife, foi mais do que uma ação de contenção: foi a imposição de um discurso já enfraquecido, tensionado e sustentado à força sob o peso de uma pressão política latente. Não se quis apenas dispersar a multidão. Quis-se, sobretudo, reafirmar – ainda que à bala – uma autoridade em declínio. Exemplo disso foi o conteúdo postado pelos policiais da ROCAM/PE em sua conta oficial no Instagram. Uma publicação que, apesar de rapidamente deletada, não escapou aos olhos atentos e às lentes vigilantes do Blog da Noelia Brito. Ali, antes do silêncio virtual, já se fazia ouvir o ruído ideológico da violência performada.

Imagen 02: “Combatendo o Comunismo”



Fone: <https://www.blogdanoeliabrito.com>, 2021

Nesta captura de tela da conta oficial da ROCAM/PE (Rondas Ostensivas com Apoio de Motocicletas da Polícia Militar de Pernambuco) no Instagram, é possível perceber um vídeo de policiais em formação durante os protestos de 29 de maio de 2021 no Recife, cujas falas tem impacto ético. Vejamos: "Eles que venham. Por aqui não passarão! #choque #raio". Há também comentários de apoio, incitando violência, como: "Todo apoio aos irmãos choqueanos", "GRANADA DE GÁS. PÂNICO GERAL [...] BATE COM O PÉ, BATE COM O PAU! BATE COM O PÉ O CHOQUE É MAU". O que isso nos diz?

Esta postagem institucional revela, de forma explícita, um discurso de confronto e de militarização da linguagem, o que fere os princípios éticos basilares da segurança pública em um Estado Democrático de Direito. Ainda mais, o discurso de violência muito claro e incitação ao conflito. A frase "Eles que venham. Por aqui não passarão!",

acompanhada de hashtags relacionadas a unidades de choque, não sugere um papel protetivo ou mediador da força policial. Pelo contrário, reforça uma postura de enfrentamento bélico contra cidadãos em manifestação. Desse modo, configurando desvio de função pública, isto é, o papel constitucional das polícias é garantir a segurança pública e a integridade da população, e não assumir um tom de provação e intimidação. O uso das redes sociais para difundir esse ethos de combate expõe um desvio ético grave.

Outro aspecto relevante a ser posto trata-se da desumanização e deslegitimização do protesto popular, isto é, o discurso institucional presente na postagem transforma manifestantes em inimigos a serem combatidos, o que contribui para a criminalização dos movimentos sociais e reforça uma narrativa que legitima a repressão violenta, ao passo que a memória digital e a responsabilidade institucional ecoou em várias plataformas independentes, como o da jornalista Noelia Brito, o que evidencia a impossibilidade de apagar os rastros digitais e a necessidade de responsabilização pública.

Ainda mais, um aspecto que deve ser pontuado é quanto à violação de Direitos Humanos. Essa postura não apenas afronta o direito à livre manifestação e à integridade física, mas também agrava a cultura de violência institucional. Tal comportamento pode ser enquadrado como incompatível com os tratados internacionais de direitos humanos, dos quais o Brasil é signatário.

A publicação da ROCAM/PE vai além de um erro de comunicação. Ela materializa um **ethos policial autoritário**, que naturaliza a violência como ferramenta de gestão de conflitos sociais. O episódio reforça a urgência de revisão das práticas de comunicação institucional das forças de segurança e de implementação de políticas efetivas de formação ética e cidadã para os agentes públicos.

Há, sem dúvida, culpados em todo esse processo. A ausência de responsabilização ecoa como uma rachadura profunda na estrutura da ordem e da hierarquia. Quando a política invade o quartel, a hierarquia e a disciplina saem pela porta dos fundos, quase sempre de forma silenciosa, mas devastadora. E quando isso acontece, o comando dos oficiais – base da lógica de mando e obediência – passa a ser questionado, diluído, esvaziado. A partir daí a polícia deixa de agir como força pública a serviço da coletividade e passa a operar como uma milícia, obedecendo não à lei, mas a interesses particulares.

É nesse contexto de desvio institucional que surge a figura do "Rei Louco", aquele cuja utopia é, na verdade, um projeto de si para si mesmo. Um governante que age movido não pelo interesse público, mas pela pulsão desmedida de seu próprio ego. Não faltam,

também, aqueles que – mesmo cientes da loucura – preferem segui-lo, acreditando, com fé cega, que o caos seja apenas uma trilha tortuosa até o tão prometido “Éden”.

Neste cenário de tensão entre sanidade e delírio, o Brasil parece caminhar por vielas políticas estreitas, onde a razão e a loucura se entrelaçam como fios de uma mesma trama. Uma leitura instigante sobre isso nos é oferecida pelo professor Joseildo Inácio, em seu texto "Que Rei Sou Eu?". De forma simples e, ao mesmo tempo, profundamente provocadora, o autor nos convida a refletir sobre os rumos das relações de poder a partir de uma metáfora cartesiana: de um lado, o Rei Sábio, guiado pela razão; de outro, o Rei Louco, arrastado pelas paixões, pelos impulsos e pela volúpia de seu próprio desejo de poder.

Assim, o que se apresenta não é apenas um problema de comando, mas uma crise ética e simbólica, onde a linha que separa a governabilidade da tirania parece cada vez mais tênue.

O Rei Sábio Num primeiro momento Descobre-se e afirma-se como uma Substância Pensante; Toma a sua Razão e segue À procura de caminhos Claros e distintos Entre os quais está o Escutar. O Rei Sábio Escuta as lamentações dos súditos E as guarda para si Depois de tê-los ajudado O Rei Louco, Além de não saber escutar, Quando escuta, não sabe ajudar Nem guardar para si O Rei louco, De vez em quando, Diz: "Hoje eu pensei bastante..." Nesses pretenciosos momentos Revistam-se da Razão E protejam-se! Porque, ao ignorar-se, Enquanto Alma Pensante, O seu "Eu pensei" Não é confiável É preocupante! Pois é autor de males!! Posto que pensa com os sentidos; Veste-se de sentidos; Alimenta-se de sentidos. Até mesmo o vinho, Em sua taça, É feito de sentidos. Por isso tudo que ele busca: Não existe! Tudo que demonstra: É duvidoso! Tudo que comprehende: É ilusão! Tudo que faz: É destruição! (INÁCIO, 2007, p. 10-11-12)

Como é possível notar, entre a Razão e o Pensar (pretencioso) escorrem perigos os quais, trajados de “boas intenções”.

Inácio (2007), retomando sua analogia acerca do rei Sábio e do Rei Louco, nos convida a outra reflexão:

O Rei Sábio, Assegurando-se da Existência, Bondade e Veracidade Divina, Vê assegurada também A Veracidade de suas percepções Claras e distintas, Por conseguinte, suas Decisões e ações Fundamentam-se nas visões Que clara e distintamente Apresentam-se a sua Razão. [...] O Rei Louco Abre mais as feridas E leva os súditos A condenarem entre si Dividindo o reino. O Rei Louco Até esquece e, De vez em quando, perdoa. O Rei Sábio, Não se comprehendendo melhor Nem mais perfeito Do que ninguém, Não tem necessidade de perdoar. (INÁCIO, 2007, p. 16-17)

A citação de Inácio (2007) apresenta uma potente metáfora sobre o exercício do poder e os efeitos éticos e políticos que dele decorrem. O Rei Sábio, guiado pela razão e pela clareza de suas percepções, fundamenta suas decisões em princípios que buscam o bem coletivo e a harmonia do reino. Ele reconhece suas limitações humanas, o que o distancia de atitudes autoritárias ou punitivas desnecessárias. Já o Rei Louco, mergulhado nas próprias paixões e vaidades, promove o caos, o conflito e a fragmentação social, transformando o reino num campo de disputa e ressentimentos. Sua postura errática, que ora fere e ora esquece, revela um governo instável e movido por impulsos momentâneos, sem responsabilidade histórica ou ética. A metáfora, ao transitar entre a razão e o desgoverno, nos convida a refletir sobre os riscos de uma liderança movida pela irracionalidade e pela vaidade cega – um alerta que, ao olhar para o cenário político brasileiro contemporâneo, soa tristemente atual.

Enquanto o Rei Sábio governa com os alicerces da razão e da justiça, sustentado por virtudes morais que servem de espelho ao seu povo, o Rei Louco prefere o jogo das divisões, das narrativas fantasiosas e dos projetos imagéticos que mais servem ao seu ego do que ao bem comum. Seu governo é feito de favores, distribuídos estrategicamente entre os "escolhidos", aqueles que, de alguma forma, alimentam o sistema que o mantém no trono. Pergunta-se então: estaríamos diante de um modelo político que remete aos tempos de um "Rei Medieval", onde o poder se exerce pelo medo, pelo privilégio e pela manipulação de vontades?

Esse cenário nos leva a uma constatação amarga, mas necessária: a política, em sua essência mais crua, muitas vezes se afasta tanto da justiça quanto da graça divina. Ela se resume ao jogo duro e incessante do exercício do poder. Toda sociedade, como nos alerta a história, é marcada por uma divisão originária: de um lado, o desejo dos grandes de oprimir e comandar, guiados pela sede insaciável de riqueza, de acúmulo, de poder material; de outro, o desejo do povo por liberdade, dignidade e segurança – prêmios básicos, mas muitas vezes inalcançáveis.

No caso pernambucano, nem os delírios de repressão nem os fantasmas autoritários conseguiram calar o espírito crítico de um povo historicamente resistente. O convencimento político pelo medo não "atinge" o pernambucano. O que se viu naquele 29 de maio de 2021 foi uma tentativa desastrosa de imposição pela força. De um lado, manifestantes exercendo pacificamente o direito constitucional de protestar contra o governo de Jair Messias Bolsonaro; de outro, a Polícia Militar de Pernambuco (PMPE),

agindo com violência desmedida: disparos de balas de borracha, spray de pimenta, bombas de efeito moral, atingindo inclusive parlamentares, como a vereadora Liana Cirne (PT), que foi agredida de forma inesperada e desproporcional, dentro de uma viatura, enquanto dialogava com os agentes. A narrativa oficial da PMPE, sustentada pela assessoria de imprensa, buscou justificar os atos violentos sob o argumento do cumprimento de um decreto estadual de restrições sanitárias, datado de 24 de março de 2021. Porém, essa justificativa logo se mostrou frágil e contraditória, especialmente após a publicação – posteriormente apagada – na conta oficial da ROCAM/PE no Instagram, onde a repressão foi apresentada como um ato de combate ideológico: “Combatendo o Comunismo”. O episódio deixa claro: por trás da fumaça das bombas e das cortinas de justificativas burocráticas, o que se desenhou foi um preocupante cenário de autoritarismo, alimentado por uma lógica de poder que distancia a segurança pública de seu real propósito: proteger o cidadão.

Noutra ótica, ainda no cunho da argumentação a qual embasa a ação deliberativa tanto da Polícia Militar de Pernambuco quanto do Estado, na pessoa do Excelentíssimo Governador Paulo Câmara (In Memoriam), no dia 28 de maio, portanto, um dia antes do ato, a 34^a Promotora de Justiça de Defesa da Cidadania da Capital (PJDCC), Helena Capela, com atribuição na Promoção e Defesa da Saúde do Ministério Público de Pernambuco (MPPE), emitiu um documento recomendando a “não realização de eventos que possam ocasionar aglomeração neste final de semana (...) a exemplo do ato agendado para a data de 29 de maio na Praça do Derby”. A recomendação utilizou o decreto assinado pelo governador Paulo Câmara (PSB) como base. O documento reforça que “o Código Penal brasileiro, nos artigos 267 e 268, tipifica como crime casos em que cidadãos ou organizações apoiem a disseminação de uma epidemia ou mesmo a infração à determinação do poder público que venha impedir a disseminação de doença contagiosa”.

Esses e outros argumentos tanto em prol dos protestos quanto do ponto de vista do Estado de Pernambuco põem em cheque dois grandes personagens: o “Rei Sábio”, o Povo, e o “Rei Louco”, o Poder. Assim sendo, entre o Povo e o Poder, a Bandeira, conquanto do Brasil simbolicamente, como discurso não de uma parte, mas de um todo integrado. Só para deixar claro:

O Rei Louco Ordenou que sua Bandeira Estivesse escrito: “Sobre toda e qualquer objetividade e subjetividade esteja a Vontade do Rei” Ordenou porque assim era o seu reinado E, em nome de sua Vontade, Ergueu exércitos; Criou bombas atômicas E armas químicas; Utilizou-se de

diversos Métodos de tortura Física e mental; Menti; ludibriou; aprisionou; Destriui e matou. [...] O Rei Sábio Por sua vez, Cuidou que sobre A bandeira do seu reinado Estivesse escrito: "Que o reino seja: Unidade na Diversidade, uma Unidade formada pela diversidade de Seres Pensantes", E assim procurou agir Até o fim dos seus dias, Conhecendo e reconhecendo As idéias e pensamentos Daqueles que liderava. (INÁCIO, 2007, p. 21-24)

Esse trecho de Inácio (2007) apresenta uma poderosa metáfora sobre dois paradigmas de liderança: o governo pela vontade autoritária e narcisista versus o governo pela escuta, razão e respeito à diversidade. O Rei Louco representa o líder que, movido por sua própria vontade, ignora qualquer princípio ético, racional ou coletivo. Sua bandeira carrega o peso da arbitrariedade e da violência. Tudo gira em torno de sua vontade pessoal, mesmo que isso custe vidas, verdades e a dignidade de seu povo. O resultado inevitável é a opressão, a guerra, o medo e o silenciamento das diferenças. Já o Rei Sábio, ao inscrever em sua bandeira o ideal de "Unidade na Diversidade", sinaliza um compromisso com a convivência democrática, com a escuta plural e com o reconhecimento das diferenças como fonte de força social, não de ameaça. Seu reinado se pauta no diálogo, na inclusão e na construção coletiva de sentido. A reflexão que emerge é clara e atual: a escolha entre governar para si ou governar para todos. Enquanto o autoritarismo sufoca, isola e violenta, o governo baseado na diversidade acolhe, debate e transforma. A citação nos convida a pensar o papel dos líderes na atualidade e o tipo de sociedade que queremos construir: uma marcada pela opressão e medo, ou uma que valorize a pluralidade e os direitos humanos.

No contexto político brasileiro recente, o trecho dialoga diretamente com os perigos do populismo autoritário, da política de ódio e da manipulação ideológica, reforçando a urgência de lideranças comprometidas com a ética pública e a escuta social.

ENTRE O PATHÊMICO E OS FATOS MIDIATIZADOS: UMA SÍNTESE SOBRE A INVENÇÃO DA VERDADE AINDA EM PROTESTOS

Discutir como as emoções e a mídia influenciam a percepção da verdade durante os protestos torna-se essencial quando buscamos compreender a complexa teia de sentidos que se forma em torno desses eventos. A intersecção entre os sentimentos que emergem nas ruas e a forma como os meios de comunicação constroem suas narrativas

revela um jogo delicado de representações, capaz de criar versões muito específicas da realidade, com forte impacto sobre a opinião pública.

Os protestos, por natureza, são espaços emocionalmente carregados, onde as emoções funcionam como combustível para a mobilização e o engajamento social (van Troost et al., 2013). Se antes a raiva era vista como a principal força motriz das manifestações políticas, hoje reconhece-se que sentimentos positivos também têm papel fundamental nesse processo (Sabucedo & Vilas, 2014). Entre a indignação e a esperança, as emoções se entrelaçam, sendo constantemente criadas, manipuladas e ressignificadas para impulsionar a ação coletiva. Ferreira (2023) e van Troost et al. (2013) destacam que os organizadores dos movimentos recorrem intencionalmente a esse repertório emocional, combinando elementos morais, cognitivos e afetivos para fortalecer o sentimento de pertencimento e a adesão à causa.

A dimensão cultural dos protestos também não pode ser ignorada. Como aponta Zangelmi (2018), os sentidos atribuídos aos atos, as estratégias de recrutamento de novos participantes e as interações entre diferentes grupos sociais contribuem para a construção de um cenário que vai muito além da disputa por políticas públicas: trata-se também de uma disputa por narrativas e significados.

Dentro desse contexto, o papel da mídia ganha destaque. Diversas pesquisas apontam que a cobertura jornalística exerce forte influência na maneira como o público percebe os protestos. Os enquadramentos variam conforme as agendas políticas de cada veículo (Silva & Fernandes, 2017; Teixeira et al., 2020). Em geral, a mídia tradicional tende a enfatizar episódios de violência e vandalismo supostamente protagonizados pelos manifestantes, ao mesmo tempo em que minimiza ou silencia os excessos e abusos cometidos pelas forças policiais. Por outro lado, a mídia ativista costuma fazer o movimento inverso: denuncia com veemência a repressão policial e, muitas vezes, legitima táticas de confronto direto, como as ações dos Black Blocs (Bezerra & Grillo, 2014). Assim, fica evidente que entre a emoção das ruas e o enquadramento midiático, a "verdade" sobre os protestos é, muitas vezes, uma construção estratégica, permeada por interesses, emoções e disputas de poder simbólico.

Um estudo das greves gerais de 2017 no Brasil, por exemplo, descobriu que os principais veículos de comunicação empregaram o "paradigma do protesto", enquadrando os eventos como violentos, perturbadores, economicamente prejudiciais e sem legitimidade popular (Feres Júnior et al., 2019). No entanto, o enquadramento da

mídia nem sempre é negativo em relação ao ativismo e pode variar com base na ideologia do veículo e na posição do protesto em relação ao status quo (Teixeira et al., 2020). Essas descobertas destacam a interação complexa entre a cobertura da mídia e a compreensão pública dos movimentos de protesto.

Pesquisas indicam que a cobertura da mídia desempenha um papel significativo na formação da percepção pública dos protestos. A mídia tradicional tende a enfatizar os aspectos negativos dos protestos, muitas vezes enquadrando ações violentas como atos criminosos isolados em vez de parte de um repertório mais amplo de contestação (C. Silva & E. Fernandes, 2017).

Em contraste, fontes de mídia alternativas podem fornecer narrativas diferentes, destacando vozes de manifestantes e líderes sindicais (K. Fernandes, 2019). A seleção e apresentação de imagens e narrativas podem criar versões variadas dos mesmos eventos, potencialmente influenciando a opinião pública (H. Oliveira, 2016).

Por exemplo, a cobertura de protestos pró-impeachment no Brasil apresentou posicionamento proeminente, imagens aéreas e ênfase no tamanho da multidão, enquanto os protestos pró-governo receberam menos atenção (H. Oliveira, 2016). A ascensão da mídia digital permitiu que ativistas e cidadãos criassem narrativas colaborativas, potencialmente democratizando os processos de comunicação durante os protestos (Aquino Bittencourt & M. Clara, 2015). Essas descobertas destacam a interação complexa entre a cobertura da mídia e a percepção pública dos protestos.

Silva e Fernandes (2023) em seus estudos, evidenciaram que a cobertura da mídia incorpora regimes emocionais ambivalentes, associando protestos tanto a emoções positivas como orgulho quanto negativas como medo. Esse enquadramento emocional pode levar à polarização, conforme observado por Camargo e Ramos (2024) em sua análise dos protestos brasileiros de 2013 a 2016.

O papel da mídia na formação da opinião pública se estende além dos protestos, afetando a representação democrática e a cidadania. Rodríguez (2019) argumenta que a visibilidade da mídia nem sempre equivale à representatividade social, impactando a análise cultural e as políticas públicas.

Figueiredo Sobrinho (2018) explora isso ainda mais examinando como diferentes grupos de mídia representaram os protestos brasileiros de 2013, destacando os laços políticos entre os veículos de mídia e seus públicos. Esses estudos demonstram coletivamente o

profundo impacto das narrativas e emoções da mídia na percepção pública e nos processos democráticos.

Os protestos de 29 de maio de 2021 em Recife contra o governo de Jair Messias Bolsonaro são um exemplo significativo de como diferentes abordagens midiáticas podem criar percepções variadas dos mesmos eventos. A análise das coberturas de diferentes veículos de comunicação revela como a escolha de palavras, imagens e narrativas pode influenciar a opinião pública.

A Rede Globo, um dos maiores veículos de comunicação do Brasil, apresentou os protestos de Recife como uma manifestação legítima de insatisfação popular. A cobertura destacou a participação de diversas camadas da sociedade, incluindo estudantes, trabalhadores e líderes comunitários. A ênfase foi colocada nas reivindicações dos manifestantes, como a demanda por vacinação em massa, a volta do auxílio emergencial de 600 reais, e a crítica às políticas sanitárias do governo durante a pandemia de COVID-19.

A reportagem utilizou entrevistas com manifestantes e especialistas, reforçando a legitimidade das reivindicações e a diversidade dos participantes, trazendo imagens: Imagens de manifestantes pacíficos com cartazes e faixas foram predominantes, mostrando a mobilização popular de maneira positiva.

Já na Record TV, conhecida por uma linha editorial mais alinhada com o governo Bolsonaro, apresentou os protestos de maneira mais crítica. A ênfase foi colocada nos possíveis riscos de aglomeração durante a pandemia e na necessidade de manter a ordem pública. Trouxe como título: "Protestos em Recife desafiam medidas de saúde pública durante a pandemia", com a narrativa que destacou as críticas de autoridades de saúde sobre a realização de manifestações em um momento crítico da pandemia, sugerindo irresponsabilidade por parte dos organizadores, explorando imagens de confrontos com a polícia e a dispersão dos manifestantes foram predominantes, passando uma impressão de desordem e conflito.

Por outro lado, a Mídia Ninja, uma plataforma independente conhecida por sua cobertura de movimentos sociais, apresentou os protestos de uma perspectiva engajada. A cobertura focou na violência policial e na repressão aos manifestantes, destacando as violações de direitos humanos. Destacou como título: "Polícia Militar de Pernambuco reprime manifestantes em Recife", trazendo a narrativa de manifestantes feridos e advogados de direitos humanos, criticando fortemente a ação da polícia e questionando a

legitimidade do uso da força, as imagens representam os manifestantes feridos e com enfoque da ação policial agressiva foram predominantes, enfatizando a repressão estatal.

Outra plataforma independente, os Jornalistas livres, destacou a resistência e a resiliência dos manifestantes, enfatizando a importância dos protestos como forma de luta democrática. Trouxe como destaque “A voz e as imagens do povo nas ruas”. A reportagem enalteceu a coragem dos manifestantes e a importância de se manifestar contra o governo, retratando os protestos como um exercício legítimo de cidadania, também explorando imagens de pessoas e momentos de solidariedade entre os manifestantes os quais predominantes, passando uma impressão de unidade e força popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos protestos contra o governo Jair M. Bolsonaro, em 2021 no Recife, à luz das categorias Ethos, Logos e Pathos, revela as complexas dinâmicas discursivas que atravessam o espaço político e social contemporâneo. Sob a perspectiva da Análise do Discurso, os acontecimentos expõem a articulação entre enunciados, sujeitos e contexto histórico, evidenciando as disputas por sentido e legitimidade no espaço público.

No campo do Ethos, destaca-se o slogan “É melhor Jair se acostumando”, expressão de uma liderança marcada por ironia, confronto e autoritarismo simbólico. O ethos bolsonarista, performático e polarizador, construiu uma imagem de força, mas também de fragilidade, principalmente frente ao aumento do descontentamento popular durante a pandemia. A falta de empatia e de respostas efetivas agravou o distanciamento entre governo e sociedade.

A manifestação do dia 29 de maio de 2021, no Recife, simboliza essa ruptura discursiva. De um lado, um logos oficial frágil, amparado em justificativas inconsistentes e marcado por contradições na gestão da crise sanitária e nas ações antidemocráticas. De outro, as ruas tornaram-se palco de contra-narrativas plurais, unificadas pela defesa da justiça social, da vacinação e da democracia.

No campo do Pathos, os protestos evidenciaram tanto a força emocional das manifestações quanto a disputa por sua interpretação. O pathos esteve presente nas performances de resistência, nas imagens de violência policial e nas estratégias midiáticas

de manipulação dos sentidos. A mídia, ao narrar os acontecimentos, ora reforçou o viés oficial, ora deu visibilidade à indignação popular.

Em síntese, os protestos de 2021 no Recife demonstram como Ethos, Logos e Pathos operam na tessitura das disputas simbólicas e políticas atuais. As manifestações não apenas denunciaram um governo sem respostas consistentes, mas reafirmaram o papel crítico da população na construção de um debate público plural, que resiste ao silenciamento e à manipulação discursiva.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Arthur Coelho; GRILLO, Carolina Christoph. **Batalhas nas ruas, guerra nas redes: notas sobre a cobertura midiática da violência em manifestações**. Liinc em Revista, 2014.
- BITTENCOURT, Maria Clara Aquino. **As narrativas colaborativas nos protestos de 2013 no Brasil: midiatização do ativismo, espalhamento e convergência**. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 129, p. 325-343, 2015.
- CAMARGO, Alexandre de Paiva Rio; DE SOUZA RAMOS, Katia. **DA MULTIDÃO AO PÚBLICO: IMAGENS, NARRATIVAS E TECNOPOLÍTICAS NA PRODUÇÃO DA POLARIZAÇÃO PÓS-2013**. Entropia, v. 8, n. 15, p. 06-52, 2024.
- DA SILVA, Camila Farias; FERNANDES, Eduardo Georjão. **Ciclo de protestos de 2013: construção midiática das performances de contestação**. Ciências Sociais Unisinos, v. 53, n. 2, p. 202-215, 2017.
- DA SILVA, Camila Farias; FERNANDES, Eduardo Georjão. **Imagem e contestação: regimes emocionais no enquadramento midiático a eventos de protesto**. Opinião Pública, v. 29, n. 1, p. 69-101, 2023.
- DE OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves. **Retrato das manifestações de rua no processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff: a construção da opinião pública pela mídia privada brasileira**. Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, v. 3, n. 2, p. 83-96, 2016.
- FERES, João et al. **A cobertura jornalística das greves gerais de 2017: paradigma de protesto ou militância política**. Opinião Pública, v. 25, n. 3, p. 495-530, 2019.
- FERREIRA, Maria Alice Silveira. **As emoções na luta política: um debate mais que necessário**. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 41, p. e267628, 2023.
- RODRÍGUEZ, María Graciela. **“No importa lo que yo diga”: desigualdad, ciudadanía y democracia en la sociedad mediatizada de la Argentina**. Intexto, p. 185-207, 2019.

SABUCEDO, J., & Vilas, X. (2014). **Anger And Positive Emotions In Political Protest.** Universitas Psychologica, 13, 829-838.

SOBRINHO, Carlos Peres Figueiredo. **Mídia e Representação: Manifestações em 2013 e Laços Políticos entre Públícos e Meios.** Esferas, n. 11, 2017. van TROOST, D., van Stekelenburg, J., & Klandermans, B. (2013). Emotions of protest.

TEIXEIRA, Alex Niche; FERNANDES, Eduardo Georjão; SILVA, Marcelo Kunrath. **Enquadramento eventos de protesto: as disputas interpretativas em torno do ciclo de manifestações de 2013 em Porto Alegre.** Plural: Revista de Ciências Sociais, v. 27, n. 2, p. 166-185, 2020.

ZANGELMI, Arnaldo José. **Um olhar sobre a dimensão cultural dos protestos e os dilemas da mobilização.** 2018.

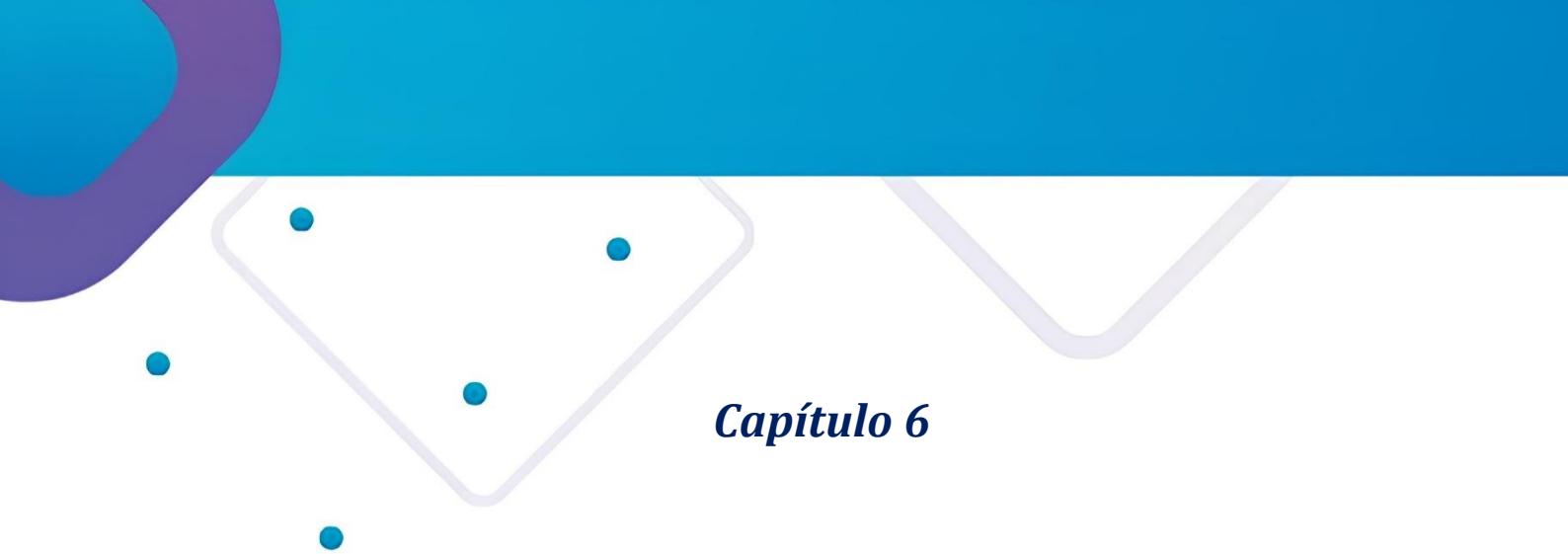
PLATIN, Chistian. **A Argumentação** / Christian Platin; tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

INÁCIO, Joseildo. **Que rei sou eu?: um elogio à razão** / Joseildo Inácio. – Recife: Ed. Do autor, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos** / Eni P. Orlandi, SP: Pontes, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Ethos, cenografia, incorporação.** In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do Ethos.* Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiano Comesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005.

LIPPmann, Walter. **Opinião pública** / Walter Lippmann; tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.



Capítulo 6

SANTA RESISTÊNCIA: IRMÃ MÔNICA, A MILITANTE DO AMOR E A (RE) CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO CRISTÃO SOBRE AS MINORIAS

Antônio Pereira Tavares Neto

*Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGL), na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife-PE. Bolsista da CAPES/PROSUC,
califaantonio@gmail.com*

RESUMO

A intolerância religiosa, cultural e social é um fenômeno historicamente enraizado, sustentado por narrativas que legitimam o preconceito sem qualquer base no respeito humano ou na ética comunitária. Muitas vezes disfarçada de tradição, essa intolerância ganha contornos de aceitação social, alimentando discursos de ódio que se propagam de forma ainda mais veloz e devastadora no ambiente digital. Tal cenário exige uma urgente revisão crítica das instituições e das práticas discursivas que reforçam essas ideologias excludentes. É nesse contexto que emergem vozes dissidentes e corajosas como a da Irmã Mônica Bispo, figura evangélica que, por meio de sua atuação militante nas redes sociais, tornou-se um símbolo de resistência e acolhimento. Ao adotar como lema a frase “É uma Ordem e um Decreto!”, Irmã Mônica propaga uma espiritualidade inclusiva e um discurso de amor radical que confronta as estruturas tradicionalmente excludentes do protestantismo brasileiro. Sua presença digital tem gerado um impacto significativo na luta por direitos e na visibilização da comunidade LGBTQIAPN+, configurando-se como uma expressão contemporânea de militância religiosa interseccional. Este artigo propõe uma análise qualitativa sobre a atuação missionária da Irmã Mônica, utilizando como metodologia a revisão bibliográfica e a análise de padrões de engajamento nas redes sociais, com foco no Instagram. O diálogo teórico articula autores como Barbosa (2019), Goffman (2014), Heidegger (1999), Moraes (2013), Nietzsche (1992), entre outros, buscando compreender os processos simbólicos e discursivos que sustentam essa nova configuração do imaginário cristão inclusivo e seus reflexos na luta contra a intolerância e pela promoção dos direitos humanos.

Palavras-chave: Irmã Mônica. Militância digital. Inclusão LGBTQIAPN+. Discurso religioso. Redes sociais.

ABSTRACT

Religious, cultural, and social intolerance is a historically rooted phenomenon, sustained by narratives that legitimize prejudice without any foundation in human respect or community ethics. Often disguised as tradition, such intolerance takes on socially acceptable contours, fueling hate speech that spreads even more quickly and devastatingly in digital environments. This scenario demands an urgent critical review of the institutions and discursive practices that reinforce these exclusionary ideologies. It is within this context that dissident and courageous voices emerge, such as that of Sister Mônica Bispo, an evangelical figure who, through her militant activism on social media, has become a symbol of resistance and inclusion. By adopting the phrase "It's an Order and a Decree!" as her motto, Sister Mônica promotes an inclusive spirituality and a radical discourse of love that challenges the traditionally exclusionary structures of Brazilian Protestantism. Her digital presence has had a significant impact on the struggle for rights and the visibility of the LGBTQIAPN+ community, configuring itself as a contemporary expression of inter-sectional religious militancy. This article proposes a qualitative analysis of Sister Mônica's missionary activity, using bibliographic review and analysis of engagement patterns on social media, with a focus on Instagram, as its methodology. The theoretical dialogue draws on authors such as Barbosa (2019), Goffman (2014), Heidegger (1999), Moraes (2013), Nietzsche (1992), among others, aiming to understand the symbolic and discursive processes that sustain this new configuration of the inclusive Christian imaginary and its reflections on the fight against intolerance and the promotion of human rights.

Keywords: Sister Mônica. Digital militancy. LGBTQIAPN+ inclusion. Religious discourse. Social media.

"O EVANGELHO MORREU NA CRUZ": REFLETINDO, INICIALMENTE, A METAFÍSICA DAS CONTRADIÇÕES HUMANAS

Difícil não se impactar com essa provocação, tendo em vista que nos coloca diante de uma cosmovisão, cuja mesma conflita interesses, isto é, de um lado a ideia de que toda e qualquer postura humana, de um ponto de vista cultural até, está para um processo de manipulação, isto é, alguém vislumbra o interesse em manter "as rédeas" sociais em detrimento da necessidade individual, particular, o que nos faz esbarrar no bojo moral, quer dizer, a ideia de que o "poder vem do povo" não existe, por outro, há de se externar a ideia de que as relações sociais dar-se-ão, principalmente na contemporaneidade, pressupondo o uso da força como imperativo a dominação sobre os dominados.

Nessa perspectiva, pergunta-se: Onde está o Evangelho-Trino no processo de acolhimento do "Eu", do "Outro" como parte indissociável da natureza humana? Esse

questionamento nos permite pensar sobre o “moldar” das criaturas, isto é, como a crucificação do Cristo reverbera na mudança de visão e pertencimento humano. O que está-se fazendo? Experimentando o próprio pensamento como parte de um processo de reflexão “fora da caixinha”. Logo, questões sobre valores, as relações de poder vão ganhando novas possibilidades de leitura e significação. O que está sendo dito aqui é que as relações humanas estão em crise. A liquidez dos valores, das afetividades etc. põe em risco as subjetividades espirituais, as hermenêuticas sensíveis. Ninguém conhece o Homem como o próprio Deus, isto é, “... o conhecimento de si e de Deus são necessários e indispensáveis para o conhecimento de um e de outro” (MORAIS, 2013, p.18).

O Ser Humano, nesse ínterim, não vive sem a comunhão com seus entes, quer dizer, aquilo que de fato é: ele mesmo, a natureza, as coisas e até mais o Nada, se isso significar alguma coisa positiva ou negativa à sua existência. Está-se dizendo que as instâncias reguladoras as quais edificam a existencialidade das coisas residem nas profundezas, na origem de tudo que é ou virá a ser. Nesse sentido, comunga-se da ideia de que a humanidade do Ser Humano precisa ser revisitada, noutras palavras, é preciso retornar à essência no afã de resgatar a verdadeira consciência do “Eu” que está desconexo, distante de si em Si mesmo.

Diz-se até aqui que a natureza humana está ascendendo a animalidade ao considerar seu julgamento individual ao invés da racionalidade como percurso metodológico. Os Homens estão divididos: de um lado Deus existe, de outro é apenas um plano mal concebido pela pseudoracionalidade. É que o limiar da natureza e da razão sensível está em desordem. Será que os “filósofos do futuro” que se propõem a questionar o bem e o mal numa perspectiva tipificada das relações humanas não estão viciados no que Nietzsche¹ (1992) chama de “moralina cristã”? Ainda segundo o autor, “O infinito é a medida deles, porque infinitas são as perspectivas. Seriam, então, experimentadores, perspectivistas, sem medo de novas avaliações, novos valores. Sua perspectiva: a leveza e

¹ Recomenda-se a leitura da obra “Genealogia da moral: uma polêmica”, de Nietzsche, F., pois trata-se de uma discussão interessante sobre, dentre outros aspectos, o conceito de Moral ou o que vem a ser dentro de um contexto. Entende-se tratar de uma criação humana, não possuindo existência independente, mas sendo um conjunto de costumes e valores ligados a determinado contexto histórico e social. Ele critica a moral tradicional como um instrumento de domesticação, que reprime os instintos naturais e a individualidade do ser humano. Essa visão nos leva a refletir sobre como nossos valores morais não são absolutos, mas construções sociais moldadas pelo tempo e pela cultura. Muitas vezes, aquilo que consideramos “correto” ou “bom” pode ser apenas o resultado de uma moral imposta, que serve mais para controlar do que para libertar o indivíduo. Assim, questionar esses valores pode ser um caminho para uma vida mais autêntica e livre.

a abertura do espírito" (p.17), ou seja, nenhum relativismo a perspectiva, pois tudo flui como as águas que advém da fonte primieva, aquilo que é desde sempre e será.

O filósofo expõe nesse sentido uma crítica a modernidade, isto é, como estamos pensando (?), que mundo estamos fantasiando (?), que racionalismo é esse que se concentra no "homem nobre", virtuoso e os que não se enquadram nessa perspectiva (?). Estamos diante da ciência, dos fatos e de uma interpretação individualista a qual tipifica o Outro em relação ao "Eu".

De certa forma, a racionalidade dividiu os homens. Nessas primeiras considerações comprehende-se que o Evangelho (*euangelion*) mal concebido põe em cheque a busca pela natureza de Deus, considerando-a como um processo importante na (re) construção da humanidade primordial, ou seja, aquela que habita na intimidade já que fora concebida por uma vontade divina e não simplesmente pelo desejo da carne. No sentido da busca, Wilkinson (2014) nos põe a refletir:

Uma pessoa religiosa poderia muito bem objetivar que não somos nós que encontramos a Deus, mas é ele quem nos encontra e pede-nos para confiar nele. Alguns defendem alguma forma de contato com deus através de experiência religiosa, enquanto outros dizem que ele nos encontra através da sua autorrevelação, seja na escritura, seja no próprio Cristo, seja através de seu falar a nós mediante os grandes profetas. (WILKINSON, 2014, p. 27)

Ele habita na intimidade, porém revela-se na hierofania, isto é, em um momento de conexão entre a criatura e a consciência primeira. Essa postura doravante dicotômica do pensar e do agir coloca o evangelho em cheque, quer dizer, Deus sendo o centro do discurso e da discórdia entre os mortais, criaturas criadas à sua vontade. Parece-nos que o mal está na postura moral do Homo Sapiens. Por falar nisso, a questão do Mal é um dos problemas mais profundos e complexos da filosofia da religião, especialmente no pensamento de Santo Agostinho.

Wilkinson (2014), no capítulo 15, intitulado "O problema do mal", sob a ótica de Santo Agostinho, traz uma importante reflexão, ele oferece um panorama claro sobre como diferentes tradições e pensadores enfrentaram esse problema. Ao unir essa perspectiva com a frase provocativa "O evangelho morreu na cruz", temos um ponto de partida significativo para refletir sobre a tensão entre a presença do mal e a promessa da redenção no Cristianismo, considerando a "metafísica das contradições humanas". Para Agostinho, o mal não é uma substância ou uma entidade independente; é a privação do

bem (*privatio boni*). Essa noção está profundamente enraizada em sua visão de que Deus, sendo o Bem Supremo, criou tudo o que existe como algo essencialmente bom. Assim, o mal não pode ser uma criação divina, mas emerge como uma corrupção ou desvio do bem.

Agostinho encara o problema do mal de duas maneiras principais: o Mal moral, cujo mesmo corresponde ao resultado da livre vontade humana, pois para ele Deus deu ao ser humano a liberdade de escolher, e o mal moral surge quando o homem usa essa liberdade para se afastar de Deus e dos valores superiores. O outro ponto de vista está no Mal natural, onde muitas vezes é interpretado como parte de um plano maior e misterioso da providência divina. Mesmo os sofrimentos e desastres têm um propósito pedagógico e redentor no contexto da eternidade.

Ao retomarmos o termo acima, “O Evangelho morreu na cruz”, percebemos que muitas interpretações podem ser explicitadas. Assim sendo, ao nosso olhar, esta frase pode ser interpretada como uma provocação ao paradoxo central do Cristianismo: o sofrimento e a morte de Cristo, que parecem um fracasso na perspectiva humana, mas são apresentados como o ponto culminante da salvação divina. A cruz é um símbolo das contradições humanas: a coexistência do pecado e da graça, da justiça e da misericórdia, do sofrimento e da redenção. Sob a ótica de Agostinho, a cruz não é apenas um evento histórico, é a manifestação suprema da justiça e do amor de Deus em resposta ao problema do mal. A crucificação expõe a metafísica das contradições humanas ao revelar que o mesmo ser humano que é capaz do pecado mais terrível (como a crucificação do inocente) também é o destinatário do amor redentor de Deus.

Sobre essa metafísica das contradições humanas citadas, Wilkison e Campbell (2014), ao abordar o problema do mal e o paradoxo da fé, destacam como a religião enfrenta as tensões inerentes à existência humana: liberdade e determinação, amor e sofrimento, finitude e transcendência. A frase “o evangelho morreu na cruz” reflete essas tensões, sugerindo que o aparente fracasso na crucificação é, na verdade, a vitória do amor divino sobre o mal. Reforçando que para Agostinho, a cruz demonstra que o mal, embora real e destrutivo, não tem a palavra final. Deus transforma o maior mal (a crucificação de Cristo) no maior bem (a redenção da humanidade). Nesse sentido, a cruz ressignifica a dor e o sofrimento como instrumentos de transformação espiritual e salvação.

Nesse sentido, o problema do mal, sob a ótica de Agostinho, é inseparável da condição humana e do mistério da liberdade. A cruz, como símbolo das contradições humanas, desafia a visão simplista de que o mal é irreconciliável com a existência de um

Deus amoroso e justo. Em vez disso, ela aponta para um horizonte onde até mesmo o sofrimento pode ser redimido e incorporado no plano divino. Assim, “o evangelho morreu na cruz” não é uma conclusão definitiva, mas um convite para refletir sobre como o paradoxo do mal e da redenção revela a profundidade das contradições humanas e a surpreendente resposta divina: o amor sacrificial.

Martin Heidegger (1999), sobre esse cenário metafísico, nos oferece uma reflexão pertinente sobre o ser e o seu desvelar no mundo. Em “Introdução à Metafísica”, o autor explora as questões fundamentais do ser e sua manifestação na existência, enfatizando a tensão entre o Ente e o Nada. Para ele, o ser humano está constantemente envolvido em uma luta entre o desvelamento e o encobrimento do ser – uma tensão existencial que ressoa com a ideia de contradição fundamental no coração da condição humana: *“O ser é essencialmente conflito, luta (polemos), mas não no sentido de uma mera oposição destrutiva. É o conflito que possibilita o desvelamento do ser na multiplicidade de seus modos de aparecer”* (Heidegger, 1999, p. 53).

Essa afirmação ilumina a frase “O Evangelho morreu na cruz” como uma expressão simbólica dessa luta. A cruz, como evento histórico e metafísico, encarna o conflito entre vida e morte, transcendência e imanência, presença divina e abandono. O autor aponta que o sofrimento de Cristo e sua morte na cruz poderiam ser interpretados como um desvelamento radical do ser humano em sua finitude e abertura para o transcidente.

Um símbolo que chama a atenção é a Cruz (polemos). A cruz não é apenas um símbolo religioso, mas um ponto de convergência das contradições humanas. Heidegger (1999) descreve a existência como uma experiência de ruptura e de alienação, na qual o ser humano é lançado ao mundo (*Geworfenheit*) e confrontado com o Nada. Na cruz, esse confronto é levado ao extremo: Cristo, como símbolo do divino, assume a finitude humana, desvelando o paradoxo da morte como possibilidade da abertura para o ser.

A frase “O Evangelho morreu na cruz” reflete, portanto, a tensão entre a promessa divina (o Evangelho como Boa Nova) e a realidade concreta do sofrimento e da morte. O autor poderia interpretar essa tensão como uma manifestação do *polemos*, ou seja, do conflito fundamental que constitui a própria possibilidade de sentido no mundo. O ser humano só se realiza no enfrentamento dessas contradições, assim como o sentido da cruz só emerge na tensão entre o sofrimento humano e a promessa de redenção.

Em mais um aspecto das suas reflexões está o Nada e a Cruz. Para Heidegger (1999), o Nada não é uma ausência absoluta, mas uma força ativa que permite o

questionamento e o desvelamento do Ser. No contexto da Cruz, o grito de abandono de Cristo – "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" – pode ser interpretado como uma confrontação radical com o Nada. Esse momento de vazio e ausência de sentido é, paradoxalmente, o ponto de partida para a possibilidade de um novo sentido, assim como o Nada, em Heidegger (1999), é o que possibilita o desvelamento do Ser: "*Somente onde o ser humano enfrenta o nada na sua totalidade é que o ser pode se desvelar em sua plenitude*" (Heidegger, 1999, p. 29).

Outro ponto interessante é a ressonância entre a Cruz e o Ser. O sofrimento e a morte de Cristo, vistos por Heidegger (1999) como a manifestação de um conflito ontológico, desvelam a essência da existência humana: ser lançado ao mundo, confrontar o Nada, e encontrar, nesse confronto, a possibilidade de transcendência. A Cruz, portanto, é o espaço onde o ser humano é chamado a refletir sobre o sentido mais profundo do Ser, marcado pelas contradições entre finitude e infinidade, morte e vida.

Por essa ótica, "O Evangelho morreu na cruz" pode ser lida, à luz de Heidegger (1999), como uma metáfora do conflito existencial que define a condição humana. A Cruz não é apenas um símbolo de sofrimento, mas o lugar onde o ser humano enfrenta a finitude e, nesse confronto, encontra a abertura para o Ser. Assim, a "metafísica das contradições humanas" é refletida na Cruz como o espaço onde o *polemos* entre o Ente e o Nada desvela o sentido mais profundo da existência.

PONTES OU MUROS? LGBTS, IGREJA EVANGÉLICA CONSERVADORA E A DISPUTA DO IMAGINÁRIO NAS REDES SOCIAIS

A temática é sensível, mas é importante estabelecer algumas reflexões sobre esse cenário o qual negligencia, diminui, regride, invisibiliza, ceifa a vida de milhares de LGBTQIAPN+ no Brasil; uma realidade que precisa ser combatida com o fervor de quem aprendeu desde cedo que a Vida é importante, seja ela qual for, para Deus e para o Universo. Assim sendo, refletir sobre como o conflito entre aceitação e rejeição molda tanto a vivência de pessoas LGBTQIAPN+ quanto a identidade da própria Igreja Evangélica no Brasil é um imperativo – recomenda-se a leitura da obra "Sementes da Vida: Rejeição e Aceitação de Filhos (as) LGBTQIAPN+ em Lares Cristãos²".

² "Sementes da Vida: Rejeição e Aceitação de Filhos (as) LGBT+ em Lares Cristãos", dos autores Gut Simon, Bob Luiz Botelho, Tania Afonso e Ana Ester, explora os impactos da postura religiosa sobre os corpos

Como é sabido, o imaginário coletivo de muitas igrejas evangélicas conservadoras é amplamente influenciado por interpretações literais da Bíblia, que frequentemente posicionam a sexualidade não heteronormativa como pecado, a exemplo da seguinte passagem: “Levítico: 18:22 diz: “Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante”, ou seja, a passagem é frequentemente utilizada para justificar essa exclusão, reforçando barreiras entre fé e diversidade.

No entanto, se analisarmos o ensinamento central do cristianismo, vemos que o amor é o princípio fundamental. Jesus Cristo pregou a inclusão, a compaixão e a acolhida dos marginalizados. Em João 13:34-35, temos: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros." Essa mensagem transcende normas culturais e destaca que a fé deve ser baseada na aceitação e no respeito, e não na exclusão e no julgamento.

Além disso, a interpretação da Bíblia deve levar em conta o contexto histórico e cultural. Os textos do Antigo Testamento foram escritos em realidades muito diferentes da nossa e precisam ser compreendidos à luz do espírito de amor e justiça presente no evangelho de Cristo. Dessa forma, o verdadeiro compromisso cristão não deveria ser com a discriminação, mas com a construção de comunidades que acolhem, respeitam e promovem a dignidade de todas as pessoas.

Esse imaginário cria muros de exclusão, alimentando narrativas que reforçam o afastamento de corpos LGBTQIAPN+ das suas comunidades de origem, sejam estes familiares ou religiosas. Qual é o cenário que temos? A rejeição de filhos (as) LGBTQIAPN+ em lares cristãos, cuja mesma marcada pelo medo de romper com os preceitos religiosos tradicionais, o que gera rupturas emocionais profundas tanto para os jovens quanto para suas famílias. Este conflito não é apenas individual, mas também comunitário, já que a rejeição ou aceitação molda a relação da Igreja com a sociedade.

Essa visão de não acolhimento da diversidade é limitada para aqueles que “ousam” ver e sentir apenas sob sua ótica, isto é, apenas enxergam o que querem ver, não dispondo de cognição mínima para ampliar o olhar sobre a vida e as coisas que dela faz parte. Isso não se aplica a Irmã do Amor, Irmã Mônica que vai na mão do contra discurso, sobretudo quando se utiliza das redes sociais para combater o desamor mostrando-as como espaços de resistência e construção de novas narrativas. Militantes como Irmã

LGBT+ dentro do ambiente familiar e eclesiástico, isto é, nos possibilitando compreender como o imaginário coletivo é conectado as relações humanas tanto no que tange a aceitação quanto contribui para a rejeição.

Mônica, por sua vez, e outras figuras públicas propõem pontes de diálogo ao reinterpretar a mensagem cristã como inclusiva e centrada no amor. Esses movimentos desafiam o imaginário tradicional, confrontando a visão excludente com uma mensagem de acolhimento.

Todo esse cenário impacta diretamente os corpos LGBTQIAPN+. Os impactos da rejeição e da aceitação são profundos e multifacetados. É importante destacar que a rejeição de jovens LGBTQIAPN+ pode levar a altos índices de sofrimento psíquico, como depressão, ansiedade e ideação suicida, especialmente quando essa rejeição parte do núcleo familiar e é reforçada pela comunidade religiosa. Em contraste, quando a aceitação é promovida, há um fortalecimento da saúde mental e emocional, criando espaços de pertencimento e segurança. Muitos jovens LGBTQIAPN+ encontram nas redes sociais espaços de contra discurso, onde podem reconfigurar sua relação com a fé e construir novas identidades sem abrir mão de sua espiritualidade. Essas plataformas promovem narrativas alternativas que desafiam diretamente o imaginário excludente.

Em face disso, nos deparamos com o papel da Igreja na construção das pontes, isto é, o conservadorismo religioso ocupa um papel central na perpetuação do imaginário coletivo sobre sexualidade. No entanto, ela também carrega a responsabilidade ética de promover o amor e a inclusão. Como se sabe, a fé cristã, quando reinterpretada de forma aberta, oferece um potencial transformador para acolher e celebrar a diversidade humana. Os contra discursos nas redes sociais não apenas confrontam o conservadorismo, mas também ressignificam a espiritualidade, demonstrando que a fé e a inclusão não são mutuamente excludentes. Este movimento desestabiliza o monopólio das narrativas tradicionais e questiona se a Igreja construirá pontes de acolhimento ou continuará erguendo muros de exclusão.

Esse cenário como um todo nos coloca diante de questões as quais expõe a disputa como instância primitiva para chegar, manter e firmar o poder sobre quem é mais vulnerável. A disputa pelo imaginário coletivo em torno de LGBTQIAPN+ e da Igreja Evangélica Conservadora é, em última análise, uma luta pela essência do cristianismo: será ele um espaço de amor e inclusão ou um bastião de exclusão? Lembremo-nos que a aceitação não é apenas uma escolha moral, mas uma necessidade para preservar a dignidade e a humanidade dos corpos LGBTQIAPN+ e a relevância da própria Igreja. Essa luta, travada tanto pelas famílias quanto nas redes sociais, não é apenas sobre sexualidade, mas sobre o que significa ser cristão em um mundo diverso. As redes sociais,

como espaços de contra discurso, mostram que há esperança de que pontes possam ser construídas, desde que a mensagem central da fé – o amor ao próximo – seja colocada acima de preconceitos.

Outros autores que nos ajudam na elaboração das ideias sobre esse imaginário proposto são Mariana Barbosa, com sua obra “Pós-Verdade e Fake News: Reflexões sobre a Guerra de Narrativas” (2019) e Erving Goffman com sua obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” (2014). Ambas as obras oferecem perspectivas cruciais sobre como narrativas são construídas, disseminadas e performadas em um contexto de tensão social e disputas ideológicas.

Bem, avançando nas discussões temos a Pós Verdade e a Disputa pelo Imaginário Coletivo, cuja mesma caracteriza-se pela prevalência de narrativas emocionais e subjetivas sobre fatos objetivos, especialmente no ambiente das redes sociais. No contexto das relações entre LGBTQIAPN+ e a igreja evangélica conservadora, essa dinâmica é particularmente evidente. A disputa pelo imaginário coletivo é travada por meio de narrativas que buscam reforçar a exclusão ou promover a aceitação de corpos LGBTQIAPN+ dentro do espaço cristão. Barbosa (2019) argumenta que “a construção de narrativas na pós-verdade é moldada por interesses ideológicos, que se valem da manipulação emocional e da distorção de fatos para consolidar posições de poder” (p. 54).

No caso da igreja evangélica conservadora, as narrativas que rejeitam a diversidade sexual frequentemente se baseiam em discursos que associam a LGBTfobia à “defesa da família” ou “fidelidade bíblica”. Por outro lado, movimentos de contra discurso, muitas vezes liderados por militantes LGBTQIAPN+ cristãos nas redes sociais, ressignificam o imaginário religioso ao enfatizar valores de amor, inclusão e acolhimento. As redes sociais tornam-se, assim, palcos de uma verdadeira guerra de narrativas, onde a verdade é frequentemente substituída por afirmações que apelam ao medo, à moralidade ou à esperança. Fake News, como a demonização de pessoas LGBTQIAPN+ em contextos religiosos, reforçam muros de exclusão, enquanto contra discursos, muitas vezes baseados em relatos de vida e experiências reais, tentam construir pontes de empatia e transformação.

Noutra ótica desse imaginário está a Performatividade e a Identidade nas redes sociais. Como é construído esse “Eu” nas redes sociais? Na obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, Erving Goffman (2014) explora como os indivíduos constroem e apresentam suas identidades em interações sociais. Essa abordagem é essencial para

compreender a dinâmica de representações nas redes sociais, onde indivíduos e grupos performam suas narrativas para moldar percepções públicas.

A igreja evangélica conservadora utiliza as redes sociais para reforçar sua autoridade moral e mobilizar seguidores em torno de suas visões tradicionais. Nesse "palco", a identidade da Igreja é performada por meio de campanhas, sermões virtuais e postagens que reforçam valores conservadores. Por outro lado, ativistas LGBTQIAPN+ cristãos utilizam as mesmas plataformas para expor suas vivências, desconstruir estigmas e reconfigurar o imaginário cristão. Goffman (2014) observa que “a apresentação do eu é moldada pelo contexto e pelos papéis que os indivíduos desempenham, mas também pelas expectativas do público” (p. 22). No contexto dessa disputa, a performance de aceitação ou rejeição de corpos LGBTQIAPN+ é constantemente ajustada em resposta às reações do público, seja este um público conservador religioso ou uma audiência mais progressista e inclusiva.

Diante disso, observamos os impactos na construção de pontes ou muros que convergem ou divergem dos propósitos narrativos. A interação entre narrativas da pós-verdade e a performatividade nas redes sociais gera impactos profundos na construção de pontes ou muros entre LGBTQIAPN+ e a Igreja Evangélica Conservadora (IEC). A rejeição, frequentemente justificada por narrativas distorcidas, reforça muros de exclusão, levando a sofrimentos emocionais, sociais e espirituais para pessoas LGBTQIAPN+ que buscam reconciliação entre sua identidade e sua fé. No entanto, os contra discursos nas redes sociais oferecem alternativas, apresentando histórias de aceitação, espiritualidade inclusiva e ressignificação de valores cristãos. Como afirma Barbosa (2019), “o poder das narrativas reside em sua capacidade de moldar percepções e mobilizar mudanças, tanto no nível individual quanto coletivo” (p. 89). Assim sendo, comprehende-se que a ideia de “Pontes ou Muros” revela uma tensão central entre a exclusão e a inclusão, alimentada por dinâmicas de narrativas emocionais, manipulação ideológica e performances identitárias. A relação entre LGBTQIAPN+ e a Igreja Evangélica Conservadora reflete os desafios mais amplos da sociedade contemporânea na era da pós-verdade: a luta por espaços de diálogo genuíno e a superação de barreiras construídas pela desinformação e pela intolerância.

Assim como a obra de Barbosa (2019) nos alerta para o papel das narrativas no reforço ou desconstrução de preconceitos, a obra de Goffman (2014) nos lembra que as identidades performadas nas redes sociais não apenas representam realidades, mas as

moldam ativamente. A construção de pontes exige narrativas autênticas e a coragem de confrontar preconceitos com compaixão e verdade. As redes sociais, por sua vez, tornam-se os espaços onde essas batalhas simbólicas e performáticas são travadas, influenciando diretamente o futuro da relação entre LGBTI+ e a Igreja.

“NINGUÉM TOCA NA MINHA LGBT”: O EXEMPLO DO AMOR DE DEUS SE EXPRESSA NA IRMÃ MÔNICA, AMÉM?

Onde está o amor de Deus nas igrejas evangélicas?

Possivelmente encontraremos alguma resposta nas ações da Irmã Mônica, ativista, militante das redes sociais em prol de um mundo mais justo, humano e igualitário. Por muito tempo a Irmã Mônica, já amada pelo Brasil, vem se destacando nas redes sociais ao combater corajosamente a Homofobia, as Fake News, a Desinformação e isso sai caro. É que nas redes sociais também se levantou contra sua pessoa e orações o ódio que jaz por trás das telas. Mas isso não a distanciou de seus propósitos os quais ancorados na Fé.

Imagen 01



Irmã Maria Mônica Bispo do Nascimento

A evangélica em Cristo e influenciadora digital, Irmã Maria Mônica Bispo do Nascimento (Imagen 01)³, tornou-se uma figura emblemática na luta contra a homofobia e a discriminação, especialmente no contexto da Congregação Cristã no Brasil (CCB), uma das maiores denominações evangélicas no Brasil. Sua atuação é um exemplo de resistência e de reconciliação entre fé e diversidade, desafiando narrativas excluientes muitas vezes associadas ao discurso religioso.

³ Disponível em: www.instagram.com/irmamonicabispo - Acessado em: 24-04-2025

A atuação da Irmã Maria Mônica Bispo do Nascimento nas redes sociais, especialmente no Instagram, reflete um movimento cada vez mais necessário dentro das comunidades religiosas: a busca por um cristianismo mais inclusivo, que respeite a dignidade humana e seja verdadeiramente fundamentado no amor de Deus. Sua presença online (Imagen 2) ⁴evidencia não apenas a intenção de evangelizar, mas também de abrir espaço para o diálogo sobre temas frequentemente ignorados ou rejeitados em círculos religiosos conservadores, como os direitos da comunidade LGBTQIAPN+ e outras minorias. Não é apenas uma mulher, mas uma serva cheia de amor em meio ao conservadorismo.

Imagen 02



Presença da Irmã Mônica na Parada LGBT

Imagen 03



Congregação Cristã no Brasil (CCB)

⁴ Disponível em: www.instagram.com/irmamonicabispo - Acessado em: 24-04-202

A Congregação Cristã no Brasil⁵ (CCB), como outras comunidades de matriz cristã, muitas vezes enfrenta críticas por sua abordagem conservadora, especialmente em questões relacionadas à sexualidade, gênero e diversidade. Esse conservadorismo, em muitos casos, dá margem ao extremismo intelectual e espiritual, gerando discursos que podem perpetuar discriminação e exclusão. É nesse contexto que a Irmã Mônica emerge como uma figura disruptiva, questionando práticas e crenças que não refletem o amor incondicional pregado por Cristo. Em suas redes sociais, Irmã Mônica não apenas promove a mensagem cristã, mas também busca ressignificar o papel do Evangelho em um mundo diverso e complexo. Sua resistência ao discurso de ódio e exclusão, mesmo dentro de sua própria tradição religiosa, é um ato de coragem que desafia a hegemonia de interpretações conservadoras e promove um cristianismo mais empático e compassivo. Tem-se, pois, uma Evangelização como Inclusão⁶.

Imagen 04



Evangelização como Inclusão

Logo, a atuação da Irmã Mônica também é um lembrete de que o evangelho é uma mensagem de inclusão e não de exclusão. Ela parece compreender que o Amor de Deus transcende as barreiras impostas por normas sociais ou interpretações rígidas das Escrituras. Ao enfrentar críticas e ataques de conservadores, Irmã Mônica reforça a necessidade de um diálogo aberto, que permita que as pessoas se sintam acolhidas e valorizadas, independentemente de suas identidades ou experiências.

A partir desse contexto é possível dizer que o combate à homofobia e a discriminação tornaram-se um marco positivo na sua atuação. Sua importância no

⁵ Disponível em: www.instagram.com/irmamonicabispo - Acessado em: 24-04-2025

⁶ Disponível em: www.instagram.com/irmamonicabispo - Acessado em: 24-04-2025

combate à homofobia e a outras formas de discriminação reside na capacidade de humanizar a mensagem cristã. Em um ambiente onde discursos religiosos frequentemente justificam preconceitos, sua abordagem aponta para um Deus que acolhe, ama e respeita todas as pessoas. Ela se posiciona como uma voz que ecoa a prática do amor ao próximo, o mandamento central do cristianismo, desafiando visões limitadas que colocam regras e tradições acima da vida e da dignidade humana.

Portanto, a Irmã Maria Mônica Bispo do Nascimento é um farol para aqueles que buscam uma espiritualidade autêntica e inclusiva. Sua coragem para enfrentar o extremismo e o conservadorismo, mesmo dentro de uma comunidade que pode ser resistente a mudanças, inspira um cristianismo mais próximo da mensagem original de Jesus: uma mensagem de Amor, Aceitação e Compaixão. Ela nos convida a refletir sobre o papel da religião no combate à discriminação e na construção de um mundo mais justo e igualitário, lembrando que, acima de tudo, Deus é amor.

A TEOLOGIA DO AMOR E A INCLUSIVIDADE RELIGIOSA: A ATUAÇÃO DE IRMÃ MARIA MÔNICA E OS DIÁLOGOS COM PAUL F. KNITTER

O amor de Deus é universal, oferecido a todos; porém, leva-se esse amor a cabo mediante a conformidade, a comunhão particular e singular com Jesus Cristo. (KNITTER, p.39. 2008)

Irmã Mônica é essa comunhão a qual visa dialogar entre as pessoas, sua congregação, os mais vulneráveis, trazendo à mesa “uma conversa” onde Deus é o mediador e Amor, sem distinção. Sua atuação nas redes sociais é um verdadeiro desafio, mas um meio de aproximar as pessoas, seus seguidores do Amor de Deus.

A atuação da Irmã Mônica Bispo do Nascimento nas redes sociais, especialmente no Instagram, é emblemática de um movimento que busca construir pontes entre a comunidade LGBTQIAPN+ e a Igreja, particularmente a Congregação Cristã no Brasil (CCB). Sua abordagem promove inclusão e ressignifica a relação entre fé e diversidade sexual, desafiando discursos tradicionalmente excludentes. Para aprofundar essa análise, é possível relacionar sua atuação com a obra de Paul F. Knitter (2008), *Introdução às Teologias das Religiões*, a qual oferece ferramentas teológicas para refletir sobre o diálogo, a inclusão e o pluralismo.

Do ponto de vista da inclusão, considerando a prática teológica, nos deparamos com a Irmã Mônica e o pluralismo na obra de Paul F. Knitter (2008), cuja mesma destaca-

se a ideia de que o diálogo entre diferentes perspectivas religiosas e culturais é essencial para promover um entendimento mais profundo da fé e da experiência humana. Embora Knitter (2008) se concentre no diálogo inter-religioso, seus conceitos podem ser aplicados à inclusão de minorias dentro das tradições religiosas. Nesse aspecto, a pluralidade religiosa enriquece a diferença ao invés de ameaçar.

Irmã Mônica, ao adotar um discurso inclusivo nas redes sociais, parece incorporar esse espírito de diálogo e pluralismo, concordando com Knitter (2008). Sua mensagem, ancorada no amor e na empatia, desafia a visão conservadora de que há apenas um modo correto de vivenciar a fé cristã. Logo, sugere que o diálogo com outras religiões pode fortalecer a própria identidade religiosa; Irmã Mônica demonstra que acolher a diversidade sexual não enfraquece a fé evangélica, pelo contrário à enriquece. Nesse sentido, o Amor de Deus é salvação, mas não de qualquer forma, pois “para que qualquer pessoa possa ser “salva”, conhecer e verdadeiramente sentir o poder do amor e da presença de deus, ela de algum modo tem de entrar em contato com Cristo (KNITTER, 2008, p.69)

Esse diálogo estabelecido via Instagram é de grande importância para estabelecer conexões virtuais além de estreitar o evangelho cristão. Logo, as mídias sociais funcionam como espaço teológico e de transformação. O Instagram, como plataforma audiovisual e interativa pode também oferecer um espaço único para a disseminação de discursos transformadores. A atuação de Irmã Mônica exemplifica como as redes sociais podem se tornar arenas para o exercício de uma teologia prática, em que a inclusão e a compaixão são vividas e compartilhadas.

Na perspectiva de Knitter (2008), a teologia não é apenas uma busca pela verdade, mas também uma prática de transformação social. Essa visão se alinha à atuação da Irmã Mônica, que utiliza o Instagram para desafiar preconceitos e fomentar um espaço seguro para pessoas LGBTQIAPN+ dentro da Igreja. Seus vídeos, postagens e interações promovem um contra discurso ao conservadorismo excludente, mostrando que a fé pode ser reconciliada com a aceitação.

Essa evangelização virtual também apresenta impactos durante todo o processo no contexto religioso e social. A presença de Irmã Mônica nas redes sociais tem impactos profundos, tanto para a Igreja quanto para a sociedade. Dentro do contexto da Congregação Cristã no Brasil (CCB), sua mensagem desafia o imaginário coletivo de rejeição aos corpos LGBTQIAPN+, ao mesmo tempo que abre espaço para reflexões

teológicas mais inclusivas. Do ponto de vista da obra de Knitter (2008), essa abordagem promove uma teologia libertadora, que se preocupa não apenas com a salvação individual, mas com a dignidade e a justiça social de todas as pessoas. A inclusão de minorias nas igrejas reflete essa preocupação, ajudando a reconfigurar a religião como uma força de união, e não de exclusão. Nas redes sociais, a atuação de Irmã Mônica também desafia a lógica da pós-verdade e das narrativas polarizadas, oferecendo uma voz autêntica e compassiva. Seu conteúdo humaniza a experiência de pessoas LGBTQIAPN+ e mostra que a fé evangélica pode ser compatível com a inclusão e o amor incondicional.

Como uma fiel seguidora dos princípios cristãos, Irmã Mônica busca reconciliar a Igreja, isto é, todos a imagem e semelhança de Deus. Sua atuação e a obra de Paul F. Knitter (2008) convergem na ideia de que a verdadeira fé se manifesta no acolhimento e no diálogo. Enquanto Knitter (2008) destaca a importância do pluralismo religioso, Irmã Mônica traduz esse espírito para o contexto das igrejas evangélicas, mostrando que é possível reconciliar tradição e inclusão.

Esse caminho do diálogo nos permite refletir sobre a importância das outras religiões nativas, as quais compreendem Deus a partir de suas vivências, experiências, transgressões, ou seja, se Deus revela-se e salva em diversas religiões e não apenas em uma, então o diálogo há de ser tal que, nele, as religiões, ao se ouvirem umas às outras, aprendam mais acerca desse Deus, que é sempre mais do que qualquer uma delas jamais conseguiria conhecer (KNITTER, 2008, p.102).

Por outro lado, é importante destacar as redes sociais, particularmente o Instagram, cujas mesmas tornam-se ferramentas poderosas para essa missão, permitindo que mensagens de amor e aceitação alcancem públicos diversos. Nesse espaço, a fé cristã pode ser ressignificada como um convite ao diálogo, à reconciliação e à celebração da diversidade humana. Irmã Mônica, com sua coragem e sensibilidade, personifica uma nova era para o cristianismo, onde a compaixão supera o julgamento e onde as diferenças não dividem, mas enriquecem a fé.

A atuação da Irmã Mônica Bispo do Nascimento no Instagram em defesa dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ transcende os limites do ativismo religioso e se consolida como um marco de impacto social, político, cultural e espiritual. Sua figura é emblemática não apenas por confrontar o discurso conservador excluente do evangelismo brasileiro, mas também por mostrar como as plataformas digitais podem ser

usadas para promover inclusão, respeito e diálogo em uma sociedade profundamente marcada pela intolerância.

UMA ODE FINAL A “SANTA RESISTÊNCIA”

Nossa mente continuamente forja experiências, de tal forma que podemos captá-las. A mente nunca é passiva ao perceber o mundo: estamos sempre interpretando-o. (WILKINSON, p.27. 2014)

Ao afirmar que “nossa mente continuamente forja experiências” o autor suscita a ideia de que há um caráter construtivo no que tange à percepção, no qual os dados brutos presentes na realidade, ao serem postos ao debate, passa por um processo de organização, sistematização, interpretação de dados integrados em narrativas do cotidiano as quais precisam se ressignificar a todo momento. Noutras palavras, estamos falando dos sistemas mentais, agrupados em molduras, telas as quais visam a interpretação do mundo.

Outro ponto que nos chama a atenção é quando afirma que "a mente nunca é passiva ao perceber o mundo", ou seja, destaca a importância de nunca usarmos da percepção de forma objetiva, pronta porque se assim o fizermos estaríamos ressaltando nossa incapacidade de comunicação, de conexão com os fatos que operam no dia a dia.

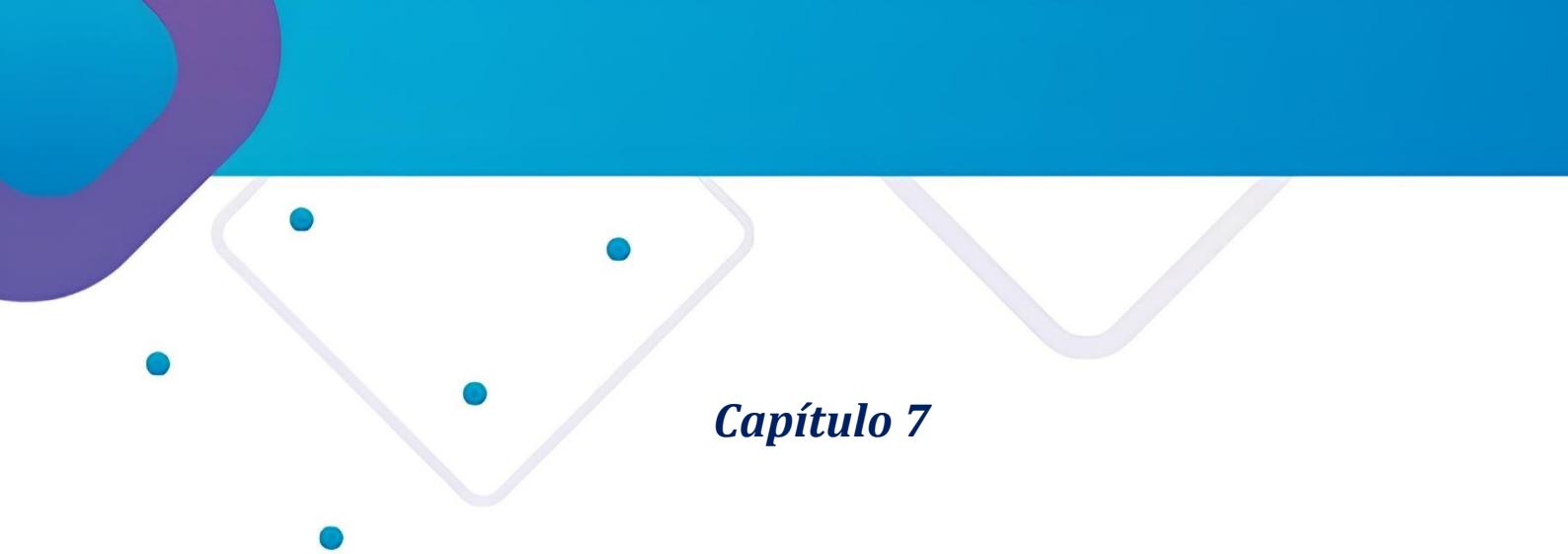
Assim sendo, a interpretação sobre os fatos, a realidade, o cotidiano em movimento é particular e isso está para o processo de maturidade dos sujeitos em “dizer” sobre as coisas do mundo bem como buscar entender o mundo das coisas, e para isso fará uso do repertório histórico, sociocultural etc., ou seja, o sujeito como experiência sensorial. Nos parece que “O desejo de Deus de salvar todas as pessoas é precisamente tão essencial para a consciência cristã quanto a decisão de Deus de fazê-lo somente por meio de Jesus.” (KNITTER, 2008, p.83).

A relevância do tema se insere em diversos níveis: social, religioso e acadêmico. No âmbito social, a atuação de Irmã Mônica destaca a necessidade de combater a intolerância religiosa e a discriminação que, muitas vezes, perpetuam preconceitos contra minorias, especialmente as pessoas LGBTQIAPN+. No contexto das igrejas, o exemplo de Irmã Mônica representa uma resposta profética a um cristianismo que tem sido, em alguns casos, cooptado por discursos extremistas e excludentes. Ela reafirma os princípios fundamentais do evangelho, como o amor ao próximo e a prática da compaixão, desafiando as barreiras impostas por tradições e interpretações rígidas. Por fim, para o

campo acadêmico, a análise do impacto da atuação de figuras como Irmã Mônica abre novas perspectivas para o estudo das relações entre religião e sociedade. Ela oferece um caso concreto de como práticas teológicas e pastorais inclusivas podem transformar não apenas as comunidades religiosas, mas também os imaginários coletivos sobre justiça, dignidade humana e diversidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- BÍBLIA. Apocalipse. Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Apresentação e tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.
- KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das religiões**. Tradução de Luiz Fernando Gonçalves Pereira. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MORAES, Suelma de Souza. **A dialética entre o conhecimento de si e o conhecimento de Deus no livro X das Confissões de Santo Agostinho**. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **O Anticristo**. Lisboa: [s.n.], 1970.
- SIMON, Gut; BOTELHO, Bob Luiz; AFONSO, Tania; ESTER, Ana. **Sementes de vida: rejeição e aceitação de filhos/as/es LGBTI+ em lares cristãos**. São Paulo: Saber Criativo, 2023.
- WILKINSON, Michael B.; CAMPBELL, Hugh N. **Filosofia da religião: uma introdução**. Tradução de Anoar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2014.



Capítulo 7

A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO E A FORMAÇÃO ÉTICA DO INDIVÍDUO

Renato Paes Rodrigues

Professor na SEDU/ES

Doutor em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro(UNIRIO)

renato09sohc@gmail.com.

RESUMO

No século XXI, é difícil imaginar algum historiador ou filósofo que defende a filosofia da história enquanto uma lei do processo histórico. Isso tem sido justificado com base nas evidências de eventos catastróficos como os do século XX (guerras, genocídios, fracasso da modernização, etc.) quanto no reforço teórico, sobretudo dos pós-modernistas, de que não existe progresso na história. Dentro dessa avaliação, a filosofia da história de Hegel é uma, senão a mais contestada, reforçando uma visão até mesmo enviesada dos significados do idealismo em sua obra. Apesar de concordarmos com a tese de rejeição da filosofia da história enquanto lei da história, defendemos que para o caso de Hegel, ainda existe a possibilidade de sustentá-la de um ponto de vista ético (um argumento que desenvolvemos em nossa tese de doutorado). Além disso, com base nos estudos renovados do hegelianismo, como os trabalhos de Slavoj Žižek e Catherine Malabou, encontramos ainda mais subsídios para pensar na atualidade do pensamento hegeliano. Nesse artigo em específico, nosso objetivo é demonstrar que um dos alcances éticos na obra de Hegel está presente na *Fenomenologia do Espírito*, quando o autor se ocupa da formação do indivíduo, processo que implica num certo relacionamento com a história, mas que não se limita à mesma.

Palavras-chave: Ética. Filosofia da História. Hegel.

ABSTRACT

In the 21st century, it is difficult to imagine any historian or philosopher who defends the philosophy of history as a law of the historical process. This has been justified based on evidence from catastrophic events such as those of the 20th century (wars, genocides,

failure of modernization, etc.) and on theoretical reinforcement, especially from postmodernists, that there is no progress in history. Within this assessment, Hegel's philosophy of history is one, if not the most contested, reinforcing a view that is even biased about the meanings of idealism in his work. Although we agree with the thesis of rejecting the philosophy of history as a law of history, we argue that in Hegel's case, it is still possible to support it from an ethical point of view (an argument that we developed in our doctoral thesis). Furthermore, based on renewed studies of Hegelianism, such as the works of Slavoj Žižek and Catherine Malabou, we find even more support for thinking about the current relevance of Hegelian thought. In this specific article, our objective is to demonstrate that one of the ethical scopes in Hegel's work is present in the *Phenomenology of Spirit*, when the author deals with the formation of the individual, a process that implies a certain relationship with history, but is not limited to it.

Keywords: Etics. Philsophy of History. Hegel.

INTRODUÇÃO

No século XXI, é difícil imaginar algum historiador ou filósofo que defenda a filosofia da história enquanto uma lei do processo histórico. Isso tem sido justificado com base nas evidências de eventos catastróficos como os do século XX (guerras, genocídios, fracasso da modernização, etc.) quanto no reforço teórico, sobretudo dos pós-modernistas, de que não existe progresso na história. Dentro dessa avaliação, a filosofia da história de Hegel é uma, senão a mais contestada, reforçando uma visão até mesmo enviesada dos significados do idealismo em sua obra. Apesar de concordarmos com a tese de rejeição da filosofia da história enquanto lei da história, defendemos que para o caso de Hegel, ainda existe a possibilidade de sustentá-la de um ponto de vista ético (um argumento que desenvolvemos em nossa tese de doutorado). Além disso, com base nos estudos renovados do hegelianismo, como os trabalhos de Slavoj Žižek e Catherine Malabou, encontramos ainda mais subsídios para pensar na atualidade do pensamento hegeliano. Nesse artigo em específico, nosso objetivo é demonstrar que um dos alcances éticos na obra de Hegel está presente na *Fenomenologia do Espírito*, quando o autor se ocupa da formação do indivíduo, processo que implica num certo relacionamento com a história, mas que não se limita à mesma.

Desenvolvimento

Como defender a filosofia da história hegeliana quando ninguém mais consegue acreditar num futuro melhor? Nossa *Zeitgeist* (espírito do tempo) atual, não é exagero dizer, está marcado pela distopia (climática, econômica, política, etc.). Mencionar termos como progresso, racionalidade, sentido da história, parece pertencer a uma gramática da modernidade que já se tornou peça de museu. Se o foco é as preleções sobre filosofia da história (*Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*) que Georg W. F. Hegel ofereceu entre os anos de 1822 e 1831 na Universidade de Berlim, de fato, vamos encontrar uma abordagem progressista, determinista ou mesmo teleológica. Agora, se recorrermos à *Fenomenologia do Espírito* (doravante *F.E.*), publicada no ano de 1807, é possível reivindicar uma outra concepção de filosofia da história, qual seja, de uma formação ética do indivíduo. Formação esta que implica num certo envolvimento com a história, ao mesmo tempo, que pretende ir além dela, o que significa em última instância a própria questão histórica da modernidade (Joaquim Ritter).

A grande questão examinada por Hegel na *F.E.* é a aventura da consciência, que começa na *certeza sensível* e termina no *saber absoluto*. Embora a consciência seja individual, Hegel demonstra que o desenvolvimento dela se dá por mediações naturais e culturais (como a história), de modo que na modernidade o sujeito se efetiva como *sistema e substância*. É o momento histórico de autodeterminação do espírito. “Só o espiritual é o efetivo: é a essência ou *em si essente*: o *relacionado consigo* e o *determinado*; o *ser outro* e o *ser para si*; e o que nessa determinidade ou em seu ser fora de si permanece em si mesmo – enfim, o [ser] espiritual é *em si e para si*” (HEGEL, 2012, p. 39). Em outras palavras, é uma aventura tortuosa, mediada, dialética, que não tem outro fim senão o indivíduo mesmo, e aqui podemos começar a compreender o alcance ético da *F.E.*.

Em nossa tese de doutorado⁷ defendemos, a partir do embate entre Slavoj Žižek e Francis Fukuyama, justamente esse alcance ético da *F.E.*. Embora não haja possibilidade de defender a filosofia da história de um ponto de vista mais tradicional, ou seja, que exista um progresso da história, ela tem um alcance ético, sobretudo quando nos deparamos com o último capítulo da *F.E.* acerca do *saber absoluto*. Aí temos o encontro do temporal com o atemporal, que significa principalmente o encontro do sujeito com sua liberdade,

⁷ Para mais detalhes, ver RODRIGUES, R. P. *A atualidade da filosofia da história hegeliana nas obras de Fukuyama e Žižek*. Rio de Janeiro, 2022.

capaz de fazê-lo não querer mais impor seus projetos ao mundo, senão viver em plena harmonia com a própria contingência da história. Em Žižek, por exemplo, que é um grande representante da renovação do hegelianismo na contemporaneidade, essa ética é atualizada na ideia do comunismo renovado; em vez de pensar numa lei da história, num lugar para chegarmos necessariamente, aqui o comunismo significa uma escolha do indivíduo sem apoio em nenhum *grande Outro* e em nenhum sujeito privilegiado da revolução (como fora o proletariado para muitos). A falta de um *grande Outro*, de um sentido da história, segundo Žižek, já estaria no saber absoluto de Hegel.

Além disso, Žižek parece correto quando afirma que a posição do saber absoluto não significa saber tudo, mas as próprias limitações do sujeito, porque esse campo “somos nós mesmos” e da dialética que já não pode ser mais mobilizada:

Aqui termina a responsabilidade dialética: o sujeito não pode mais jogar o jogo da experiência da consciência', comparando o Para nós com o Em si e assim subvertendo ambos, pois não há nenhuma forma do Em si disponível como medida da verdade do Para nós. De maneira surpreendente, Hegel junta-se aqui à crítica que Fichte faz da Coisa em si de Kant. O problema do Em si, portanto, deveria ser radicalmente transformado: se, pelo Em si, nós compreendemos o X transcendente a que se referem nossas representações, então esse X só pode ser o vazio do Nada; isso, no entanto, não implica a não existência de um real, a existência de apenas nossas representações subjetivas. Todo ser determinado é relacional, as coisas só são o que são em relação à alteridade ou, como afirma Deleuze, a distorção de perspectiva está inscrita na própria identidade da coisa. O Real não está lá fora, como o X transcendente e inacessível jamais atingido por nossas representações; o Real está aqui, como obstáculo ou impossibilidade que tornam nossas representações imperfeitas e inconsistentes. O Real não é o Em si, mas o próprio obstáculo que distorce nosso acesso ao Em si, e esse paradoxo nos dá a chave para o que Hegel chama de “Saber Absoluto” (ŽIŽEK, 2013, p. 238).

Não apenas Žižek, mas uma série de outros pensadores também chamam atenção para esse alcance ético da *F.E.* Para o grande estudioso do idealismo alemão, Dieter Henrich, Hegel opera diferente de Fichte, para quem as contingências exteriores deveriam ser completamente reprimidas no âmbito conceitual. No caso de Hegel, sua teoria sobre a ética consiste precisamente em reconhecer a atuação livre da contingência, na medida em que não atribui nenhuma determinação essencial à contingência em si. Mas se a ética deixa a contingência em sua liberdade, a subjetividade protesta contra a mesma, porque o eu em si mesmo já está enredado na *Ideia*. Exige, assim, que a necessidade ética faça do contingente algo que não é simplesmente contingente. Há uma sobreposição da

contingência, que conquista uma verdade superior, ainda que seja apenas provisória. “Porque a verdadeira eticidade só pode fundamentar-se em desistir do particular de cada caso, assim como o conceito abstrato da necessidade somente pode constituir-se na autoposição do contingente” (HENRICH, 1987, p. 210). Em outros termos, significa aquele processo da *Aufheben* (suprassumir), ou seja, em que o conservar inclui dentro de si o negativo, algo que venha a ser privado de sua imediatez como contingência, para se tornar algo mais compreensível.

É verdade que desde os tempos de Jena, Hegel expressava seu idealismo ao conceber que a verdadeira liberdade do espírito estava longe do arbítrio e do contingente, por se identificar dialeticamente à necessidade lógica e racional. Na *Ciência da Lógica*, ele afirma que a essência da história é a ideia, “mas sua manifestação está na contingência e no campo do arbítrio” (HEGEL, 1995, v. 1, p. 57), até porque o espírito e o pensamento se desenvolvem por mediações. Até mesmo um grande crítico seu, Gérard Lebrun, admitiu o valor da supressão para a questão da ética no sistema hegeliano. Assim, por exemplo, se quisermos compreender o alcance do cristianismo para Hegel, Lebrun indica que devemos estudar o que ele pensava sobre a vida ética, o estado e o mundo, porque há uma vocação mundana na filosofia especulativa, mas depurada e espiritualizada. De todo modo, como um cristão propriamente, Hegel estaria em terreno profano. A originalidade da supressão hegeliana estaria relacionada a ideia de irreversibilidade do processo histórico, notada por Lebrun através de Joaquim Ritter:

Joaquim Ritter mostrou muito bem a originalidade de Hegel nesse ponto: inútil inventar uma nova religião (August Comte), inútil voltar à civilização cristã e regredir para antes da *Aufklärung* e da Revolução (reação romântica) – porque agora somos, *efetivamente*, cristãos (LEBRUN, 1988, p. 53).

Por outro lado, os críticos mais ferrenhos a Hegel, como os pós-estruturalistas (Deleuze, Derrida, Levinas), defendem uma visão da *diferença* (ou da contingência) que não se subordina à *Aufhebung* hegeliana. Essa é posição de Gilles Deleuze, para quem a diferença não pode ser domesticada, como aparece em sua famosa obra *Diferença e Repetição*. Nesta obra, Deleuze declara que não era somente ele que estava interessado no assunto da diferença e da repetição, senão algo que estava no “ar”⁸, nos diversos ramos do conhecimento como a psicanálise, na literatura, etc.

⁸ Voltando à França dos anos de 1960 e 1970, mesmo que a ambiguidade marcasse a relação de vários pensadores franceses com a filosofia hegeliana, todos estavam mais ou menos inclinados a rejeitá-la ou

Todos estes sinais podem ser atribuídos a um anti-hegelianismo generalizado: a diferença e a repetição tomaram o lugar do idêntico e do negativo, da identidade e da contradição, pois a diferença só implica o negativo e se deixa levar até a contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico (DELEUZE, 2006, p. 8).

Uma resposta interessante a Deleuze vem curiosamente de Catherine Malabou, que defendeu a tese *L'Avenir de Hegel. Plasticité, temporalité, dialectique* (1994), sob orientação de Jacques Derrida, outro anti-hegeliano declarado e muito próximo de Deleuze. Enquanto Deleuze critica Hegel por suprimir a *diferença*, Malabou afirma trabalhar com outra visão da diferença segundo o conceito de *plasticidade*, porque no seu entendimento a diferença diz muito pouco sobre esses dois modos de ser do sujeito. Mas como ela não nega a influência do pós-estruturalismo em sua obra, também recorre ao conceito de *transsubjetivação* de Michael Foucault (*The Hermeneutics of the subject*), que é um outro modo de falar dessa trajetória do eu consigo mesmo, percebido previamente na F.E. Malabou não vê esse processo de modo que o outro seja suprassumido pelo eu – uma das principais críticas dos pós-estruturalista a Hegel.

Malabou acrescenta que essa percepção do eu tem relação com o conceito grego de *ethopoiein*. “*Ethopoiein* significa fazer ethos, produzir ethos, mudar, transformar o ethos, o modo de ser do indivíduo, o seu modo de existência” (MALABOU, 2008, p. 5). *Seria daí que nasce um novo eu, no confronto de si mesmo, e o conceito de plasticidade poderia ser um outro nome para esse conceito de transsubjetivação.*⁹ Em sua tese de doutorado (*L'Avenir de Hegel*), Malabou ainda traz uma pergunta heideggeriana interessante para os hegelianos: “não corremos o risco de cair no domínio da finitude com o saber absoluto”? Novamente, aparece aqui o conceito de *Aufhebung* (suprassunção), não como acreditam os críticos de Hegel (negação da diferença, suprassunção da contingência, etc.), senão uma espécie de formação (*Bildung*) que torna o sujeito mais livre no seu exercício plástico de *tornar-se outro de si mesmo*.

superá-la. Esse anti-hegelianismo foi inclusive notado por Derrida, curiosamente, no prefácio que ele fez para o livro de Malabou, *L'Avenir de Hegel*, citando os grandes nomes do pensamento francês do século como Merleau-Ponty, Levinas, Sartre, Foucault, Lyotard, etc.. “... todos compartilhavam pelo menos, com alguns outros, uma espécie de alergia ativa e organizada, poderíamos até dizer uma aversão organizadora em relação à dialética hegeliana (DERRIDA in MALABOU, 2005, p. xxvi).

⁹ Essa visão teria implicação inclusive para as discussões em torno do feminismo, pois Malabou rebate qualquer tipo de essencialismo ligado ao gênero: “Encontraríamos em Hegel a possibilidade de compreender a dialética como um processo de ‘*ethopoiein*’. Um sujeito plástico seria capaz de transformar seu modo de ser. Esta ontologia plástica implica, naturalmente, uma plasticidade do próprio gênero” (MALABOU, 2008, p. 5).

Investigando, então, o conceito de *Aufhebung*, ela descobre que já nos tempos de Hegel, ele era questionado, tanto que na edição de 1827 da *Encyclopédia* seu silogismo desaparece, mas retorna em 1830. Ela também está consciente que o conceito tem sido traduzido em seus dois sentidos, ou seja, suprimir e preservar, mas se questiona por que ninguém se preocupa com o verdadeiro significado empregado por Hegel. Considera, finalmente, que *Aufhebung* implica transformação, e não há como escapar de um círculo vicioso: sublimar alguma coisa implica numa certa relatividade, e o saber absoluto é uma *intervenção que suspende a má infinitude da relação*.

De fato, e em todo o curso do desenvolvimento do espírito, não há nenhuma identidade perfeita entre preservação e supressão; eles não são imutáveis nem indiferenciados. O que deve ser demonstrado é o fato de que Hegel, de fato, restaura a performatividade dialética essencial do *aufheben* e do *Aufhebung*, que ele na verdade “sublinha” o *aufheben* em *aufheben*, *Aufhebung* em *Aufhebung*. A possibilidade de uma nova leitura do Conhecimento Absoluto *emerge dessa operação verdadeiramente plástica* (MALABOU, 2005, p. 145).

Para além dos significados da *Aufhebung*, devemos compreender o alcance da F.E. Neste aspecto, Jean Hyppolite¹⁰ sustenta que ela não é uma história do mundo, apesar de manter relação com a mesma. Segundo ele, na primeira parte da obra, existem apenas algumas ilustrações esparsas de figuras históricas, como a do estoico; além disso, os três momentos da primeira seção – Consciência, Autoconsciência e Razão – não devem ser vistos como sucessivos, pois não existem no tempo, senão que são momentos abstratos praticados por todo espírito e estudadas em evolução separada. Em relação aos capítulos Espírito, Religião e Saber Absoluto, o problema parece ser mais complexo: haveria até mesmo uma filosofia da história, com totalidades concretas, espíritos particulares, cidade

¹⁰ É preciso lembrar que Hyppolite, junto aos seus colegas existencialista e mesmo pós-estruturalista, vai se tornar também um crítico de Hegel. Segundo Robert Sinnerbrink, das várias influências que Hyppolite teria sofrido, Heidegger foi a maior inspiração na questão da linguagem e do ser. “Isto é evidente em sua obra *Lógica e Existência*, de 1952, que abandona o Hegel ‘humanista’ da *Fenomenologia* e reinscreve a lógica hegeliana, agora entendida como uma ‘lógica do sentido’, dentro de uma filosofia heideggeriana da linguagem” (SINNERBRINK, 2007, p. 130). Ele também foi um seguidor de Wahl ao defender que a *consciência infeliz* é o tema mais importante da F.E., fazendo uma leitura historicista e humanista da obra, com ênfase na finitude, negatividade e inquietude do ser, misturando marxismo (transformação do mundo) e existentialismo. No calor de questões políticas que ainda envolviam a Revolução Russa de 1917, Hyppolite escreveu no pós-guerra livros sobre a relação entre Marx e Hegel, mantendo-se crítico de ambos. A partir de Marx, ele via a necessidade de superar o idealismo hegeliano através da ação política, para reintegrar o indivíduo à comunidade, para dar sentido à história sem com isso cair em mistificações idealistas. De outro lado, não defendia em absoluto as críticas de Marx ao idealismo hegeliano e nem defendia o progresso marxista, que na sua visão, era uma forma de eliminar a “tragédia existencial da história”. Nesse ponto, seria importante ser fiel a Hegel, pois, com ele, a tensão da oposição se manteria no coração da mediação, enquanto com Marx haveria uma tentativa de suprimir tal tensão.

Grega, Império Romano, etc., (mas na *Encyclopédia*, Hegel fez desaparecer os capítulos do Espírito e Religião da *Fenomenologia*). O capítulo propriamente histórico seria do Espírito, do desenvolvimento concreto e original da razão no mundo, havendo ainda muitas lacunas. Com razão, Hyppolite compreendeu que a intenção de Hegel com a F.E. seria a educação singular do indivíduo e não um problema da história do mundo, em clara relação com o *Emílio* de Rousseau. Mas diferente de Rousseau, que pressupunha antes da fase reflexiva a fase da percepção, Hegel levou a sério a imanência da história da humanidade na consciência individual: “A fenomenologia é o desenvolvimento concreto e explícito da cultura do indivíduo, a elevação de seu eu finito ao eu absoluto, mas tal elevação só resulta possível utilizando os momentos da história do mundo que são imanentes a esta consciência individual” (HYPPOLITE, 1946, p. 40) Se nos escritos de juventude Hegel considerava que a filosofia teria um papel pedagógico e prático, muito mais tarde, acredita Hyppolite, ele teria mudado sua visão: a filosofia chegaria agora demasiado tarde: “como pensamento do mundo aparece apenas quando a realidade já cumpriu e realizou seu processo de formação” (HYPPOLITE, 1946, p. 40). Ou seja, a *coruja de minerva* só no começar do crepúsculo levanta voo, famosa frase de Hegel para descrever, no prefácio da *Filosofia do Direito*, o que seria o papel da filosofia. Hyppolite acredita que em 1807, Hegel já tinha consciência disso, mas por volta de 1820, adota uma postura mais conservadora (justamente quando ele começa a lecionar em Berlim suas preleções sobre filosofia da *história*).

Como Žižek, Hyppolite concorda com a ideia de que a filosofia (da história) deve ser pensada de modo retroativo. Por outro lado, o que parece ser contraditório na lógica hegeliana é que no último capítulo da F.E., o espírito absoluto apresenta-se como se a humanidade estivesse entrando numa nova fase de sua história de caráter atemporal.¹¹ Hyppolite advoga que há, na verdade, uma relação dialética entre o temporal e o atemporal e, que, portanto, seria injusto decretar o fim dos tempos ao sistema de Hegel. De modo similar, Terry Pinkard defende que o saber absoluto é a última forma contingente do saber, pois nesse estágio o espírito está voltado à ciência, precedente à sua

¹¹ Essa discussão começa com os chamados hegelianos de esquerda no século XIX; entre eles, o mais famoso foi nada menos que Karl Marx. No entanto, vários autores, como Žižek e Malabou, acreditam que é Heidegger que coloca de maneira mais decisiva a questão da aporia entre sistema e história, e por tal caminho encontramos toda crítica pós-estruturalista a Hegel, de querer ultrapassar a lógica dialética, de pensar a *pura diferença* como em Jacques Derrida. “Nas interpretações do pensamento de Hegel desenvolvidas sob influência de Heidegger no século XX, essa contradição entre o ‘lógico’ e o ‘histórico’ adquire uma base mais radical: o que eles tentam delinear é um quadro ontológico mais fundamental que seja ao mesmo tempo a fonte da sistematização dialética de Hegel e o que esta última traz a tona” (ŽIŽEK, 2013, p. 500).

própria efetivação filosófica, remontando novamente à ideia de que a filosofia aparece como um balanço das experiências acumuladas. E como o mundo científico reflete a si mesmo, deixa de ser um fenômeno localizado para ser uma expressão do espírito autoconsciente que lida e conhece o seu negativo. “Saber é saber de seu próprio limite. É também uma outra maneira de afirmar que sua filosofia pode ser nada mais do que seu próprio tempo apreendido em pensamentos” (PINKARD, 2010, p. 20-21). Pinkard defende ainda que Hegel não é tão teleológico como outros *autores pensam*:

... a concepção de Hegel do saber absoluto e da história filosófica não é, como quase sempre se considerou, de forma alguma uma visão teleológica da história (ao menos em sentido estrito). Ao contrário, a história termina por se revelar, como já vimos, a finalidade sem fim, o tipo de finalidade que Kant restringira a organismos e à *experiência do belo* (PINKARD, 2010, p. 21).

Indo um pouco mais longe, a ética em Hegel tem forte ligação com aquilo que na Alemanha se entende por *Bildung* (formação).¹² Um homem de *Bildung* transcendia a velha formação aristocrática e até mesmo os homens de letras da Revolução Francesa. Era a ideia de uma autocultura que estaria acima de nobres e burgueses filisteus. A ideia de educação e cultura de Hegel nasce como crítica do Emílio de Rousseau:

...que entende a educação perfeita como a remoção de obstáculos ao desenvolvimento natural das aptidões da criança, em especial isolando-a da vida civilizada corrente [...] Hegel argumentou que a educação envolve a superação da natureza e a conversão ‘da Ética (*das Sittliche*) na segunda natureza do indivíduo’ (INWOOD, 1997, p. 85).

Compreendemos, portanto, que a F.E. não é um puro desdobramento do indivíduo, senão de sua relação dialética e histórica com o mundo, para, finalmente, ser alcançado o reino da liberdade. Nesse sentido, não é exagero afirmar que a aventura do espírito em Hegel, que resulta no saber absoluto, equivale, em certo sentido, ao conceito de sublimação em Sigmund Freud. Isso não significa dizer, por outro lado, que todas as

¹² Arthur Assis percebeu isso muito bem no trabalho do historiador Johann Gustav Droysen. Segundo Assis, a despeito dos vários significados que *Bildung* poderia ter na Alemanha da segunda metade do século XIX, em Droysen, representa muito mais que um cultivo egoísta (como supõem muitos autores), porque representa a conexão entre indivíduo e sociedade. Uma ideia que já estava em Hegel e em outros autores, de elevar o particular ao geral, que foi levado a cabo por Droysen no âmbito da historiografia. Droysen admite que a *Bildung* estimula uma auto identidade, o que não significa um individualismo, mas, ao contrário, um caminho de harmonização com a humanidade em geral, através da relação dialética entre sujeito e coletivo: “O tema principal da didática de Droysen é nomeadamente a possibilidade de racionalizar a tradição com a ajuda do pensamento histórico, para que se possa participar conscientemente e ativamente do ‘trabalho sobre a história’” (ASSIS, 2014, p. 88).

interações levem a esse resultado. Hegel sabia muita bem das contradições de seu tempo; o que ele tentava demonstrar com a *F.E.* era mais um caminho possível de ser trilhado pelo indivíduo moderno. Não por acaso, para uma hegeliana como Judith Butler, a famosa *dialética do senhor e do escravo* não tem necessariamente um desfecho positivo, mas até distópico.¹³ No caso de Malabou, por outro lado, tudo indica que ela tem uma visão positiva do saber absoluto. Uma dessas positividades é que o saber absoluto dissolve o “eu acho”, ou seja, uma subjetividade que ainda pouco se desenvolveu, que ainda não se confrontou com o mundo; aquela velha oposição entre sujeito e o objeto também fica para trás, e isso terá implicações para o próprio eu que ganhará outro sentido: aqui não existe mais a imediaticidade de uma certeza sensível, mas uma confirmação da identidade do sujeito com a substância.

Portanto, essa lacuna, emergindo quando o sujeito se separa de todas as suas determinações para “vê-los chegando” (*les voir venir*), não é definitiva nem fundamental. Consequentemente, o fim da lacuna obviamente não significa o fechamento de todas as perspectivas. Pelo contrário: esse fim revela, no processo de tornar-se fluido, um modo de ocorrência mais fundamental (*estrutura de l'advenir plus originaire*) do que a maneira rígida e fixa pela qual o sujeito se distanciou de suas próprias determinações, suas próprias accidentes. O “eu acho” - a pura certeza do eu - é apenas um momento, durando apenas um certo período de tempo na implantação da própria subjetividade. No terceiro silogismo, a própria sequência seguida deixa isso claro. A unidade sintética originária, ou a concordância a priori dos opostos, nem sempre foi uma unidade de apercepção, nem sempre será assim, se por “apercepção” queremos dizer exclusivamente a identidade absoluta de um sujeito, um sujeito definido como “I = Eu”. A partir de agora, haverá uma síntese, mas sem um eu (MALABOU, 2005, p. 157-158).

CONCLUSÃO

Fica bastante evidente, portanto, que o saber absoluto não tem a pretensão de encerrar a experiência, senão de elevar os sujeitos a um outro patamar de compreensão, inclusive de sua própria liberdade. Num sentido cultural, interpretamos que isso é a forma pela qual o indivíduo se apropria da tradição, sem contudo ter que ser refém dela, o que significa também a forma acabada do indivíduo ético.

¹³

Ver *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição* (2017).

Refletindo de forma deliberadamente anacrônica, o que expomos até o momento tem relação com uma gramática moderna (ou iluminista), que no século XXI parece não ter lugar face a tantos problemas: neoliberalismo, ascensão da extrema direita pelo mundo, crise climática (antropoceno), guerras setoriais e genocídios, potencial atômico de destruição total, etc. A lição aqui, seguindo um pouco na linha de Žižek, seja talvez continuar defendendo os valores “positivos” do Iluminismo¹⁴ (pois ele também tem um legado nefasto, como o de ter justificado o colonialismo, a hierarquização dos povos, etc.), sem com isso ser preciso dizer que existem leis na história, para lembrar também do bom legado do historicismo (do qual incluímos Hegel). No caso preciso do sujeito ou mesmo de coletividades, é uma persistência no ideal ético, mesmo que o mundo atual tenham mais características distópicas e não reúna condições de frear as catástrofes contemporâneas, como a de não apresentar alternativas concretas ao capitalismo.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Arthur Alfaix. **What Is History For?: Johann Gustav Droysen and the Functions of Historiography.** 1. ed. New York: Berghahn Books, 2014.
- HYPPOLITE, Jean. **Introducción a la filosofía de la historia de Hegel.** Buenos Aires: Caldén, 1970.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito.** Tradução de Paulo Meneses; com colaboração de Karl-Heinz Efken, e José Nogueira Machado. – 7º ed. – Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio** (1830). A Ciência da Lógica. Tradução Paulo Meneses e José Machado (colaboração). São Paulo: Loyola, 1995. v. 1.
- HENRICH, Dieter. **Hegel e su contexto.** Trad. Jorge A. Díaz. Ed. Monte Ávila Editores. Caracas, 1987.
- INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel.** Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica, Karla Chediak. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LEBRUN, Gérard. **O avesso da dialética** – Hegel à luz de Nietzsche. Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

¹⁴ E aqui também fazemos um uso deliberadamente anacrônico do termo, no sentido de incluir nessa linha de raciocínio, as ideias do comunismo (sabendo, é claro, das diferenças evidentes entre este e o liberalismo, por exemplo), para pensar na emancipação humana.

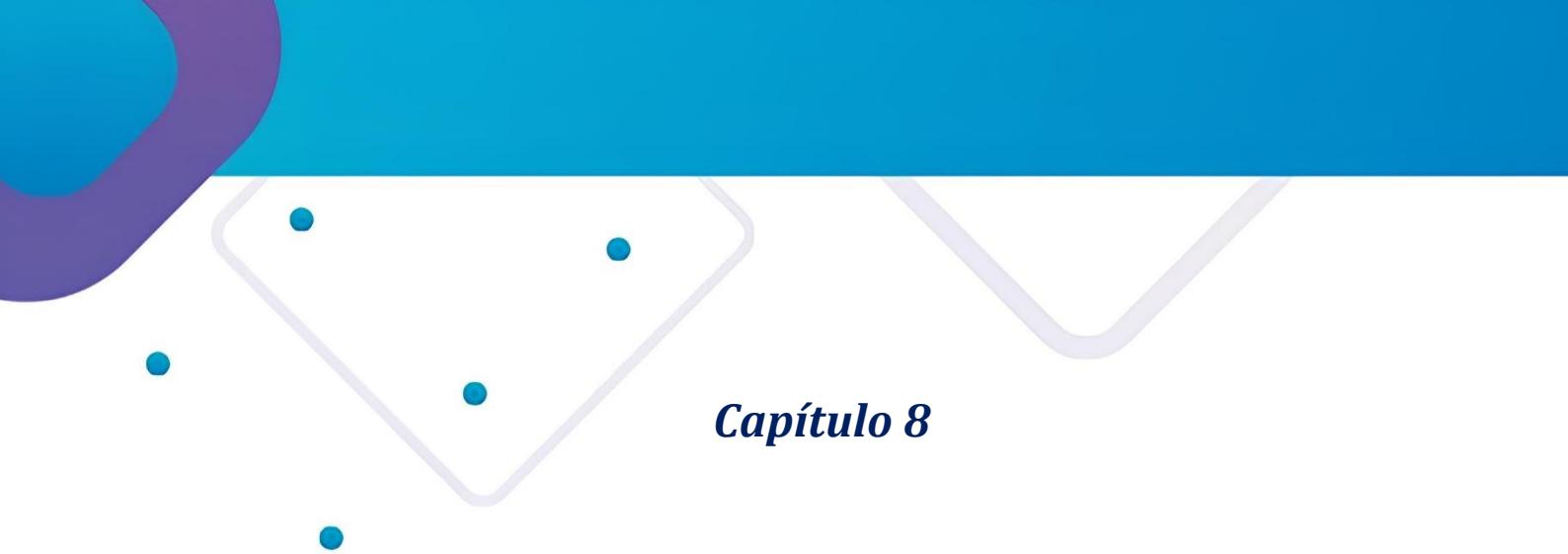
MALABOU, Catherine. Catherine Malabou: A conversation with Catherine Malabou. Entrevista concedida à Nöelle Vahanian. **Journal for Cultural and Religious Theory**, edição 9.1, pp. 1-13, 2008.

MALABOU, Catherine. **The Future of Hegel**: Plasticity, Temporality,Dialectic. New York: Routledge, 2005.

PINKARD, Terry. Saber absoluto: por que a filosofia é seu próprio tempo apreendido no pensamento. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, Ano 7, no13, Dezembro -2010: 07-23.

SINNERBRINK, Robert. **Understanding Hegelianism**. Chesham: Acumen Press, 2007.

ŽIŽEK, Slavoj. **Menos que nada**: Hegel e a sombra do materialismo dialético. Tradução Rogério Bettoni, Editora Boitempo, 2013.



Capítulo 8

VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA HISTÓRIA COLONIAL HISPANO-PORTUGUESA

Thales Kroth de Souza

24 créditos do Mestrado em Ciências Contábeis, UNISINOS

Pós-graduado MBA em Finanças e Educação Financeira, UNISINOS

Tecnólogo em Gestão Financeira, UNISINOS

E-mail: ksthales@gmail.com

RESUMO

Relato de experiência é um texto descrito que conta uma experiência realizada afim de compartilhar conhecimentos e promover o intercâmbio de ideias, situações, projetos e trabalhos. O contexto deste trabalho é relatar a experiência realizada entre os dias 13 e 15 de dezembro de 2024, onde uma turma com cerca de 20 discentes e 2 docentes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos os quais saíram dessa mesma universidade, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, com destino às Missões Jesuíticas, nas cidades de Entre-Ijuís, São Miguel das Missões e Santo Ângelo afim de realizar uma viagem de estudos. Com a moderação dos professores, houve a oportunidade de conhecer a história do povo guarani, aos sítios arqueológicos de São João Batista, São Miguel Arcanjo e Santo Ângelo, examinar os processos sociais e culturais da região, a economia, atividades produtivas, relações com a religião, artes, música, arquitetura, incursões portuguesas, espanholas, guerras e orientações nas visitações. Na oportunidade, a experiência da viagem de estudos aos participantes proporcionou vivenciar na prática conhecimentos teóricos de história e aproximação com a interação das Missões religiosas por meio das reduções, conduzidas pelos jesuítas. Recomenda-se como sugestões de pesquisas futuras a expansão de pesquisas arqueológicas, análise de vestígios de outras reduções menores ou postos avançados, viagens de estudos continuamente aprimorada como ferramenta pedagógica, também afim de entender desdobramentos, histórias, documentos, materiais e construções, na compreensão de particularidades do processo de ocupação e colonização do território gaúcho.

Palavras-chave: Relato de experiência. Viagem de estudos. Missões Jesuíticas. Reduções missionárias. História colonial do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

An experience report is a descriptive text that tells of an experience carried out in order to share knowledge and promote the exchange of ideas, situations, projects and works. The context of this work is to report the experience carried out between December 13th and 15th, 2024, where a class of about 20 students and 2 professors from the Universidade do Vale do Rio dos Sinos who left that same university, in São Leopoldo, in Rio Grande do Sul, bound for the Jesuit Missions, in the cities of Entre-Ijuís, São Miguel das Missões and Santo Ângelo in order to carry out a study trip. With the moderation of the professors, there was the opportunity to learn about the history of the Guarani people, the archaeological sites of São João Batista, São Miguel Arcanjo and Santo Ângelo, examine the social and cultural processes of the region, the economy, productive activities, relations with religion, arts, music, architecture, Portuguese and Spanish incursions, wars and guidance on visits. On this occasion, the experience of the study trip provided participants with practical experience of theoretical knowledge of history and an understanding of the interaction of religious missions through the reductions, led by the Jesuits. Suggestions for future research include expanding archaeological research, analyzing remains of other smaller reductions or outposts, and continually improving study trips as a pedagogical tool, also in order to understand developments, stories, documents, materials and constructions, in understanding the particularities of the process of occupation and colonization of the Rio Grande do Sul territory.

Keywords: Experience report. Study trip. Jesuit missions. Missionary reductions. Colonial history of Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO

Relato de experiência trata-se de experiências vivenciadas em um contexto que a articulação da experiência serve como registro do processo e das interpretações para aprendizagem (LÜDKE & CRUZ, 2010), no âmbito educacional, significa perceber com mais amplitude, desenvolvimento, orientação, pretensão o melhor caminho sobre a prática (DOMINGOS, 2016).

Souza & Lima (2022) enfatizam a importância do relato de experiência para a disseminação de práticas inovadoras e a reflexão sobre o cotidiano profissional, no destaque para o relato como ferramenta de socialização, destacam que "permite a narração de situações concretas, desafios enfrentados e soluções encontradas, enriquecendo a literatura com perspectivas autênticas".

Para a exploração de narrativas de experiências docentes que, segundo Oliveira & Costa (2021), podem ser análogas às de uma viagem de estudos, contribuindo para a

formação e o aprimoramento profissional com entendimento que "possibilita a reflexão sobre a prática, a identificação de lacunas e a proposição de novas abordagens pedagógicas", o que é um reflexo direto do que se busca ao documentar uma viagem de estudos.

Na discussão como o relato de experiência, inserido em contextos de metodologias ativas, o qual promove o desenvolvimento de habilidades e aprofunda o aprendizado, na essência do argumento sobre o relato de experiência consolidar o aprendizado e a autonomia do discente através da vivência prática que se alinha com a proposta de uma viagem de estudos, Pereira & Santos (2023) afirmam que "o relato de experiência estimula o estudante a analisar criticamente sua participação e os resultados obtidos em situações reais".

Na academia, o relato de experiência é uma modalidade de produção científica que se diferencia das pesquisas empíricas ou teóricas por focar na descrição e análise de uma vivência ou prática específica, contribuindo com ideias e aprendizados que podem ser replicados ou adaptados. Autores como Cruz e Silva (2018) enfatizam que a elaboração de um relato de experiência geralmente envolve a contextualização da vivência, a descrição detalhada dos eventos ou ações realizadas, a identificação dos desafios e das estratégias adotadas, e a reflexão sobre os resultados e as lições aprendidas. Gomes e Fernandes (2019) complementam, apontando que o processo de escrita deve ser crítico e analítico, não se limitando à mera descrição, mas buscando extrair o conhecimento gerado pela experiência. É fundamental que o relato apresente uma metodologia clara, ainda que não seja quantitativa, para que a experiência possa ser compreendida e avaliada pelos pares.

Apresentar um relato de experiência na academia, especialmente quando se trata de uma viagem de estudos, requer uma abordagem que destaque o caráter formativo e o impacto da imersão em novos contextos. Rodrigues e Almeida (2020) sugerem que o relato de uma viagem de estudos deve explicitar como a vivência em campo contribuiu para a aquisição de novos conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades específicas e a ampliação da visão de mundo dos participantes. Eles ressaltam a importância de contextualizar a viagem, descrever as atividades realizadas, os locais visitados e as interações significativas, além de analisar as contribuições teóricas e práticas da experiência para a formação acadêmica e profissional. Santos (2017) reforça a ideia de que o relato de experiência em viagens de estudos deve ir além do anedótico, buscando

fundamentar as observações em referências teóricas pertinentes e, se possível, conectar a vivência com os objetivos de aprendizagem propostos pela instituição de ensino.

O relato de experiência emerge como uma ferramenta acadêmica fundamental para consolidar e disseminar os aprendizados oriundos de viagens de estudo. Essa modalidade de escrita não se limita a um diário de bordo, mas se configura como uma análise crítica e reflexiva das vivências em campo, transformando-as em conhecimento validado. Silva e Medeiros (2016) destacam que o relato permite aos estudantes e profissionais de turismo formalizar as observações e interações com destinos e culturas, convertendo a experiência em *insights* para a prática profissional. Com ênfase para a prática de viagens de estudos que, ao descreverem os percursos, os desafios e as soluções encontradas, os relatos contribuem para a construção de um corpo de conhecimento empírico que enriquece a teoria e oferece subsídios para futuras intervenções.

A importância do relato de experiência em viagens de estudo também reside na sua capacidade de promover a reflexão e o desenvolvimento de competências transferíveis. Conforme Martins e Costa (2015) os quais exploram como a elaboração desses relatos estimula a autoavaliação, a organização do pensamento e a habilidade de comunicar aprendizados complexos para além do conteúdo específico da viagem, evidenciam que o processo de registrar a experiência obriga o estudante a conectar a teoria estudada em sala de aula com a realidade observada, identificando lacunas e propondo novas abordagens. Dessa forma, o relato de experiência transcende a mera documentação, tornando-se um catalisador para o aprofundamento do conhecimento e o amadurecimento acadêmico e profissional, fornecendo um arcabouço para que outros possam aprender com as vivências compartilhadas.

Na exemplificação como a sistematização de observações feitas em ambientes reais de mercado proporciona um embasamento robusto para a tomada de decisões estratégicas, Lopes e Cordeiro (2017) argumentam que, ao detalhar as características dos mercados visitados, as inovações percebidas, as práticas de consumidores e as dinâmicas competitivas, o relato de experiência transcende a mera coleta de dados, transformando a vivência em um conhecimento acionável para o desenvolvimento de novos produtos, serviços ou estratégias de mercado. Essa abordagem contribui significativamente para que as empresas e pesquisadores compreendam de forma mais aprofundada as nuances do ambiente de negócios, algo que muitas vezes é difícil de ser capturado apenas por meio de pesquisas secundárias.

A viagem de estudos emerge como uma estratégia pedagógica de inestimável valor para o aprendizado profissional em todas as camadas de ensino, desde a educação básica até o ensino superior e a pós-graduação. Conforme destacado por Souza (2021) sobre a prática que transcende a sala de aula, oferecendo aos estudantes uma imersão em contextos reais que enriquecem a teoria com a vivência prática. A relevância reside na capacidade da viagem de estudos de conectar o conhecimento abstrato à sua aplicação no mundo real, permitindo que o aluno observe, experimente e interaja com ambientes profissionais, culturas e tecnologias, desenvolvendo competências socioemocionais e habilidades técnicas que seriam difíceis de serem adquiridas de outra forma. Essa modalidade de aprendizado experencial se mostra particularmente potente na formação profissional, preparando os indivíduos para os desafios e as demandas de um mercado de trabalho em constante evolução.

O contato direto com empresas, indústrias, instituições de pesquisa, ou mesmo diferentes realidades sociais e culturais, possibilita que o currículo não se restrinja a conteúdos teóricos, mas contemple as dinâmicas do mundo real. Isso leva a uma prática pedagógica mais dinâmica e relevante, onde o conhecimento é construído de forma colaborativa e contextualizada. Souza (2021) também argumenta que a inclusão de atividades práticas como as viagens de estudos exige uma revisão e um aprimoramento constante dos currículos. Essa abordagem demanda que as instituições de ensino se tornem mais flexíveis e inovadoras, integrando experiências fora do ambiente formal de aprendizado como componentes essenciais do processo educativo. O currículo, nesse sentido, passa a ser um documento vivo, que se adapta às necessidades do mercado e da sociedade, e a viagem de estudos atua como um elo vital entre a teoria e a prática, garantindo que o aprendizado seja significativo e aplicável.

METODOLOGIA

Para o trabalho, a forma escolhida é a de relato de experiência onde será apresentado a trajetória da viagem com os orientações dos docentes, informações no locais visitados, imagens, descrição de detalhes, anotações e pesquisa de autores com artigos e trabalhos selecionados para melhor esclarecimento.

O trabalho conta com introdução detalhada sobre relato de experiência da viagem de estudos; metodologia; no desenvolvimento há a separação do roteiro da viagem de

estudos com os locais visitados que incluem Sítio de São João Batista, Fonte Missioneira, Sítio de São Miguel Arcanjo, Show Som & Luz e a Catedral Angelopolitana com posterior separação de cada parada para descrição dos locais com imagens e inclusão de autores selecionados; na conclusão, a análise constituída sobre a experiência; em considerações finais, indicando desdobramentos da pesquisa e da experiência, outros possíveis entendimentos e sugestões para pesquisas, trabalhos e mesmo viagens futuras para continuidade ou troca de direcionamento sobre às Missões Jesuíticas; e, por fim, as referências.

Conforme o relato de experiência descreve o histórico de pensamento, pesquisa e informações dos locais neste trabalho, a partir da seleção bibliográfica, ocorre a inclusão de imagens e descrição das figuras direcionadas com informações fornecidas pelos docentes no momento da visita, inclusão de trabalhos acadêmicos selecionados realizado posteriormente para a pesquisa e nas anotações realizadas ao longo do percurso.

ROTEIRO DA VIAGEM DE ESTUDOS

Iniciada a partir da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, campus São Leopoldo, com ônibus fretado, a viagem partiu próximo das dezoito horas, do dia 13 de dezembro, com uma turma de cerca de vinte discentes e dois docentes, em direção à Santo Ângelo, até um hotel na região. A chegada deu-se próximo das duas horas do dia seguinte.

Conforme a tabela 1, o roteiro da viagem de estudos tinha um cronograma devidamente programado para que a viagem de estudos tivesse um enriquecimento cultural, histórico e de aproveitamento satisfatório conforme indicado pelos docentes. A viagem havia apontado objetivos claros para o estudo do local, a imersão cultural genuína através dos pontos turísticos, aprendizado ativo, flexibilidade e abertura do planejamento, reflexão e conexão das percepções que moldam como essa experiência conecta com os estudos, no caso do autor deste trabalho através da formalização deste trabalho e na gestão das expectativas pelo propósito da viagem.

O roteiro da viagem, realizado no dia 14 de dezembro, incluiu o Sítio de São João Batista em Entre-Ijuís, a Fonte Missioneira, o Sítio de São Miguel Arcanjo e o Show Som e Luz em São Miguel das Missões. Para o dia 15 de dezembro, a última parada foi no Sítio de Santo Ângelo, através da Catedral Angelopolitana, em Santo Ângelo, encerrando o roteiro.

Tabela 1- Roteiro da viagem de estudos.

Título		
Data	Horários	Descrição
13/12, sexta-feira	18h	Saída do Campus São Leopoldo, com destino a Santo Ângelo, check-in no hotel
14/12, sábado	09h	Saída do hotel
14/12, sábado	09h30	Visita ao Sítio de São João Batista
14/12, sábado	12h30	Almoço em São Miguel das Missões (individual)
14/12, sábado	14h30	Visita à Fonte Missionária
14/12, sábado	15h30	Visita ao Sítio de São Miguel Arcanjo
14/12, sábado	19h	Jantar no centro de São Miguel das Missões
14/12, sábado	20h15	Show Som e Luz (ingresso individual)
14/12, sábado	21h30	Retorno ao hotel, após, livre
15/12, domingo	09h30	Check-out do hotel
15/12, domingo	10h	Visita ao Sítio de Santo Ângelo
15/12, domingo	13h30	Almoço (individual) e retorno para São Leopoldo

Fonte: O autor (2024).

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO JOÃO BATISTA

O Sítio Arqueológico de São João Batista, localizado no município de Entre-Ijuís, Rio Grande do Sul, representa um dos mais importantes vestígios das reduções jesuítico-guaranis que floresceram na região dos Sete Povos das Missões nos séculos XVII e XVIII. Fundada em 1697 pelo Padre Antônio Sepp, essa redução se destacou não apenas pela organização social e religiosa, mas também pelo pioneirismo em atividades como a metalurgia, com a extração de ferro e a produção de sinos e ferramentas. Dutra (2018) detalha análise e conservação de artefatos metálicos do sítio, revelando aspectos das técnicas construtivas e da vida cotidiana da redução, assim como lança luz sobre a complexidade e a engenhosidade dessa sociedade.

A importância do Sítio de São João Batista para a compreensão do período missionário é reforçada por estudos que exploram tanto a arquitetura quanto a organização do espaço. Soares (2018) discute a relevância dos vestígios arquitetônicos remanescentes, como a igreja, o colégio e o cemitério, para a valorização do patrimônio cultural. Além disso, a presença de uma produção cultural e artística singular, como o famoso relógio que exibia os doze Apóstolos, mencionado em artigos como do Portal das Missões (2018) que aborda a notícia do Sítio Arqueológico na Revista IHS, evidencia a riqueza cultural desenvolvida.

A arqueologia tem sido fundamental para resgatar e interpretar esses elementos, com escavações e intervenções coordenadas por pesquisadores como Vera Lúcia

Trommer Thaddeu e José Otávio Catafesto de Souza, que resultaram em um volume significativo de informações e acervo, conforme documentado pelo blog Arqueologia UPF (2014). Há ainda escavações e intervenções coordenadas por pesquisadores como parte de programas acadêmicos que resultam em resgate de parte ou todo de acervos, produções com informações sobre o povoado, análises do espaço e de sua arqueologia, proteção do patrimônio cultural através do IPHAN e diversos registros de trabalhos de limpeza e poda para a devida atenção ao patrimônio arqueológico.

A relevância do Sítio Arqueológico de São João Batista se manifesta de forma proeminente em suas características arquitetônicas e simbólicas, que revelam a engenhosidade e a visão dos jesuítas e guaranis. Conforme detalhado por Soares (2018), os vestígios da igreja, do colégio, das oficinas e das habitações indígenas demonstram uma organização espacial planejada, típica das reduções missionárias. A igreja, em particular, era o centro do complexo, com sua imponência e riqueza de detalhes refletindo a importância da fé no cotidiano da comunidade.

A estrutura do povoado que, embora baseada em funções comuns e cooperação para o bem da comunidade, não era necessariamente igualitária em termos de recompensas ou privilégios como na distribuição de tarefas específicas baseadas na agricultura, artesanato, construção, educação e defesa que eram essenciais para a sobrevivência e o desenvolvimento de todos, em treinamento para a contribuição de autossuficiência e produtividade, todavia havia hierarquia ou especialização valorizada na diferencial social ou econômica por diferentes motivos sejam de responsabilidade, habilidade, desempenho ou trocas de funções (materiais, prestígio, condições).

Soares (2018) ressalta que a análise dessas estruturas não se limita à sua dimensão física, mas se estende ao entendimento do simbolismo inserido em cada pedra, cada traço arquitetônico, que contava a história da catequese e da vida comunitária. As proporções das edificações, a disposição dos ambientes e a escolha dos materiais – muitas vezes locais – apontam para uma adaptação inteligente ao ambiente e uma busca pela autossuficiência onde a população guarani buscou através de inovações em seu modo de vida estabelecer conforme o aprendizado passado aos jesuítas.

Figura 1 - Imagem da missão jesuítica de São João Batista



Fonte: O autor (2024).

Na figura 1, imagem das ruínas do Sítio Arqueológico de São João Batista, com detalhe para a parte traseira do que seria o plano da redução missionária. O conjunto de ruínas remanescentes ainda são centro de estudos e visita regular por pesquisadores, estudantes, turistas onde remontam a preciosidade histórica e cultural.

Na figura 2, monumento de homenagem ao fundador e padre Antonio Sepp, ou Anton Clemens Sepp von und zu Recheg, nascido em Kaltern an der Weinstraße, na região de Tirol, na Alemanha, em 1655, vivendo no Rio Grande do Sul, morreu em San José, na região da Província de Misiones, Reino de Espanha, atual Argentina, em 1733, polímata com conhecimentos sobre música, urbanismo, pintura, relojoaria, escultura, arquitetura e construção civil. Conforme Pontes (2022), com cerca de 2.832 pessoas do Sítio de São Miguel, Antonio Sepp fundou em 1697 a redução de São João, onde em 1707 já chegava a 3.110 habitantes, já para a igreja foi obra do padre João Batista Primoli que, entre 1735 e 1744, levantou-a empregando, somente operários indígenas.

Na visita, foi possível ver placas interpretativa de partes da história da época e os restos da estrutura composta pela igreja, o cemitério e o colégio, outras estruturas complementares são indicadas como a estrada, uma barragem e a olaria. Peças do sítio esculpidos em pedras grés estão no pequeno museu na entrada do sítio, que possuem mapas e cartas escritas pelos padres, além das obras esculpidas na época da redução missionária.

Figura 2 – Monumento de homenagem da redução São João Batista



Fonte: O autor (2024).

A visitação ao Sítio Arqueológico de São João Batista oferece uma experiência imersiva na história e cultura missionária. O local, tombado como Patrimônio Histórico Cultural do Brasil pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, permite que os visitantes caminhem entre as ruínas e visualizem os remanescentes daquela que foi uma comunidade próspera. Placas interpretativas enriquecem o percurso, contando a história a partir dos relatos da época, escritos pelos próprios padres jesuítas. O IPHAN mantém o sítio com um horário de visitação regular, de terça-feira a domingo, e o portal das Missões informa que o local é um convite para entender a grandiosidade daquela época, com a amplidão das ruínas e a memória de Padre Antônio Sepp, que lá inovou na siderurgia do país. A consideração de visita ao local para o público em geral, estudantes e pesquisadores, em particular, é de momento ímpar, pois é possível conectar-se com um capítulo fundamental da história sul-americana.

Grande parte das características dos remanescentes arquitetônicos está subterrânea ou em forma de fundações, mas as escavações arqueológicas revelam as plantas baixas, fundações da igreja original fazendo com que as dimensões do templo sigam o padrão das igrejas missionárias com nave, capelas e sacristias. Também identifica-se as fundações da redução como o colégio, as oficinas e a praça central. No pequeno museu na entrada é possível visualizar documentos históricos compostos nas

cartas, diários e relatórios dos jesuíticas e visitantes da época; os registros de planimetrias e desenhos baseados nas fundações; e comparações com outras reduções para tornar mais próximo da similaridade arquitetônica e funcional com outras missões.

FONTE MISSIONEIRA

A Fonte Missionária, localizada no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, representa um elemento de grande importância histórica e simbólica dentro do complexo jesuítico-guarani. Datada do século XVIII, essa estrutura hidráulica não apenas supria a necessidade de água potável para a redução, mas também demonstrava a sofisticação da engenharia e do planejamento urbano implementados pelos jesuítas em colaboração com os indígenas.

Pesquisas como a de Zanchettin (2015) e Machado e Silva (2017) detalham o intrincado sistema de captação e distribuição de água, revelando a maestria construtiva da época, onde complementam ao discutir o papel da fonte não apenas utilitário, mas também simbólico, como um centro de vida comunitária e um reflexo da organização social e sanitária da redução.

Segundo Arandt (2018), aponta que em interlocuções diretas através da fonte oral, narrativas e entrevistas em dois grupos: grupos dos indicadores e o de usuários, a Fonte de água fez parte da antiga redução como importante acessório em sua rotina, já que nascentes faziam parte da comunidade, a pesquisa cita a ideia de preservação e valorização do sítio pela sua dimensão imaterial, mas também pelo símbolo das fontes de água para os Guarani e seu histórico na região. Isso também aponta para a compreensão de como o cotidiano das pessoas foram moldados conforme suas necessidades e passados através da tradição oral ou prática, na anuência de que nascentes fazia parte da comunidade e ainda fazem.

Figura 3 – Por dentro da Fonte Missionária.



Fonte: O autor (2024).

Na figura 3, visão por dentro da Fonte Missionária, com detalhe para o seu formato, vazão de água e local estratégico sobre o solo. O sítio histórico da Fonte Missionária fica localizado a um quilômetro do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões. Através de prospecções arqueológicas em 18 de fevereiro de 1982, a serviço da SPHAN/FNpM, identificou-se deslocamentos de partes de um chafariz (FOCKING, 2018). Descoberta em 1982 e restaurada em 1983 (ARANDT, 2018), a Fonte fazia parte do sistema de abastecimento de água da redução em seu auge e acredita-se que existam outras seis fontes na região e que também eram utilizadas para consumo na região (IPHAN, 2025).

A preservação da Fonte Missionária, reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1983, é crucial para a compreensão da vida cotidiana e dos avanços tecnológicos daquele período. Oliveira e Souza (2019) exploram a iconografia e o simbolismo da água na cosmovisão guarani e na doutrina cristã, presentes na própria arquitetura e disposição da fonte. Essa interação entre a cultura europeia e a indígena resultou em uma estrutura única que, para além de sua funcionalidade, carregava significados profundos para a comunidade. Além disso, a relevância da fonte é corroborada por Martins (2022), que, ressalta a importância da Fonte Missionária como um exemplo notável de gestão de recursos naturais e adaptação ao ambiente, servindo como modelo para estudos sobre sustentabilidade e engenharia histórica nas Missões.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE SÃO MIGUEL ARCANJO

O Sítio de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, é um dos mais significativos testemunhos das reduções jesuítico-guaranis da América do Sul, reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1983, juntamente com as ruínas jesuíticas argentinas de San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto e Santa María La Mayor (IPHAN, 2025). Sua estrutura monumental, ainda visível nas ruínas da igreja, representa o apogeu da arquitetura missionária e a complexidade do projeto civilizatório jesuíta.

A igreja, em particular, foi projetada por Gianbattista Primoli, arquiteto jesuíta, e sua construção, iniciada em 1735 (ARAÚJO, 2022), demonstra a grandiosidade e a fusão de estilos artísticos. Custódio (2018) descreve minuciosamente os elementos arquitetônicos e a organização urbanística da redução, que incluía residências indígenas, oficinas, hospital e cemitério, refletindo uma complexa sociedade teocrática. A preservação dessas estruturas é crucial para entender a dimensão física e simbólica dessa experiência colonial.

As informações sobre o Sítio de São Miguel Arcanjo nos remetem ao período histórico compreendido entre o final do século XVII e meados do século XVIII, quando a redução atingiu seu auge populacional e produtivo. O povo Guarani foi o protagonista dessa experiência, tendo suas vidas profundamente transformadas pela convivência com os padres jesuítas, mas também influenciando ativamente a organização e o desenvolvimento das reduções.

Monteiro (2018) explora a dinâmica cultural e social dos indígenas no contexto missionário, destacando sua participação na agricultura, artesanato e na construção das imponentes edificações. A vida cotidiana em São Miguel era regida por uma rotina estruturada em torno do trabalho, da oração e da educação, com a redução funcionando como uma unidade econômica autossuficiente e um centro de irradiação cultural e religiosa na região. A produção de manufaturados, a criação de gado e o cultivo de lavouras eram atividades cruciais para a subsistência e o comércio.

Figura 4 – Detalhe dianteira das ruínas de São Miguel Arcanjo



Fonte: O autor (2024).

Na figura 4, detalhe para a parte dianteira das ruínas de São Miguel Arcanjo. Custódio (2018) oferece perspectiva aprofundada sobre a grandiosidade e o planejamento do patrimônio do Sítio de São Miguel das Missões, onde ressalta não apenas a magnitude física da construção, mas também o profundo significado cultural e histórico que ela carrega, representando a síntese de saberes europeus e indígenas na concepção de um espaço sagrado e comunitário, onde afirma que:

a igreja de São Miguel, com sua imponência e riqueza de detalhes, demonstra o auge da arquitetura missionária e a capacidade de organização do projeto jesuítico-guarani (CUSTÓDIO, 2018, p. 75).

O contexto colonial espanhol e português exerceu uma influência decisiva sobre a trajetória de São Miguel Arcanjo. Inserida na disputa territorial entre as coroas ibéricas, a redução foi palco de tensões e conflitos, especialmente durante o Tratado de Madri de 1750 (SOUZA, 1939), que previa a troca de territórios e a consequente evacuação dos Sete Povos das Missões. Flores (2015) analisa as complexas relações políticas e econômicas que moldaram o destino das reduções, culminando na Guerra Guaranítica.

O cotidiano dos guaranis e jesuítas era, portanto, marcado não apenas pelas atividades internas da redução, mas também pelas pressões externas e pelas constantes ameaças de incursões e conflitos. Maeder (2017) aborda como a expulsão dos jesuítas em

1768 marcou o fim de um capítulo singular na história colonial, levando ao declínio e eventual abandono de São Miguel e das demais reduções, deixando para trás um legado arquitetônico e cultural inestimável.

Com inestimável valor imaterial e significativo interesse turístico, o Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões é um tesouro do Rio Grande do Sul, atraindo visitantes por sua imensa importância turística. As imponentes ruínas da igreja, oferecem uma visão arquitetônica impressionante do estilo barroco jesuítico-guarani, revelando a grandiosidade e a complexidade das construções da época colonial. Para interessados na história e na cultura, a visita é uma experiência de imersão que permite compreender a vida nas antigas reduções jesuíticas, a relação entre europeus e povos indígenas, e o legado arquitetônico e social que perdura até hoje. O local não é apenas um ponto turístico, mas um centro de memória e estudo, fundamental para a valorização e o entendimento de um período crucial da formação do Brasil e da América Latina.

Na figura 5, representando o lado esquerdo das ruínas de São Miguel, detalhe para a reforma que está sendo realizada para recuperação de uma área danificada pelo tempo, ação humana e batalhas ocorridas. Schneider e Weiss (2019), em sua análise sobre a dimensão demográfica e produtiva das reduções, destacam a multifacetada importância do sítio, não apenas como um local de culto, mas como um microcosmo de uma sociedade singular, assim, fornecem uma compreensão aprofundada da vida na Missão:

São Miguel Arcanjo não foi apenas um centro religioso, mas uma complexa unidade social e econômica, capaz de sustentar milhares de indivíduos através de uma produção agrícola e artesanal diversificada, o que a distingue como um modelo de autossuficiência e organização comunitária no contexto colonial da América do Sul, com um legado que se estende para além de suas ruínas físicas, influenciando o imaginário e a identidade regional" (SCHNEIDER; WEISS, 2019, p. 15)

Figura 5 – Lado esquerdo, das ruínas de São Miguel Arcanjo, detalhe para reforma



Fonte: O autor (2024).

Na figura 6, para o lado esquerdo ainda, a parte de dentro da reforma apresenta reformas significativas e de contraste com as ruínas da área central. Apresenta-se que há tentativas de recuperação conforme demonstrado em imagem e confirmados pela gestão sobre áreas específicas no momento da visita. A construção da igreja foi de um dos mais impressionantes exemplos da arquitetura barroca e demonstra avançado nível de conhecimento arquitetônico e técnica para a época. Feita em pedra arenito, material que exige técnica apurada para extração, transporte, corte e assentamento, fez do projeto sofisticado e inspiração dos modelos europeus como a Igreja do Gesù, em Roma, na Itália, a adaptação para o contexto missionário. A construção deu-se por etapas (nave, torre, pórtico) entre 1735 e 1745 com a participação da mão de obra indígena catequizada, sob direção e supervisão dos jesuítas que possuíam conhecimento técnico.

Figura 6 – Lado esquerdo, das ruínas de São Miguel, parte de dentro da reforma



Fonte: O autor (2024).

Entre os registros encontrados, mostram o interior ricamente decorado com talha e as esculturas esculpidas pelos indígenas em madeira policromada e pinturas, constam no museu do local. A torre chegou a 25 metros de altura (mesmo que a segunda torre fosse planeada para um observatório nunca tenha sido concluída), reflete robustez, engenhosidade e ambição de um projeto de séculos entre abandono, saques, intempéries e quedas de raios, com resistência e reconhecimento como a nível internacional através de explorações conjuntas e citações em trabalhos.

Na figura 7, o detalhe está para a torre esquerda, que localiza-se com a abobada central, onde remonta no arquiteto Gianbattista Primoli, responsável pelo projeto da igreja, tivesse formação e referências europeias (ligadas ao barroco romano), a execução da obra no contexto das reduções jesuíticas resultou em uma adaptação e simplificação de certos elementos, utilizando materiais e mão de obra local (guarani). Portanto, a arquitetura pode ser classificada como uma manifestação específica do barroco, adaptada à realidade missionária. Nesse tempo de aprendizagem, enquanto o povo guarani era ensinado, havia o direcionamento de realizar a construção da igreja, realização dos trabalhos manuais, aprendizagens específicas por meio de defesa da região, entre outras questões.

Figura 7 – Detalhe para torre esquerda, nas ruínas de São Miguel



Fonte: O autor (2024).

São Miguel Arcanjo foi uma das maiores reduções jesuíticas, abrigando milhares de indígenas em seu período de maior prosperidade. Schneider e Weiss (2019) estimam que a população da redução chegou a ultrapassar 6 mil habitantes em meados do século XVIII. Essa densidade demográfica, aliada à organização produtiva, resultava em uma economia robusta, com a produção de excedentes agrícolas e artesanais.

Reis Filho (2020) detalha a movimentação de mercadorias e a infraestrutura que sustentava essa grande comunidade. A visita ao sítio oferece uma experiência que permite visualizar a grandiosidade e a complexidade de São Miguel Arcanjo, um lugar onde a história, a fé e a cultura se entrelaçaram de forma única. Spessatto (2021) destaca a importância do sítio para o desenvolvimento local e o turismo cultural.

Na concepção original, em dimensões externas havia cerca de 82 metros de comprimento e 30 metros de largura, o templo foi construído em cruz latina com três naves, transepto, presbitério e sacristias nas duas laterais. Os blocos de pedra arenito (grês) foram aparelhados assentados sobre argamasse de barro. O exterior das paredes é marcado por grandes quadros rebaixados.

A igreja possuía uma torre principal de cerca de 25 metros de altura. A fachada tinha um imponente pórtico, que é uma das mais emblemáticas das ruínas. A fachada principal tinha três portadas (entradas), com a central maior e mais ornamentada, emoldurada com frisos, pilastras e capiteis. As naves laterais também apresentavam entradas. As janelas integravam aberturas para iluminação natural. O pórtico original escondia partes de uma janela central, o que sugere um design complexo e detalhado. As janelas eram elementos importantes para a entrada de luz no interior da nave. A fachada e outras partes eram adornadas com nichos que abrigavam esculturas de santos, além de pilastras e capiteis que demonstravam a técnica e o estilo barroco.

Os registros históricos e arqueológicos indicam que o interior da igreja era ricamente decorado com altares em talha dourada, esculturas em madeira policromada e pinturas, contrastando com a simplicidade aparente de algumas paredes externas visíveis como ruínas. Parte das estruturas remanescentes, incluindo telhados, detalhes de portas, janelas e a ornamentação interna, não sobreviveram ao tempo, saques e incêndios, o que torna difícil quantificar ou especificar elementos originais.

SHOW SOM E LUZ

O Show Som e Luz, encenado diariamente no Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, é uma das mais emblemáticas experiências de imersão na história jesuítico-guarani. Desde sua primeira apresentação em 12 de outubro de 1978, o espetáculo utiliza as imponentes ruínas da antiga redução como cenário natural, combinando efeitos luminosos, sonoros e uma narrativa envolvente para recriar a saga das Missões.

Para a figura 8, detalhe para a frente direita das ruínas da Igreja de São Miguel Arcanjo do que é a continuidade e serve para a iluminação do show Som e Luz realizado a noite com as ruínas atuais, que incluem parte da igreja, dos alicerces das casas e do cemitério, os quais servem como um lembrete tangível da escala dessa sociedade e como o tempo a transformou.

Figura 8 – Detalhe para frente direita, com ruínas do que é a continuidade da igreja



Fonte: O autor (2024).

A longevidade do show Som & Luz, sendo considerado o mais antigo do gênero no Brasil, conforme o portal Camino de los Jesuitas (2021), atesta sua relevância cultural e turística, atraindo visitantes que buscam compreender, de forma emotiva e didática, a complexidade desse período histórico. O espetáculo não apenas informa, mas busca gerar uma conexão profunda do público com o patrimônio, reforçando a importância da preservação do local.

O espetáculo tem duração de 48 minutos e conta a história do nascimento, desenvolvimento e fim da experiência jesuítico-guarani, abordando desde a fundação da redução até a Guerra Guaranítica. Conforme informações da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões (2025), a narrativa dubla por elenco de renomados atores brasileiros, como Fernanda Montenegro (voz da Terra), Lima Duarte (Sepé Tiarajú), Paulo Gracindo (Padre Antônio Sepp), Juca de Oliveira (Giovani Primoli), Rolando Boldrin (José Joaquim Viana), Maria Fernanda (voz da Catedral) e Armando Bógus (Marquês de Valdelírios), entre outros, que dão vida aos personagens históricos. A criação do show foi uma iniciativa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, posteriormente repassada ao Município de São Miguel das Missões.

A capacidade da arquibancada é para receber cerca de 350 pessoas por sessão, onde ocorre geralmente às 20 horas ou 21 horas, dependendo da estação, contando também com apresentações em espanhol e em inglês em dias específicos da semana. Em 2016, o espetáculo passou por modernização e a tecnologia analógica foi trocada por

sistemas digitais de iluminação (LED) e áudio separado em seis canais com trilha remasterizada. Com dados do total acumulado de pessoas que já assistiram ao espetáculo sendo incertos, por conta da longa duração de existência e da operação diária contínua, é seguro afirmar que milhões de pessoas já o prestigiaram.

A narrativa do Show Som e Luz transcende a mera cronologia, buscando transportar o espectador para o cotidiano, a política, a arte, as crenças e os conflitos que moldaram a sociedade missionária. Pesquisas como a de Lima, Leoti & Pereira (2019), que analisam as emoções dos visitantes, demonstram o impacto da experiência na percepção e compreensão da história das Ruínas de São Miguel. O espetáculo visa, portanto, ir além da apresentação de fatos, propondo uma vivência que sensibiliza e provoca a reflexão sobre o legado indígena e jesuítico. A maneira como a luz esculpe as ruínas e o som preenche o espaço vazio contribui para essa imersão, fazendo com que a história "ganhe vida" e o visitante se sinta parte dela.

A narração que forma um convite para que o visitante possa compreender o processo de ocupação colonial espanhol a partir do estabelecimento de Missões religiosas por meio de reduções, conduzidas por Jesuítas e examinar as Missões Jesuíticas junto ao povo Guarani e outras etnias indígenas como parte de um fenômeno global, parte dos processos econômicos, políticos, religiosos e culturais que marcaram a Idade Moderna (contexto das grandes navegações e descoberta de territórios por parte da Europa Ocidental, principalmente Espanha e Portugal).

Figura 9 – Frente das ruínas de São Miguel Arcanjo, detalhe para iluminação



Fonte: O autor (2024).

Para a figura 9, frente das ruínas de São Miguel Arcanjo, detalhe para a iluminação que comprehende a frente da igreja e também para a iluminação maior que passa pela metade do campo em frente. A iluminação é especial com seu espetáculo de cores, sombras, luzes diferentes e acendimentos diferentes conforme as narrações, partes da história e o próprio sentimento de vivamento do local.

Para Oliveira (2009) as ruínas da igreja ganharam iluminação noturna que destaca, a distância, com os contornos da fachada e para Dadalto (2009), o Show Som e Luz se insere na discussão sobre o "turismo histórico e passado-espétáculo", transformando a história em uma experiência sensorial que dialoga com o presente e o passado de forma impactante.

O espetáculo transcende a simples reconstituição histórica, atuando como uma ponte entre o contexto colonial espanhol e português e as tecnologias dramatúrgicas modernas pela abordagem da complexa disputa territorial que envolveu as coroas ibéricas e seu impacto direto sobre as reduções jesuítico-guaranis, contextualizando a vida e o declínio da Missão de São Miguel Arcanjo. Através da dramaturgia cuidadosamente elaborada, o público é introduzido aos dilemas e às tensões vividas por jesuítas e indígenas frente às pressões externas, como o Tratado de Madri (1750) e a Guerra Guaranítica. Essa abordagem permite que os espectadores compreendam não apenas os fatos históricos, mas também as motivações e as consequências das decisões políticas e militares da época.

A modernidade do Show Som e Luz reside na sua abordagem telecinemática, que utiliza os avanços tecnológicos para criar uma experiência imersiva e envolvente. A luz, projetada nas ruínas, atua como um pincel, desenhando cenas e personagens, enquanto o som, com vozes e efeitos, transporta o público diretamente para o passado. Essa fusão de recursos visuais e auditivos tem o objetivo de fazer o espectador entender, conhecer e, sobretudo, sentir-se parte da história. Não se trata apenas de assistir a uma apresentação, mas de ser envolvido por ela.

A técnica de telecinema permite que as narrativas sejam dinâmicas e que o público perceba a grandiosidade e a complexidade da vida na redução, assim como a dramaticidade dos eventos que levaram ao seu fim. Essa combinação de fidelidade histórica e os recursos modernos visam superar a barreira do tempo, tornando o passado tangível e relevante para o público contemporâneo. Ao usar a própria arquitetura das ruínas como tela e palco, o Show Som e Luz explora a memória do lugar para amplificar a

mensagem histórica. A experiência sensorial é projetada para que a plateia não seja apenas um observador passivo, mas um participante da jornada, vivenciando as emoções e os desafios daquele período colonial. Dessa forma, o espetáculo contribui significativamente para a educação patrimonial, consolidando a compreensão sobre a história jesuítico-guarani e a importância do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo como um valioso legado cultural da humanidade.

CONCLUSÃO

A viagem de estudos à Missões jesuíticas fez os discentes conhecerem e compreenderem a importância da religião na rotina das reduções jesuíticas, além de refletir sobre quem eram os Guarani missioneiros naquele contexto espacial e temporal, compreendendo-os no contexto a convivência com os jesuítas por quase dois séculos, súditos da Coroa Espanhola, exercendo papel importante para a posse e defesa do território colonial espanhol.

Desde a identificação nas formas de produção econômica das reduções missionárias em seus vastos territórios, que se estendiam por quase todo o atual território do Rio Grande do Sul e chegava até outros países como Argentina e Paraguai, para a interpretação da arquitetura (seus vestígios) e a produção artística das Missões sob a perspectiva global, permeadas por características americanas (ambiente e culturas) e ao mesmo espaço de tempo conectadas com os estilos, as ideias e técnicas do mundo europeu.

Outros fatores conclusivos estão na compreensão da história colonial do Rio Grande do Sul como uma região entre fronteiras, multicultural e permeada por diversas identidades e interações que formam a interação homem e ambiente nos processos de ocupação, atentando para o respeito à natureza, geografia e história de povos originários e, dentro disso, para a otimização dos processos produtivos desta organização missionária.

A oportunidade de realizar uma viagem de estudos para a região transcende a mera visita turística, consolidando-se como uma experiência de aprendizado multifacetada e imersiva. A vivência *in loco* nos sítios arqueológicos, como São João Batista, São Miguel das Missões e Santo Ângelo, permite que o conhecimento teórico adquirido em sala de aula se materialize diante dos olhos dos estudantes. Essa imersão

prática aprofunda a compreensão sobre a estrutura, a organização social e a engenhosidade construtiva das reduções, revelando a grandiosidade de um projeto que buscou harmonizar a evangelização jesuíta com a cultura dos povos originários, em particular o povo Guarani. O impacto desse trabalho vai além da acumulação de dados, pois proporciona uma vivência que dificilmente seria alcançada por meio de leituras ou aulas expositivas, tornando o aprendizado mais significativo e duradouro.

O estudo *in loco* do Sítio de São Miguel Arcanjo, com suas ruínas monumentais e do Sítio de São João Batista, com seu pioneirismo na metalurgia, oferece uma perspectiva única para o entendimento da cultura e do contexto social da época. A observação direta das estruturas e do acervo arqueológico permite desvendar aspectos do cotidiano guarani, suas crenças, adaptações e resistências diante do processo de colonização. Mais do que isso, a viagem de estudos expõe as complexidades da geopolítica colonial, evidenciando como a predominância da Coroa Portuguesa na região sul do Brasil e os problemas de diplomacia com a Coroa Espanhola moldaram o destino das Missões. Os tratados de limites, as disputas territoriais e a consequente Guerra Guaranítica se tornam palpáveis, permitindo uma análise crítica das consequências dessas interações para os povos indígenas e para a configuração geográfica do continente.

Em última análise, uma viagem de estudos como a realizada às Missões Jesuíticas representa um investimento pedagógico estratégico. Ela não apenas estimula a pesquisa e a análise crítica, mas também fomenta o desenvolvimento de competências como a observação aguçada, a contextualização histórica e a capacidade de interagir com diferentes realidades. A oportunidade de estar no local onde a história aconteceu, de visualizar as proporções das construções e de refletir sobre as vidas que ali foram construídas e desconstruídas, transforma o estudante em um agente ativo de seu próprio aprendizado. Essa metodologia ativa solidifica o conhecimento sobre a história dos povos originários, o patrimônio cultural e as complexas relações coloniais, preparando os participantes para uma compreensão mais holística e empática do mundo em que vivemos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o futuro, os estudos sobre as Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul podem aprofundar-se em diversas frentes. Sugere-se a expansão das pesquisas arqueológicas

para além dos sítios já consolidados, buscando identificar e analisar vestígios de outras reduções menores ou postos avançados que ainda carecem de investigação aprofundada. Além disso, é fundamental investir em estudos interdisciplinares que integrem a arqueologia com a antropologia, a sociologia e a etnohistória, a fim de obter uma compreensão mais holística do cotidiano, das crenças e das práticas de resistência dos povos Guarani no contexto missionário. A digitalização e a disponibilização de acervos documentais e iconográficos, muitos ainda dispersos, também se apresentam como um campo promissor para facilitar o acesso de pesquisadores e do público em geral.

A viagem de estudos na região das Missões deve ser continuamente aprimorada como ferramenta pedagógica. Futuras edições podem explorar novas rotas e incluir a visita a outros locais de interesse histórico e cultural que complementem a experiência, como museus regionais, comunidades indígenas contemporâneas e centros de artesanato local, para além das reduções missionárias mais conhecidas, afim de entender desdobramentos, estudar de documentos, investigar materiais e projetar construções. É crucial que essas viagens sejam precedidas por uma sólida preparação teórica e seguidas por atividades de reflexão e produção de conhecimento, como a elaboração de relatos de experiência ou projetos de pesquisa, garantindo que a vivência em campo se traduza em aprendizado significativo. O desenvolvimento de materiais didáticos específicos para cada nível de ensino, com linguagens e abordagens adequadas, também é uma área a ser explorada.

No que tange à história colonial do Rio Grande do Sul, há espaço para análises mais aprofundadas sobre o impacto das Missões Jesuíticas na formação da identidade regional e nas relações de poder com as coroas portuguesa e espanhola, investigando as consequências a longo prazo dos conflitos e tratados. Além disso, estudos comparativos com outras experiências coloniais na América do Sul como Paraguai e Argentina, no mesmo contexto ou em comparação das regiões missionárias tratadas, podem enriquecer a compreensão das particularidades do processo de ocupação e colonização do território gaúcho.

Para que ações pedagógicas dessa magnitude, como as viagens de estudos, sejam eficazes, um apoio pedagógico estratégico é indispensável. Isso inclui o desenvolvimento de programas de formação continuada para educadores, a criação de roteiros educativos flexíveis e adaptáveis, a garantia de recursos logísticos e financeiros adequados, e o estabelecimento de parcerias com instituições de pesquisa e órgãos de preservação do

patrimônio. Somente com um planejamento robusto e um olhar atento às novas metodologias de ensino-aprendizagem, a história das Missões continuará a inspirar e a educar as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima Oliveira de. **Mãos que preservam ruínas:** artífices missioneiros e as práticas de preservação do patrimônio cultural em São Miguel das Missões/RS. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ARAUJO_Maria-Dissertacao_PEP.pdf Acesso em: 22 jun. 2025.
- ARQUEOLOGIA UPF. **Sítio Arqueológico de São João Batista:** Arqueologia UPF, 22 jun. 2014. Disponível em: <https://arqueologiaupf.blogspot.com/2014/06/sitio-arqueologico-de-sao-joao-batista.html> Acesso em: 22 jun. 2025.
- CAMIÑO DE LOS JESUÍTAS. **Espetáculo de Luz e Som em São Miguel Arcanjo:** Camiño de los Jesuitas, 2021. Disponível em: <https://www.caminodelosjesuitas.com/pt-br/attractivo-turistico/espetaculo-de-luz-e-som-em-sao-miguel-arcanjo/> Acesso em: 22 jun. 2025.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **São Miguel Arcanjo:** arquitetura e urbanismo da redução jesuítica. 2. ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2018.
- DADALTO, Maria Cristina. **Turismo histórico e passado-espetáculo nas Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul.** Redalyc, Revista Tempo e Movimento do Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. [S.l.], v. 3, n. 1, p. 155-171, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3381/338130370008.pdf> Acesso em: 22 jun. 2025.
- DOMINGOS, José Contreras. **Relatos de experiencia:** en busca de un saber pedagógico. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 14–30, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n1.p14-30 Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2518> Acesso em: 22 jun. 2025.
- DUTRA, Márcia Regino dos Ribeiro. **Conservação do acervo Arqueológico da Missão Jesuítica no Rio Grande do Sul:** dobradiças em ferro da porta lateral. 2018. Monografia (Especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2018/07/Marcia-Regina-Ribeiro-Dutra-2018.pdf> Acesso em: 22 jun. 2025.
- FLORES, Moacyr Domingos Lopes. **As Missões Jesuíticas:** um território em disputa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

FOCKING, Gabriel de Freitas. **Ações educativas na arqueologia missionária (1985-1995)**. 2018. 150 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. URI: <http://hdl.handle.net/10183/181814> Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/181814/001075978.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOMES, Luiz Marcos; FERNANDES, Samuel C. **A construção do conhecimento a partir da experiência**: o relato de experiência como gênero acadêmico. Revista Brasileira de Extensão Universitária, Belo Horizonte, [S.I.], v. 10, n. 1, p. 119-128, jun. 2019.

IPHAN. **Missões Jesuíticas Guarani**s: IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/39#:~:text=Em%201983%2C%20juntamente%20com%20as,Patrim%C3%B4nio%20Cultural%20Mundial%20pela%20Unesco> Acesso em: 22 jun. 2025.

CUNHA, Felipe Borborema Lima; LEOTI, Alice; PEREIRA, Tércio. **As emoções dos visitantes das Ruínas de São Miguel das Missões/RS expressadas no TripAdvisor**. Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo, [S.I.], v. 13, n. 3, p. 70-89, 2019. DOI: 10.17648/raoit.v13n3.5617 Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/raoit/article/view/5617/3011> Acesso em: 22 jun. 2025.

IPHAN. **Reduções Jesuíticas e o Patrimônio Mundial no Brasil**. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2025. Disponível em: <https://www.iphan.gov.br> Acesso em: 22 jun. 2025.

LOPES, Rita de Cássia A.; CORDEIRO, Flávio F. **Relatos de experiência em visitas técnicas**: contribuições para o entendimento de mercados e inovação. Revista de Administração da UFSM, Santa Maria, v. 10, n. 4, p. 709-722, out./dez. 2017.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Gilberto Braga da. **Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica**. Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores, [S.I.], v. 2, n. 3, p. 86-107, 2010. Disponível em: <https://mail.revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/20> Acesso em: 22 jun. 2025.

MACHADO, Lino Fernando; SILVA, Ailton de Carvalho. **A água como elemento de poder e controle nas reduções jesuíticas**: o caso de São Miguel Arcanjo. Revista de Estudos Missionários, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 45-60, jan./jun. 2017.

MAEDER, Ernesto. **Missões Jesuíticas na América do Sul**: história e legado. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

MARTINS, Leonardo César; COSTA, Taise Nara. **A experiência do intercâmbio e a produção de conhecimento**: um estudo sobre relatos de discentes. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 9, n. 2, p. 192-205, dez. 2015.

MARTINS, Ricardo Pereira. **Arqueologia da água nas reduções jesuíticas:** uma análise comparativa dos sistemas hídricos missionários. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 17, n. 3, p. 1-15, set./dez. 2022.

MONTEIRO, John Manuel. **Os Guarani e as Missões:** um legado de resistência e adaptação. São Paulo: Editora da Unesp, 2018.

OLIVEIRA, Margarida Bittencourt; COSTA, Raquel Versieux da. **Narrativas docentes:** a experiência como fonte de saberes para a formação continuada. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 102, n. 261, p. 308-325, maio/ago. 2021.

OLIVEIRA, Patrícia Silva; SOUZA, Rafael Tosta. **A iconografia da água nas Missões Jesuíticas:** elementos simbólicos da Fonte de São Miguel. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 27, e201923, 2019.

OLIVEIRA, Paulo Rogério Melo de. **O passado encravado no presente:** turismo histórico e passado-espetáculo nas Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul. Revista Tempo e Argumento, v. 1, n. 1, p. 155-171, 2009. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/3381/338130370008/html/> Acesso em: 22 jun. 2025.

PEREIRA, Luciana Gomes; SANTOS, Cleide Rodrigues. **Metodologias ativas e o relato de experiência na educação superior:** promovendo a autonomia e o protagonismo discente. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 49, e263884, 2023.

PONTES, Beatriz Maria Soares. **Movimento de resistência socioterritorial pretérito (Século XVIII) que resultou em conflito armado:** a Guerra Guaranítica. Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais, v. 11, n. 1, p. 1-29, 2022. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9631971.pdf> Acesso em: 22 jun. 2025.

PORTAL DAS MISSÕES. **Sítio Arqueológico de São João Batista ganha destaque em Revista IHS.** Portal das Missões, 28 set. 2018. Disponível em:
<https://www.portalmissoes.com.br/noticias/sao-joao-batista/sitio-arqueologico-de-sao-joao-batista-ganha-destaque-em-revista-ihs/> Acesso em: 22 jun. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MIGUEL DAS MISSÕES. **Espetáculo Som e Luz.** São Miguel das Missões, 2025. Disponível em:
<https://www.saomiguel.rs.gov.br/site/conteudos/2065-espetaculo-som-e-luz> Acesso em: 22 jun. 2025.

REIS FILHO, Leonel da Costa. **A dimensão econômica das Missões:** produção e comércio nas reduções guaranis. Curitiba: Editora da UFPR, 2020.

RIBEIRO, Fábio Augusto; SANTOS, Paulo Marques. **A Siderurgia Jesuítica nas Missões:** um Estudo de Caso sobre a Redução de São João Batista. 2020. 101 págs. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, v. 25, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2018/07/Marcia-Regina-Ribeiro-Dutra-2018.pdf> Acesso em: 22 jun. 2025.

RODRIGUES, Eda Maria; ALMEIDA, Fernanda Rigo. **Viagens de estudo na formação profissional:** reflexões a partir de um relato de experiência. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 135-150, jan./abr. 2020.

SANTOS, Cristiane Luiza Reis. **Relatos de experiência na pesquisa em educação:** um olhar sobre a validade e a relevância. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 33, e153721, 2017.

SCHNEIDER, Fernando G.; WEISS, Márcia G. **População e produção nas reduções jesuíticas:** um estudo quantitativo sobre São Miguel Arcanjo. *Revista de História Social*, [S. I.], v. 21, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2019.

SILVA, Ana Carolina; MEDEIROS, Liana Morais. **Viagens de estudo como estratégia pedagógica:** contribuições para a formação de profissionais em turismo. *Revista Turismo em Análise*, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 556-574, dez. 2016.

SOARES, Gabriela. **Valorização do Sítio de São João Batista: a grandeza de seus remanescentes.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2018.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Coleção documentos brasileiros, vol. 19.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939.

SOUZA, João da Silva. **A Viagem de Estudos como Ferramenta Pedagógica para o Desenvolvimento Profissional.** *Revista de Educação Profissional e Tecnológica*, [S. I.], v. 16, n. 1, p. 45-60, jan./abr. 2021.

SOUZA, Patrícia Aparecida; LIMA, Fernando Costa. **O relato de experiência como ferramenta de socialização do conhecimento prático em saúde coletiva.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 7, e00265421, 2022.

SPESSATTO, Pâmela Gabriele. **O sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo e sua relação com a comunidade local:** turismo e patrimônio. 2021. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

ZANCHETTIN, Berta. **O sistema hidráulico da redução de São Miguel Arcanjo:** a fonte e seus canais. 2015. 120 pág. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

Capítulo 9

USO DA BPMN COMO ESTRATÉGIA DE OTIMIZAÇÃO NO PLANEJAMENTO E GESTÃO DE PROJETOS DA EMBIO

Amanda Carichelli Drumond Silva

Graduando do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus de Seropédica. Pesquisa sobre (Mapeamento de Processos com BPMN: Eficiência e Organização na EmBio/UFRRJ.) amandaldrumond11@gmail.com

Gabrielly Thereza Oliveira Amorim De Souza

Graduando do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus de Seropédica. Pesquisa sobre (Mapeamento de Processos com BPMN: Eficiência e Organização na EmBio/UFRRJ.) gabriellythereza5@gmail.com

Maria Eduarda de Melo Viana

Graduando do curso de Engenharia Agrícola e Ambiental, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus de Seropédica. Pesquisa sobre (Mapeamento de Processos com BPMN: Eficiência e Organização na EmBio/UFRRJ.) eduarda.m.viana@gmail.com

Ricardo Nascimento Ferreira

Doutorando em Administração ricardo.n.ferreira@terra.com.br

RESUMO

Este artigo analisa a aplicação da ferramenta BPMN (Business Process Model and Notation) como estratégia para otimizar o planejamento e a gestão de projetos no grupo de pesquisa EmBio, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. A abordagem

metodológica é qualitativa, com dados obtidos por entrevistas e análise documental. O objetivo é demonstrar como o mapeamento de processos contribui para a eficiência organizacional e a melhoria da comunicação interna. A modelagem dos processos permitiu identificar gargalos, eliminar redundâncias e propor melhorias nos fluxos de trabalho. Os principais focos de aplicação foram a gestão documental e a organização do site institucional. Na gestão documental, houve um aumento de 37% na padronização e uma redução de 42% nos erros operacionais. No site, observou-se crescimento de 55% na frequência de atualizações e 48% na consistência das informações. Conclui-se que o BPMN é eficaz para promover clareza, agilidade e controle em grupos de pesquisa.

Palavras-chave: BPMN, mapeamento de processos, gestão documental, projetos de pesquisa, EmBio, Universidade.

ABSTRACT

This article analyzes the application of the BPMN (Business Process Model and Notation) tool as a strategy to optimize project planning and management within the EmBio research group of the Federal Rural University of Rio de Janeiro. The methodological approach is qualitative, with data collected through interviews and document analysis. The goal is to demonstrate how process mapping contributes to organizational efficiency and improved internal communication. Process modeling made it possible to identify bottlenecks, eliminate redundancies, and propose improvements in workflows. The main areas of application were document management and the organization of the institutional website. In document management, there was a 37% increase in standardization and a 42% reduction in operational errors. For the website, there was a 55% increase in update frequency and a 48% improvement in information consistency. It can be concluded that BPMN is effective in promoting clarity, agility, and control in research group operations.

Keywords: BPMN, process mapping, document management, research projects, EmBio, University.

Introdução

A busca por maior eficiência na gestão de projetos e na organização interna tem sido um desafio recorrente para organizações em processo de amadurecimento. Nesse contexto, o presente artigo propõe a aplicação da ferramenta Business Process Model and Notation (BPMN) como uma estratégia de apoio à EmBio – Grupo de Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). O objetivo central é utilizar a modelagem de processos para fortalecer a administração e o planejamento das atividades do Grupo de Pesquisa, promovendo uma estrutura mais organizada, funcional e alinhada às demandas de um mercado cada vez mais competitivo.

Durante o diagnóstico organizacional da EmBio, foram identificadas fragilidades que comprometem sua atuação eficiente. Entre elas, destacam-se duas problemáticas principais: a ausência de um sistema estruturado para a gestão de

documentos e a inexistência de um site institucional. A carência de um processo padronizado para o arquivamento e controle de arquivos dificulta o acesso ágil e seguro às informações essenciais do Grupo de Pesquisa, comprometendo a rastreabilidade e a preservação de registros importantes. Por sua vez, a falta de presença digital limita a visibilidade da EmBio, prejudica a comunicação com o público externo e enfraquece a construção de sua identidade institucional.

Diante dessas lacunas, a modelagem de processos com BPMN surge como uma ferramenta eficaz e acessível para enfrentar tais desafios. No que tange à gestão documental, pretende-se mapear e padronizar um fluxo que contemple o arquivamento, o controle de versões, o compartilhamento e o acesso aos documentos institucionais e de projetos. Essa abordagem visa não apenas organizar os arquivos, mas também garantir segurança da informação, transparência e continuidade das operações.

Adicionalmente, a BPMN será aplicada para estruturar o processo de criação e manutenção de um site institucional para o Grupo. Ao delinear de forma clara as etapas que envolvem o planejamento, desenvolvimento, validação, publicação e atualização da plataforma, será possível distribuir responsabilidades de forma equitativa, assegurar o cumprimento de prazos e garantir a sustentabilidade da presença digital da EmBio ao longo do tempo.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral aplicar a BPMN como instrumento de diagnóstico e reestruturação de processos estratégicos na EmBio. Como objetivos específicos, destacam-se: (i) modelar um processo de gestão documental eficiente e padronizado; (ii) estruturar o fluxo de desenvolvimento e manutenção de um site institucional; (iii) aprimorar a comunicação interna e externa do Grupo de Pesquisa; e (iv) promover a profissionalização e o amadurecimento organizacional.

Acredita-se que os resultados obtidos possam servir de base para outras organizações em fase de desenvolvimento, reforçando o papel da modelagem de processos como ferramenta de gestão e inovação. Diante disso, a presente pesquisa busca responder à seguinte pergunta: de que forma a aplicação da BPMN pode contribuir para a otimização dos processos de gestão documental e presença institucional digital na EmBio?

A aplicação da BPMN contribui para a otimização dos processos da EmBio ao permitir a padronização e visualização clara dos fluxos de trabalho, especialmente na gestão documental e na criação do site institucional. Por meio da modelagem, foi possível identificar falhas, organizar etapas e distribuir responsabilidades, promovendo maior eficiência, segurança da informação e comunicação interna e externa mais eficaz. Dessa forma, a BPMN se mostra uma ferramenta estratégica para o fortalecimento da estrutura organizacional da EmBio.

Desenvolvimento

Nas últimas décadas, a crescente complexidade dos ambientes organizacionais e a busca por eficiência têm impulsionado a adoção de ferramentas que possibilitem uma melhor visualização, entendimento e reestruturação dos processos internos. Nesse contexto, destaca-se a Business Process Model and Notation (BPMN) como um dos padrões mais utilizados mundialmente para a modelagem de processos de negócios. De acordo com a Object Management Group (OMG), entidade responsável por sua normatização, a BPMN é uma notação gráfica padronizada que permite representar o fluxo de atividades de forma comprehensível tanto para especialistas técnicos quanto para usuários finais, promovendo uma ponte entre o desenho e a execução dos processos organizacionais (OMG, 2011).

O BPMN permite modelar desde processos simples, como receitas culinárias, até operações complexas, como procedimentos bancários, sistemas de votação, processos judiciais e atividades científicas. Sua adoção se justifica pela expressividade visual, pela clareza na definição de responsabilidades e decisões, e pela capacidade de promover simulações, análises e melhorias contínuas. A linguagem possui três domínios de aplicação principais: descrição de processos, simulação e execução, podendo ser usada isoladamente ou em conjunto com outras ferramentas, como o XPDL (XML Process Definition Language) e o WS-BPEL (Web Services Business Process Execution Language), dependendo do objetivo da modelagem (SILVA; PRADO, 2021).

Nesse sentido, a BPMN apresenta-se como uma aliada estratégica não apenas no setor privado, mas também em instituições públicas e acadêmicas, onde a gestão de informações e a padronização de procedimentos são essenciais para garantir eficiência e transparência. Conforme argumenta CARVALHO et al (2021), a modelagem de processos,

quando associada a metodologias como o 5W2H e diretrizes do guia PMBOK, contribui significativamente para diagnosticar fragilidades institucionais, organizar rotinas e promover uma cultura organizacional mais orientada à melhoria contínua.

Com base nesses fundamentos, esta pesquisa foi desenvolvida com abordagem qualitativa, aplicada, exploratória e descritiva, com o intuito de compreender os principais desafios enfrentados pela EmBio – Grupo de Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em seus processos internos. O objetivo foi propor melhorias com base na modelagem de processos organizacionais, utilizando-se a ferramenta BPMN, escolhida por sua capacidade de representar visualmente os fluxos de trabalho de forma clara e acessível. A notação facilitou tanto o diagnóstico das lacunas institucionais quanto a proposição de soluções compatíveis com a realidade da organização.

O universo da pesquisa abrangeu todos os membros ativos do grupo EmBio, incluindo diretoria, coordenadores e demais colaboradores. A amostra foi composta intencionalmente por dez integrantes, selecionados com base em critérios como tempo de permanência na organização, ocupação de cargos de liderança e envolvimento direto com os processos de comunicação interna e gestão documental. A diversidade de perfis garantiu uma visão holística das dificuldades enfrentadas pela instituição.

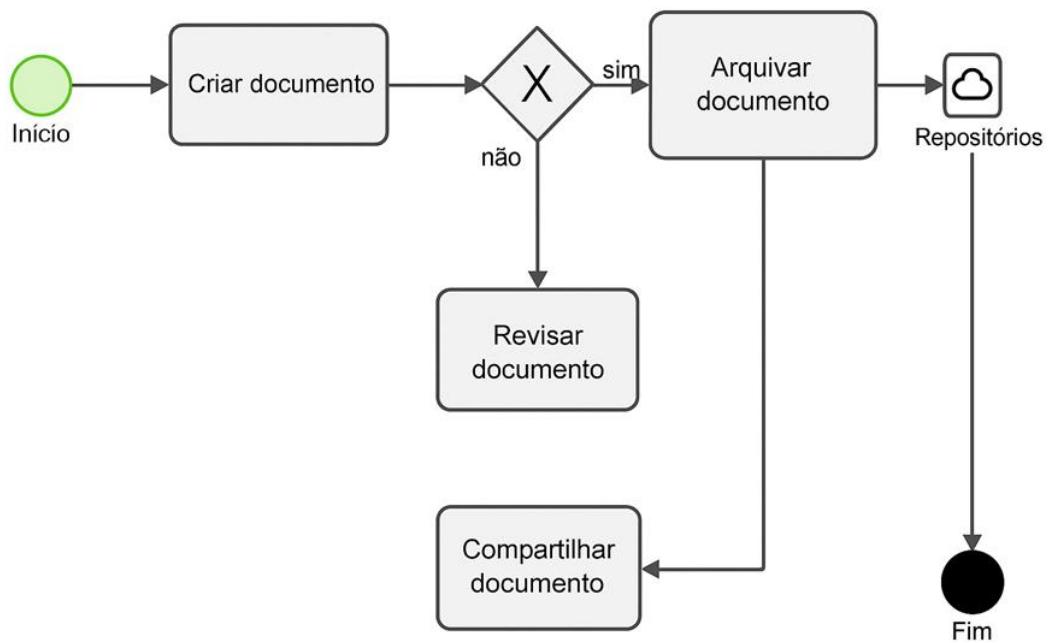
A coleta de dados se deu por meio da triangulação metodológica, a fim de garantir maior confiabilidade às informações obtidas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, aplicação de questionário online, observação participante e análise documental de arquivos institucionais (atas, planos de ação, registros de reuniões e documentos administrativos). Essa abordagem permitiu captar não apenas os procedimentos formais, mas também os fluxos informais de comunicação e tomada de decisão, possibilitando a identificação de padrões, gargalos e oportunidades de melhoria.

Os resultados da análise evidenciaram dois principais entraves: a ausência de um sistema estruturado de gestão documental **e a falta de um site institucional ativo**. O primeiro fator compromete a rastreabilidade das decisões e dificulta a continuidade dos processos, especialmente devido à alta rotatividade de membros. Já o segundo limita a visibilidade do grupo perante a comunidade acadêmica e externa, dificultando o acesso a informações e a consolidação da identidade institucional da EmBio.

Diante desse cenário, foram modelados dois processos principais com o auxílio do software Bizagi Modeler. O primeiro processo trata da gestão documental, abrangendo

etapas como criação, revisão, arquivamento e compartilhamento de documentos em repositórios digitais, com controle de versões e padronização de nomenclaturas.

Figura 1 – Fluxo de Gestão Documental da EmBio modelado em BPMN



O diagrama apresenta o processo de criação, revisão, arquivamento e compartilhamento de documentos institucionais, com foco na padronização e rastreabilidade da informação. A modelagem foi realizada com base nas práticas propostas para o repositório compartilhado da organização, utilizando controle de versões e nomenclatura padronizada.

O segundo refere-se à estruturação do site institucional, desde o planejamento de conteúdo, passando pela definição de responsáveis, até a manutenção periódica da página, garantindo a atualização das informações e o fortalecimento da comunicação externa.

Ambos os modelos se demonstraram viáveis, replicáveis e alinhados às necessidades específicas do grupo. A aplicação da BPMN, neste caso, revelou-se uma estratégia eficaz não apenas para mapear os processos, mas também para promover a clareza organizacional e possibilitar a formalização de rotinas essenciais ao funcionamento da EmBio. Os achados da pesquisa corroboram os apontamentos de SILVA e PRADO (2021), que reforçam o papel da modelagem de processos como instrumento

essencial para a gestão do conhecimento e a melhoria da comunicação em instituições acadêmicas.

A experiência registrada nesta pesquisa também dialoga com o projeto BPM Acadêmico, desenvolvido pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde a modelagem de processos foi aplicada com sucesso para diagnosticar e reestruturar processos administrativos internos, proporcionando resultados positivos na organização institucional. Assim como na UFMG, a experiência com a EmBio evidencia que metodologias visuais e estruturadas, como a BPMN, quando aliadas a abordagens participativas e ao conhecimento institucional dos envolvidos, podem promover transformações significativas em ambientes universitários.

Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e aplicada, com abordagem exploratória e descritiva. Esse delineamento foi adotado com o objetivo de compreender, de forma aprofundada, os desafios enfrentados pelo EmBio – Grupo de Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – no que se refere à gestão de seus processos internos, possibilitando a proposição de melhorias alinhadas à sua realidade organizacional.

A população da pesquisa compreendeu todos os membros ativos do grupo, incluindo diretoria, coordenadores de projetos e demais colaboradores efetivos. A amostra foi definida por meio de amostragem intencional, composta por dez participantes ($n = 10$), selecionados com base em critérios previamente estabelecidos, como tempo de permanência na organização, ocupação de cargos de liderança e envolvimento direto com os processos de comunicação interna e gestão documental. Essa forma de amostragem é amplamente utilizada em pesquisas qualitativas por priorizar a profundidade e a diversidade das experiências em detrimento da generalização estatística (Minayo, 2001; Yin, 2016). Ao permitir a escolha de participantes com conhecimento especializado e vivência significativa sobre o objeto de estudo, a amostragem intencional favorece uma análise mais contextualizada da realidade investigada.

Em comparação com outras abordagens qualitativas, a amostragem teórica — utilizada na Teoria Fundamentada (Grounded Theory) — visa selecionar participantes de forma progressiva, conforme categorias emergem dos dados, sendo mais adequada a

estudos cujo foco está na construção de teorias a partir da experiência empírica. Já a amostragem por conveniência, embora de fácil execução, prioriza o acesso imediato aos participantes e pode comprometer a consistência analítica quando os sujeitos não estão diretamente envolvidos com o fenômeno estudado. Nesse sentido, a opção pela amostragem intencional mostrou-se mais coerente com os objetivos deste estudo, centrado na análise de práticas consolidadas e na proposição de intervenções específicas.

A coleta de dados foi realizada por meio de múltiplas técnicas, com o objetivo de garantir a triangulação metodológica e fortalecer a validade dos resultados. Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas, permitindo a identificação de fragilidades, padrões e oportunidades nos fluxos internos da organização. Complementarmente, foi aplicado um questionário online, com questões abertas e fechadas, voltadas à análise da comunicação institucional, do armazenamento de documentos e da eficiência dos processos.

Além dessas técnicas, a pesquisa contou com observação participante, realizada ao longo de três meses, durante os quais os pesquisadores acompanharam rotinas, reuniões e atividades cotidianas da equipe. Essa etapa teve como foco a compreensão de aspectos culturais e operacionais relevantes à dinâmica interna do grupo. A observação foi complementada por uma análise documental, envolvendo atas, planos de ação, registros de projetos e documentos administrativos, o que possibilitou identificar lacunas, sobreposição de tarefas, fluxos informais de comunicação e oportunidades de padronização.

Como parte do processo de imersão e compreensão da estrutura organizacional do EmBio, também foi realizada uma reunião online com o professor Leonardo Duarte, responsável pela coordenação do grupo, no dia 02 de junho de 2025. Durante esse encontro, foram discutidas as metodologias adotadas, os objetivos institucionais e os principais desafios enfrentados pela equipe. Além disso, no dia 21 de maio de 2025, foi realizada uma conversa presencial com a pesquisadora Vitória Machado Barbosa, membro ativo do grupo, que compartilhou informações valiosas sobre o funcionamento interno e as práticas cotidianas adotadas no contexto do EmBio. Esses momentos contribuíram significativamente para o aprofundamento da análise, trazendo uma perspectiva direta dos envolvidos nas atividades do grupo.

Resultados e Discussão

A análise dos dados obtidos por meio de entrevistas, questionários, observação participante e análise documental revelou entraves significativos à eficiência organizacional do grupo de pesquisa EmBio, especialmente relacionados à inexistência de um sistema estruturado de gestão documental e à ausência de um site institucional ativo. Foi possível observar que os documentos administrativos e técnicos do grupo eram armazenados de forma descentralizada, muitas vezes em dispositivos pessoais ou em pastas dispersas em plataformas de nuvem, sem padronização de nomenclatura, controle de versões ou regras claras de arquivamento e compartilhamento. Essa situação comprometia a rastreabilidade de informações, dificultava a continuidade dos processos e aumentava a dependência do conhecimento tácito dos membros mais antigos.

A ausência de um site institucional também se mostrou um fator crítico. As informações sobre os projetos, publicações e atividades da EmBio estavam dispersas em redes sociais e arquivos internos, prejudicando a comunicação externa, a visibilidade do grupo e o fortalecimento de sua identidade institucional. Essa lacuna dificultava não apenas o acesso do público externo às informações sobre o grupo, mas também a articulação de parcerias e a divulgação científica das ações desenvolvidas.

Com base nesse diagnóstico, foram modelados dois processos utilizando a notação BPMN (Business Process Model and Notation), por meio do software Bizagi Modeler. O primeiro trata da gestão documental, estruturando o fluxo desde a elaboração até o arquivamento e compartilhamento de documentos, com a inclusão de regras de nomenclatura, controle de versões, designação de responsáveis e armazenamento em repositório digital compartilhado. O segundo processo refere-se à criação e manutenção de um site institucional, envolvendo planejamento de conteúdo, desenvolvimento, validação, publicação e atualização periódica das informações.

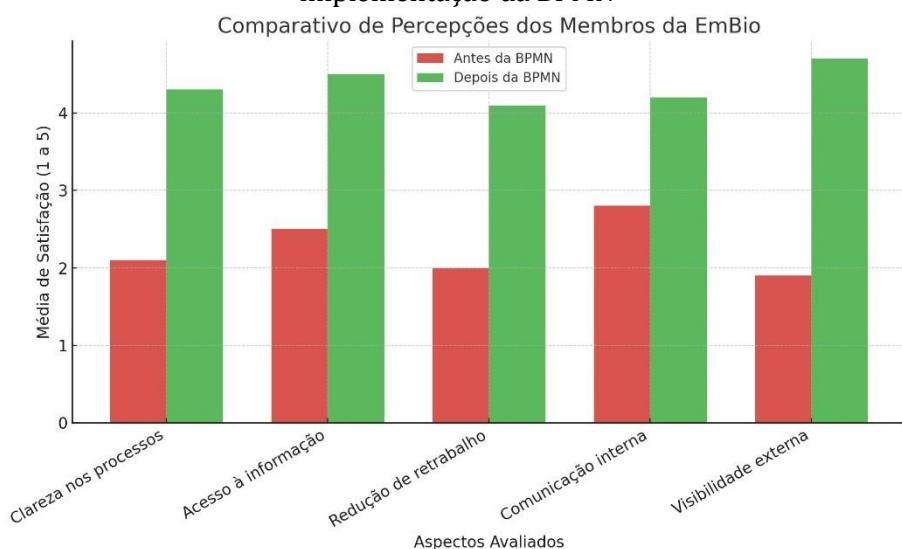
A modelagem dos fluxos permitiu não apenas organizar as rotinas operacionais da EmBio, mas também promover maior clareza na distribuição de tarefas, facilitar a integração de novos membros e contribuir para a formalização de práticas internas. Como destacam SILVA e PRADO (2021), a aplicação da BPMN pode atuar como um catalisador da aprendizagem organizacional, ao tornar os processos visíveis e passíveis de avaliação e melhoria contínua. Nesse sentido, os fluxos desenvolvidos mostraram-se viáveis,

replicáveis e compatíveis com a realidade do grupo, oferecendo uma base sólida para a profissionalização da gestão interna e para o fortalecimento institucional da EmBio.

Contudo, algumas limitações do estudo devem ser consideradas. A amostragem foi intencional e composta por apenas dez participantes, o que pode restringir a representatividade das percepções levantadas. A coleta de dados ocorreu em um período limitado de três meses, o que pode não ter captado mudanças estruturais ou variações sazonais nas práticas do grupo. Além disso, parte das informações foi obtida por meio de relatos subjetivos, sujeitos a vieses de memória ou interpretação. Também não foram utilizados indicadores quantitativos para avaliar objetivamente os ganhos de eficiência após a implementação dos processos modelados, o que limita a mensuração do impacto direto das melhorias propostas. A ausência de um sistema prévio de acompanhamento de indicadores institucionais também dificultou a comparação entre o desempenho anterior e posterior à aplicação da BPMN.

Apesar dessas limitações, os resultados indicam que o uso da modelagem de processos com BPMN pode ser uma ferramenta eficaz para otimizar rotinas de grupos de pesquisa acadêmicos, contribuindo para a transparência, a continuidade e a profissionalização da gestão organizacional.

Figura: Gráfico Comparativo da percepção dos membros da EmBio antes e depois da implementação da BPMN



Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Legenda: O gráfico apresenta a média das avaliações dos membros da EmBio em cinco categorias principais antes e depois da modelagem de processos com

BPMN: (i) Clareza nos Processos, (ii) Acesso à Informação, (iii) Redução de Retrabalho, (iv) Comunicação Interna e (v) Visibilidade Externa. As notas variam de 1 (muito insatisfatório) a 5 (muito satisfatório). Observa-se uma melhoria significativa em todos os aspectos após a implementação da ferramenta.

No entanto, algumas limitações devem ser reconhecidas. A amostra restrita ($n = 10$) e o foco em apenas dois eixos (gestão documental e site institucional) limitam a generalização dos achados. Ademais, o período de acompanhamento, de apenas três meses, não permite avaliar os impactos de longo prazo. Ainda assim, os resultados são promissores e indicam que, mesmo em contextos acadêmicos com recursos limitados, é possível aplicar ferramentas consagradas do universo corporativo com resultados efetivos.

Para estudos futuros, recomenda-se expandir o uso da BPMN para áreas como gestão financeira, captação de recursos e processos de integração de novos membros. Estudos longitudinais também podem contribuir para avaliar a consolidação das mudanças organizacionais ao longo do tempo, conforme sugerem YIN (2016) e BARDIN (2011).

Conclusão

Apesar dos resultados positivos obtidos com a aplicação da modelagem de processos com BPMN no contexto da EmBio – Grupo de Pesquisa Engenharia e Monitoramento de Biossistemas da UFRRJ –, este estudo apresenta algumas limitações metodológicas que devem ser consideradas para a adequada interpretação dos achados.

Primeiramente, a pesquisa concentrou-se em um único grupo acadêmico, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras organizações ou contextos institucionais diferentes. A especificidade das atividades e da estrutura organizacional da EmBio pode influenciar a aplicabilidade das soluções desenvolvidas, reduzindo a abrangência das conclusões.

Além disso, a coleta e análise dos dados foram baseadas principalmente em observações internas e na percepção dos membros envolvidos no processo de modelagem, o que pode introduzir um viés de confirmação. A proximidade dos pesquisadores com o grupo pode ter influenciado a avaliação dos benefícios, possivelmente superestimando os impactos positivos e subestimando eventuais dificuldades ou resistências.

Outro aspecto a ser destacado é a ausência de um acompanhamento longitudinal mais prolongado que permitisse avaliar a sustentabilidade e os efeitos de longo prazo da implementação da BPMN nas práticas da EmBio. Resultados imediatos podem não refletir integralmente as mudanças organizacionais, que geralmente demandam tempo para se consolidar.

Por fim, a adaptação da metodologia BPMN para o ambiente acadêmico envolveu escolhas específicas de modelagem e foco em determinadas áreas, como gestão documental e presença digital. Essas escolhas podem ter negligenciado outras dimensões importantes da gestão organizacional, impactando a amplitude e a profundidade da análise.

Assim, recomenda-se que futuros estudos ampliem o escopo das pesquisas, incluam múltiplos grupos e adotem abordagens metodológicas complementares, como entrevistas estruturadas, análise quantitativa e acompanhamento longitudinal, para minimizar vieses e fortalecer a validade e a confiabilidade dos resultados. A BPMN, portanto, se mostra uma ferramenta eficaz e replicável para a gestão de processos em ambientes acadêmicos emergentes.

Referências

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR ISO/IEC 19510:2013 – Business Process Model and Notation (BPMN). Rio de Janeiro: ABNT, 2013.

BANDEIRA, Lourdes Maria; ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. Vinte anos da Convenção de Belém do Pará e a Lei Maria da Penha. Revista Estudos Feministas – UFSC, v. 23, p. 501–517, 2015.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITENCOURT, A. S.; PAIVA, D. M. B.; CAGNIN, M. I. Elicitação de Requisitos a partir de Modelos de Processos de Negócio em BPMN: uma revisão sistemática. SBSI, 2016.

BIZAGI. Bizagi Modeler. Disponível em: <https://www.bizagi.com/pt/products/bpm-suite/modeler>. Acesso em: 3 jun. 2025.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 20 out. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Superior. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Sistema Único de Saúde. Brasília: CONASS, 2007. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/colec_progestores_livro1.pdf. Acesso em: 21 out. 2015.

BRASIL JÚNIOR. Panorama do Movimento Empresa Júnior 2022. Brasília: Confederação Brasileira de Empresas Juniores, 2022. Disponível em: <https://www.brasiljúnior.org.br/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CAMPOS, Vicente Falconi. TQC: Controle da Qualidade Total (no estilo japonês). 5. ed. Nova Lima: Falconi, 1992.

CHOO, C. W. A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2003.

COSTA, C. B. B. da et al. Modelagem de processos de negócios com BPMN: um estudo de caso com o uso do Bizagi Modeler. Revista de Administração e Inovação, v. 17, n. 2, 2020.

DAVENPORT, Thomas H. Process innovation: reengineering work through information technology. Boston: Harvard Business School Press, 1993.

DUMAS, M.; LA ROSA, M.; MENDLING, J.; REIJERS, H. A. Fundamentals of Business Process Management. 2. ed. Springer, 2018.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

HARMON, P. Business Process Change: A Business Process Management Guide for Managers and Process Professionals. 3. ed. Burlington: Morgan Kaufmann, 2014.

KOLSKI, C.; LESCA, H. Gestão da informação e inteligência organizacional: desafios para o ambiente digital. Revista Gestão & Tecnologia, v. 19, n. 2, p. 58–72, 2019.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOURA, F. S.; RABELO, L. M. Modelagem de processos de negócios: aplicação do BPMN em uma empresa júnior universitária. Revista de Administração e Inovação, v. 18, n. 3, p. 45–61, 2021.

OBJECT MANAGEMENT GROUP. BPMN 2.0 Specification, 2013.

OMG – Object Management Group. Business Process Model and Notation (BPMN), Version 2.0.2, 2013. Disponível em: <https://www.omg.org/spec/BPMN>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SILVA, Armando L. da; OLIVEIRA, Rafael T. de. Mapeamento e Modelagem de Processos: uma abordagem prática com BPMN. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

SILVA, R. T.; OLIVEIRA, A. L. BPMN como ferramenta de gestão estratégica: uma abordagem prática. Revista de Gestão e Projetos, v. 11, n. 2, p. 83–95, 2020.

SILVER, B. BPMN Method and Style. 2. ed. Cody-Cassidy Press, 2011.

SOUZA, Mércia Cardoso De et al. A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (Convenção de Belém do Pará) e a Lei Maria da Penha. Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 77, jun. 2010. Disponível em: http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7874. Acesso em: 18 mar. 2017.

VALLE, R.; NETO, J. A. B. Gestão por processos com BPMN: da modelagem à automação. Rio de Janeiro: Brasport, 2016.

VIEIRA, Rosângela C. da S.; ZOUAIN, Deborah Moraes. Pesquisa qualitativa em administração: fundamentos, métodos e usos no Brasil. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

WHITE, S. A.; MIERS, D. BPMN Modeling and Reference Guide: Understanding and Using BPMN. Future Strategies Inc.,car 2008.

YIN, R. K. Pesquisa qualitativa: do início ao relatório. Porto Alegre: Penso, 2016.

BPMACADÊMICO: metodologia de modelagem de processos
zoopas,+BPM+Acadêmico%20(2).pdf

A metodologia Business Process Management (BPM) e sua importância para as organizações. [tcc00084.pdf](#)

GESTÃO DE PROCESSOS ATRAVÉS DO BPM: Estudo de Caso em uma Empresa de Construção Civil* [Gestão de Processos através do BPM](#)

O livro *Tecnodiversidade: Conexões Entre Ciência, Cultura e Futuro* apresenta uma reflexão sobre a relação entre tecnologia, sociedade e diversidade de saberes. A obra propõe compreender a inovação não apenas como resultado do avanço científico, mas também como um processo influenciado por contextos culturais, históricos e sociais.

Com linguagem clara e acessível, o texto convida o leitor a perceber como ciência e cultura se entrelaçam na construção do futuro. Ao abordar temas atuais, como ética, inclusão digital, mudanças climáticas e novas formas de conhecimento, a obra estimula a pensar a tecnologia como parte da vida humana e não apenas como ferramenta técnica.

Mais do que explicar transformações, o livro incentiva a imaginar caminhos possíveis para um futuro mais justo, plural e sustentável.

Assim, a tecnodiversidade aparece como chave para valorizar diferentes formas de pensar e criar, reconhecendo na diversidade a verdadeira riqueza da inovação.

uniatual
EDITORIA

